

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

WALÉRIA CRISTINA DOS SANTOS

CÂMERA ESCONDIDA: A IDEOLOGIA DO DISCURSO JORNALÍSTICO
FRENTE AO ESPECTADOR

SÃO CARLOS
2010

WALÉRIA CRISTINA DOS SANTOS

CÂMERA ESCONDIDA: A IDEOLOGIA DO DISCURSO JORNALÍSTICO
FRENTE AO ESPECTADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e m Ciência, Tecnologia e Sociedade Vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Área de concentração: Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Linha de pesquisa: Linguagens, Comunicação e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello

SÃO CARLOS
2010

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S237ce

Santos, Waléria Cristina dos.

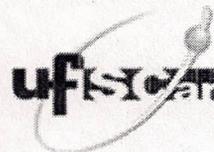
Câmera escondida : a ideologia do discurso jornalístico frente ao espectador / Waléria Cristina dos Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2011.

106 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2011.

1. Análise do discurso. 2. Jornalismo. 3. Ideologia. 4. Dialogismo. 5. Câmera escondida. 6. Televisão. I. Título.

CDD: 401.41 (20ª)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
WALÉRIA CRISTINA DOS SANTOS**

Prof. Dr. Valdemir Miotello
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan
Membro externo
UNESP/Araraquara

Profa. Dra. Cristine Gorski Severo
Membro interno
Universidade Federal de São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 24/02/2011.

Homologada na 43ª reunião da CPG do PPGCTS, realizada em
03/03/2011.

Profa. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi
Coordenadora do PPGCTS

Fomento: CAPES

Dedicatória

Para a minha família pelo incentivo, compreensão, carinho, generosidade e paciência, fatores indispensáveis para a realização deste trabalho.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Valdemir Miotello pela orientação, pela confiança e principalmente por me ensinar muito mais do que as palavras que estão escritas nos livros, por compartilhar comigo modos e possibilidades diferentes de olhar a vida e das interações que ela nos propõe.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos e pelos professores que doaram seu tempo e conhecimento.

Aos camaradas do GEGE Mateus Passos, Eduardo Nagai, Marina Figueiredo, Carlos Colussi, que caminharam comigo desde o início e principalmente pelas sugestões de leituras.

Aos amigos que conquistei durante o período do mestrado. À Cynara Telles e Gabriela Zauith pelas conversas durante o percurso das viagens. À doce Paula Chiaretti que além de companheira foi uma terapeuta nos momentos mais difíceis.

À grande amiga Renata Canales, companheira de todas as horas, pelo incentivo e força que foram determinantes para o cumprimento desta etapa.

Ao meu companheiro de todas as horas, Adejair Cristino, pelo apoio incondicional, pela motivação e principalmente por sempre acreditar em mim.

Novamente aos meus filhos, três grandes razões, que sempre me mostraram que tentar vale a pena.

Resumo

SANTOS, Waléria Cristina dos. **Câmera escondida: a ideologia do discurso jornalístico frente ao espectador**. 2011. 106f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

A Câmera escondida tem sido utilizada constantemente em telejornais como ferramenta de apreensão da notícia que será veiculada. O que ninguém leva em consideração é como o espectador absorve este tipo de atitude que parte do jornalista. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a maneira pela qual o espectador atribui significação às reportagens televisivas obtidas por meio da ferramenta câmera escondida. E, para tanto, levou-se em consideração fatores como o caráter ideológico tanto da emissora, veículo que transmite a matéria, com suas rotinas de produção da notícia, quanto do próprio jornalista que elabora a reportagem e sua inter-relação com o espectador. A discussão tem como ponto de partida temas como gêneros do discurso e a ideologia do discurso jornalístico afinando para o jornalismo investigativo, por entender que é dentro deste gênero que o jornalista faz uso de câmeras escondidas. A questão que surge é que na intenção de mostrar a notícia o jornalista afaste-se dos meios éticos não se importando com conseqüências, mas apenas com o impacto da reportagem, colocando o fato jornalístico para intensificar o indivíduo que aparece na frente da câmera como um contraventor. A princípio essa mudança de foco que deixa de olhar o fato e passa a ter o sujeito em primeiro plano pode gerar certo sensacionalismo e fazer com que o espectador seja destituído do direito de receber a verdadeira mensagem que a reportagem deveria se propor. Para desenvolver as questões propostas o estudo foi fundamentado sob a ótica do teórico Mikhail Bakhtin que discute a linguagem sob a perspectiva sócio interacionista e que nos permite, por meio de seus estudos, trabalhar com temas como a sociedade, ideologia, ética e estética, e sobretudo, pela maneira como o sujeito interage com esses discursos. Para tanto, foram utilizadas duas reportagens televisivas obtidas pelo uso da câmera escondida, que foram transmitidas em telejornais da TV Globo, e que foram apresentadas aos sujeitos entrevistados. As respostas foram fatores de máxima importância, uma vez que permitiram refletir sobre o assunto e pontuar alguns fatores importantes.

Palavras chave: jornalismo, ideologia, dialogismo, câmera escondida, televisão.

Abstract

The hidden camera has been constantly utilized in televised journals as a tool to acquire the news being broadcast. What no one takes into consideration is how the spectators feel about this type of attitude coming from the journalists. This research's objective is to analyze the way in which the spectator attributes meaning to the televised reports obtained through the use of the hidden camera. Therefore, it was taken into consideration factors such as the ideological character of both the broadcaster, responsible for broadcasting the story, with its news production routines, as well as the journalist itself, who elaborates the story and its inter-relation with the spectator. The discussion begins with subjects such as genders of speech and the ideology of journalistic speech narrowing down into investigative journalism, for the understanding that it is within' this gender that the journalists make use of hidden cameras. The question that rises is that in the intent of showing the story the journalist drifts away from more ethical approaches, not minding the consequences but merely the impact of the story, using the journalistic fact to intensify the individual appearing in front of the camera as a contravention. At first this focus shift from the fact to the subject in hand can generate certain sensationalism and destitute the spectator of its right to be in contact with the true message the story should be focusing on. To develop the proposed questions this study was fundamented under the optic of the theorist Mikhail Bakhtin, who discusses the language under the social interactionist perspective and allows us, through his studies, to work with themes such as society, ideology, ethics and aesthetics, and above all, the way the subject interacts with these speeches. Therefore, two televised stories obtained with the use of hidden cameras were utilized, which have been broadcast in televised journals on TV Globo and that were presented to the interviewed subjects. Their answers were of utmost importance, since they allowed the reflection about the subject as well as some important factors.

Keywords: journalism, ideology, dialogism, hidden camera, television

Sumário

1	Introdução.....	12
2	Metodologia e dados das reportagens.....	16
2.1	Os sujeitos participantes da pesquisa.....	19
2.2	A câmera escondida nas reportagens.....	20
3	Gêneros do discurso.....	26
3.1	A Ideologia presente no discurso jornalístico.....	29
4	A história do jornalismo onde tudo começou.....	31
4.1	Da imprensa para a TV: o telejornalismo no Brasil.....	37
4.2	O jornalismo investigativo: o vale tudo em nome da informação.....	44
4.3	O gênero no Brasil.....	50
4.4	O produto final do jornalismo: a notícia.....	54
5	A globalização da informação.....	62
5.1	Ética e estética.....	67
5.2	O discurso jornalístico.....	72
6	A evolução tecnológica e a mídia televisiva.....	75
6.1	A palavra falada na TV.....	81
6.2	Sorria, você está sendo filmado.....	86
7	Considerações finais.....	88
8	Referências bibliográficas.....	92
9	Anexos.....	98

Apresentação

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre como o espectador atribui sentido ao uso da câmera escondida no jornalismo investigativo de televisão. Esta ferramenta está cada vez mais presente nos telejornais e tem sido utilizada como meio de apreensão da notícia que vai ser veiculada.

Antes de polemizar o assunto, fez-se necessário um embasamento teórico. Como a bibliografia específica sobre o uso da câmera escondida é limitada, ampliou-se o estudo sobre a atividade jornalística, a conduta do profissional frente ao público e a empresa em que trabalha, bem como temas que servem como fio condutor para esta pesquisa como dialogismo, ideologia, gêneros do discurso.

Para tanto, usou-se como referencial teórico o filósofo russo, Mikhail Bakhtin, que faz uma análise sobre estes conceitos que são os fatores relacionados à bagagem cultural desse profissional, meio social ao qual ele pertence que o faz agir de uma determinada maneira e guia suas escolhas.

No primeiro capítulo deste trabalho, fizemos uma exposição geral dos demais capítulos que contemplarão este estudo e a forma como ele está ordenado.

No capítulo 2, discorreremos sobre o processo metodológico e sobre a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa. Foi feita uma pesquisa qualitativa com um questionário estruturado contendo doze questões fechadas nas quais os entrevistados podiam complementar a parte, além de outra questão em aberto.

As respostas não ficaram restritas a uma análise desmembrada do estudo em questão, por entender que cada capítulo sugere um parecer dos entrevistados para melhor entendimento e reflexão sobre suas perspectivas e modo de enxergar os temas que não estão desvinculados e soltos, mas interligados uns aos outros e que desta forma, caminham para uma maior reflexão do objeto de análise.

Vale salientar que, em nenhum momento desta pesquisa, não houve nenhum grau de distinção ou de valoração entre sujeitos participantes das entrevistas e os autores que foram utilizados para as várias discussões. Isto, por entender que pela visão bakhtiniana o olhar do outro, o ponto de vista do outro é que completa o todo e ambos caminham às vezes na mesma direção, às vezes em direção oposta, mas na mesma linearidade.

No capítulo 2, colocamos disposta a metodologia utilizada neste estudo, e como foi feita a escolha dos sujeitos participantes do mesmo, além de colocar de forma clara a transcrição das matérias que seriam visualizadas pelos entrevistados.

Posta a metodologia e tipo de pesquisa tomamos como ponto de partida no capítulo 3 os gêneros do discurso, a sua diversidade e formação, sob a visão bakhtiniana, além da questão da ideologia presentes neste discurso, pois entendemos que todo discurso é carregado de ideologia, aqui mais especificamente, dentro da atividade jornalística.

No capítulo 4, constatamos que para entender o presente é necessário compreender o passado, neste sentido, a idéia foi discorrer sobre a história do jornalismo, desde sua concepção, para traçar uma linha de raciocínio e entender as transformações sofridas neste campo, ao longo da história, que fizeram com que a atividade se transformasse neste jornalismo pós-moderno.

Foi feito um estudo sobre a origem histórica do jornalismo, sua importância para a sociedade e afunilamos para o gênero investigativo, dentro do telejornalismo, pois a questão principal deste estudo acontece especificamente dentro do jornalismo investigativo, termo de certa forma redundante para alguns autores, uma vez que todo jornalismo utiliza-se da investigação no processo de apuração da notícia.

Para compreender o que diferencia esse gênero dos demais foi necessária uma abordagem histórica para saber quando surgiu, além de conhecer os métodos utilizados dentro desse gênero e, aqui, entra a utilização da câmera escondida, alvo de toda a pesquisa. Esse foi o tema do segundo capítulo deste trabalho.

Depois disso, percebeu-se que não teria como falar do tema dentro do jornalismo sem analisar o produto jornalístico, a notícia, em sua concepção. Portanto, fez-se uma relação entre a ética e a notícia, para melhor compreensão e para contextualizar, uma vez que a notícia é o produto final e a razão de se utilizar a câmera escondida.

Para saber o que de fato é notícia, o que deve ser apresentado ao público, como é feita a escolha de uma notícia em detrimento de outra, primeiramente fez-se um retrospecto sobre as teorias da comunicação para tentar entender os caminhos do processo de definição e elaboração da notícia.

No capítulo 5, aqui adentramos em temas que estão presentes na atividade jornalística que é a questão da globalização da informação, o fato de uma mesma notícia, por exemplo, chegar aos quatro cantos do planeta de forma quase instantânea.

Os pontos positivos e negativos que envolvem o assunto, desde as disparidades sociais, os conglomerados hegemônicos que detém o poder da informação, a mesmificação e a pasteurização da notícia, além da desterritorialização da informação.

Para falar de pontos tão contundentes dentro de uma atividade tão importante foi feita uma trajetória, mesmo que de forma superficial, sobre questões que perpassam pelo fazer jornalístico, desde a conduta do jornalista frente à dualidade certo/errado e dos valores que cercam o assunto, neste sentido, foi imprescindível analisar e diferenciar, à luz das correntes filosóficas, estes conceitos, uma vez que são eles que norteiam as escolhas, decisões e atitudes dos jornalistas. E, a partir desse ponto, refletiu-se sobre questões relevantes que envolvem a ética e a estética dentro do campo jornalístico.

Para discutir o tema proposto foi feita uma análise em que se questionou alguns dilemas que estão presentes no dia-a-dia da atividade jornalística, como por exemplo, a dicotomia entre privacidade e interesse público, o público e o privado, deveres e direitos, além de métodos considerados ilícitos que são amplamente utilizados por jornalistas para apreensão da notícia.

Verificou-se o quanto estas questões deixando margem para diversas interpretações internalizadas pelos próprios jornalistas que, baseados em seu repertório cultural, na sua origem econômica e social, vão se posicionar diante de cada diferente situação.

No capítulo 6, foi a vez de analisar a evolução da TV, uma vez que o avanço de todo o aparato tecnológico é que tornou possível o uso da câmera escondida tanto em reportagens jornalísticas, quanto no entretenimento e na segurança individual e pública.

Após percorrer a teoria sobre o assunto, juntamente com a visão dos entrevistados foi possível apontar reflexões e considerações sobre o uso da câmera escondida em reportagens televisivas frente ao espectador que estão expostas no último capítulo.

1 Introdução

A televisão tem se transformado em objeto de estudo desde que surgiu. Para alguns pesquisadores, como os da chamada Escola de Frankfurt, era tida como bem de consumo ligada ao capitalismo. Para eles os sujeitos eram manipulados voluntariamente, uma vez que era o próprio consentimento popular que fazia funcionar a Indústria Cultural¹. Para esta corrente filosófica “a indústria cultural não democratiza nem humaniza o consumo dos bens culturais. Ao contrário, o consumidor é transformado num instrumento de lucro e dependente do capital” (CALDAS, 1991, p. 41).

Neste sentido a consciência do indivíduo era submissa à racionalidade capitalista, de forma tão exacerbada, que os próprios consumidores se tornavam produtos de consumo. Até mesmo as relações com os outros e com a própria natureza eram regidas por uma cultura de mercado, que sucumbia o indivíduo a sua racionalidade, tornando-o dependente e incapaz de tomar alguma decisão ou fazer algum julgamento de forma consciente.

Na visão destes teóricos, nesta indústria cultural, tudo se torna negócio e é relativizado pela lógica do consumo, cuja exploração é feita por meio dos bens considerados culturais. Patias (2006, p. 89) acrescenta que: “A padronização dos produtos e as manifestações da indústria cultural passam inevitavelmente a influenciar as pessoas, reproduzindo-as tais como as modelou a indústria em seu todo”. E o resultado desta padronização pode ser percebido na nivelção entre os produtos de consumo e entre as escolhas feitas pelos indivíduos.

Em contraposição ao pensamento acima a Escola Proguessista-Evolucionista propõe a Teoria do Pluralismo² que tinha sua fundamentação na participação democrática da população por meio da cultura de massa.

¹ O conceito de indústria cultural foi divulgado por Adorno e Horkheimer em *A dialética do esclarecimento* (1985). Adorno propunha que a indústria cultural tinha como objetivo a integração vertical dos consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo de massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo.

² Segundo Caldas (1991) Existiria um pluralismo social (diversas classes sociais), político (várias tendências político-ideológicas) e cultural, onde todas as classes sociais, sem distinção, teriam acesso à

Basta observar os meios de comunicação para evidenciar pelas programações existentes que a democratização deles não foi alcançada. E mesmo se houvesse sido, ainda sim os sujeitos são afetados, diferentemente, por uma mesma ideologia, e isso não daria garantias à democratização. Ao contrário do que propõe Adorno, há que se levar em conta uma parcela de autonomia, ainda que mínima, do sujeito.

No Brasil alguns pesquisadores também se embrenharam pelo mesmo caminho e fizeram os mais variados estudos a cerca da televisão. Como por exemplo: Lins da Silva, em seu livro *Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do jornal nacional da globo entre trabalhadores*, no qual analisa a recepção do Jornal Nacional em duas comunidades localizadas em cidades diferentes e os fatores que causam interferência nesta audiência.

Arlindo Machado no livro *A televisão levada a sério* que propõe um estudo sobre os diversos produtos veiculados pela televisão. Bernardo Kucinsk em seus livros: *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro e Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*, voltados para a atividade jornalística tendo como centralidade a ética nas diversas situações enfrentadas no dia a dia pelos profissionais da área. Pereira Junior que estuda os aspectos da produção da notícia e suas rotinas produtivas nos livros: *Decidindo o que é notícia os bastidores do telejornalismo e Telejornalismo a nova praça pública*.

Estes autores entraram para o círculo daqueles que utilizaram a televisão como objeto de estudo e fazem estudos e críticas à televisão nos seus mais variados aspectos.

O jornalista, Eugênio Bucci, que também faz parte deste círculo, é outro autor que faz uma crítica bem consistente ao poder hegemônico das redes de concessão de TV e em alguns de seus livros como: *Ética e imprensa* e *Videologias* fala sobre a postura dos jornalistas frente às empresas e frente ao cidadão.

Neste mesmo caminho um grupo musical chamado *O teatro Mágico* tem uma proposta diferenciada das demais bandas e cantores presentes no cenário nacional. Eles estão na contramão da chamada grande mídia e como forma de protesto à indústria fonográfica deixa livre as músicas cantadas por eles na internet. Livres para quem quiser ouvir, consumir, fazer o *download*, baixar sem custo algum. Este grupo canta uma

cultura. Porém, esta cultura, seria produzida em larga escala e consumida pelo grande público por meio dos veículos de comunicação como o rádio, televisão, revistas, jornais, etc. Seria, segundo o autor, uma cultura de massa genuinamente democrática que tornaria possível a real participação e integração do homem na sociedade.

música em seus shows e também na internet bem pertinente a este trabalho, pois a letra também faz uma crítica à televisão.

Xanéu n°5

*A minha TV não se conteve, atrevida,
passou a ter vida olhando pra mim
Assistindo a todos os meus segredos,
minhas parcerias, dúvidas, medos
Minha TV não obedece*

*Não quer mais passar novela, sonha um dia
em ser janela, não quer mais ficar no ar
Não quer papo com a antena, nem saber
se vale a pena ver de novo tudo que já vi... vi*

*A minha TV não se esquece nem do preço,
nem da prece que faço pra mesma funcionar
Me disse que se rende à internet, em suma,
não se submete a nada pra me informar*

*Não quis mais saber de festa,
não pensou em ser honesta funcionando quando precisei
A notícia que esperava consegui na madrugada num site
flickr-blog-fotolog que acessei*

*A minha TV tá louca, me mandou calar a boca
e não tirar a bunda do sofá
Mas eu sou facinho de marré-de-si, se a maré subir,
eu vou me levantar
Não quero saber se acabo
nem se minha assinatura vai mudar tudo que aprendi
Triste fico seriado, um bocado magoado
sem saber o que será de mim*

*Refrão
Ela não sap quem eu sou,
ela não fala a minha língua
Ela não sap quem eu sou,
ela não fala a minha língua*

*Enquanto pessoas perguntam porque,
outras pessoas perguntam porque não
Até porque não acredito no que é dito,
no que é visto,
Ter acesso é poder e o poder é a informação,
Qualquer palavra satisfaz a garota, o rapaz
E paz, quem traz, tanto faz?*

*O valor é temporário, o amor imaginário,
a festa e o perjúrio
O minuto de silêncio
é o minuto reservado de murmúrio,
de anestesia
O sistema é nervoso e te acalma
com a programação do dia
Com a narrativa
A vida ingrata de quem acha que é notícia,
de quem acha que é momento,
Na tua tela,
Quer ensinar fazer comida uma nação
que não tem ovo na panela
Que não tem gesto,
Quem tem medo assimila
toda forma de expressão como protesto!*

*Num passado remoto perdi meu controle
Num passado remoto perdi meu controle*

*Era a vida em preto-e-branco.
Quase nunca colorida, reprisando coisas que não fiz...
Finalmente se acabando feito longa, feito curta,
que termina com final feliz*

*Refrão
Ela não sap quem eu sou,
ela não fala a minha língua
Ela não sap quem eu sou,
ela não fala a minha língua*

*Eu não sei se paper-view,
ou se quem viu tudo fui eu
Eu não sei se paper-view,
ou se quem viu tudo fui eu*

Esta música foi a maneira que o grupo encontrou de criticar a televisão colocando-a em conformidade com Bucci (2004) e Machado(2000) como aquele fluxo ininterrupto de imagens e mensagens que jorra para fora de si para quem desejar consumir as mais variadas formas de informações, entretenimentos e todo o tipo de programação.

Como se a TV tivesse uma vida própria não obedecendo ao espectador que assiste a tudo passiva e amedrontadamente. De criador e dominador passou a ser dominado pela máquina televisiva.

Eles vão além e falam sobre o caráter mutável e fugaz do que é veiculado, do que é visto, da fama ilusória e passageira de quem se acha famoso pelo fato de ter aparecido na TV.

A impressão que fica pela letra da música acima é que este frenesi de imagens e mensagens vai se embaralhando na cabeça do espectador e num clímax vertiginosos o induz a uma confusão em relação aos tantos tipos de programas, falas e repetições que leva a pessoa a desacreditar se ela realmente assistiu a algo ou se foi outra pessoa.

Não só musicalmente, mas também em filmes e livros, a televisão tem sido alvo de críticas à banalização, à manipulação, ao sensacionalismo, ou mesmo à deturpação da realidade. Esta pesquisa pretende analisar o que a sociedade pensa sobre o uso da câmera escondida como ferramenta de apreensão da notícia, qual a validade que ela tem sob o ponto de vista do espectador que aqui é o consumidor final.

Sabemos que o jornalismo ao longo de sua história tem sofrido transformações, tanto no *modos operandi*, como na maneira de divulgação da notícia e isso se deve em parte pela evolução tecnológica que permite ao consumidor final seja ele leitor, espectador ou internauta ter acesso à notícia da forma que desejar.

É com base no conceito de dialogismo de Bakhtin (1997) que leva em consideração o Outro, as interações, o contexto histórico-social e a interdiscursividade dos gêneros do discurso que esta pesquisa se propõe a ouvir os sujeitos para analisar os diferentes pontos de vista a respeito da câmera escondida no telejornalismo.

Para tanto, será feita a contextualização histórica do jornalismo e sua evolução, tanto em relação aos suportes utilizados para veicular a informação, quanto aos diferentes gêneros com suas formas e estilos específicos dentro do próprio jornalismo. Dando ênfase ao gênero jornalismo investigativo, uma vez que, é dentro dele que os jornalistas utilizam a câmera escondida. Será abordado também o suporte televisivo e o telejornal, palco principal, de onde são veiculadas as reportagens feitas a partir da câmera escondida.

2 Metodologia e dados das reportagens

Neste trabalho, está em discussão a maneira pela qual a sociedade atribui sentido às reportagens veiculadas no telejornalismo ao utilizar instrumentos como a câmera

escondida para a obtenção de informações sem o consentimento das pessoas envolvidas. A indagação que surgiu foi sobre o uso da ferramenta especificamente em duas situações distintas:

a) Quando objetiva a denúncia de fato de interesse público revelando, com a câmera oculta, o participante ativo em esquemas criminosos.

b) Quando além da denúncia de fato relevante, macula a imagem pessoal de um participante passivo.

O primeiro passo para a realização foi um levantamento bibliográfico que permitiu reunir conhecimento específico acerca do tema proposto, tornando-se suporte teórico para as etapas do trabalho. A seguir foi aplicado o método classificado como pesquisa-ação que segundo Thiollent (1980, p.64) “... oferece-se às pessoas interrogadas a possibilidade ou mesmo a necessidade de raciocinar para que seja captada uma informação relevante e não uma vaga reação moral baseada na desinformação.”

A partir deste método tendo como base um questionário semi-estruturado, com roteiro de perguntas previamente estabelecido, porém aberto às respostas a respeito do tema e sobre as reportagens foi possível chegar a resultados que apontam para a melhor atuação do profissional do jornalismo junto à sociedade, uma vez que estão sedimentados sobre o caráter ideológico e ético dessa atividade.

Em um tema tão controverso e que tem sido alvo de discussões por especialistas e pela própria mídia, não há como generalizar os resultados, pois isso seria simplificar o problema e as complexidades que cercam a questão.

As duas matérias jornalísticas que formam o *corpus* desta análise foram transmitidas pela TV Globo, emissora líder de audiência, sendo uma no Jornal Nacional e a outra no Jornal da Globo. As duas têm em comum o fato dos repórteres utilizarem a câmera escondida como ferramenta para conseguir parte das informações e imagens veiculadas na matéria.

A primeira foi ao ar no dia 10 de abril de 2007 no Jornal da Globo e mostra os bastidores de uma clínica clandestina especializada em abortos. A reportagem expõe a atendente que não sabe que participa de uma matéria jornalística e que terá sua imagem exposta na televisão.

Ela está disponível no site: <http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL887433-16021,00-ABORTO+CLANDESTINO.html>

A outra foi veiculada no Jornal Nacional no dia 10 de setembro de 2007 e mostra o dono de uma empresa de merendas escolares pagando propina para vencer uma licitação no endereço abaixo:

<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL575407-10406,00-EMPRESA+QUE+VENDE+MERENDA+ESCOLAR+E+ACUSADA+DE+CORRUPCAO.html>

A diferença entre as duas reportagens é que na primeira a atendente é um agente passivo do ato considerado ilegal, já na segunda o dono da empresa que teve sua imagem divulgada na matéria é o agente ativo de um ato ilegal.

Este trabalho tem como aporte teórico os fundamentos de Bakhtin que aborda os conceitos de ideologia, dialogismo, gêneros do discurso a partir da interação dos indivíduos e da perspectiva sócio-histórica que torna o sujeito capaz de agir de maneiras diferenciadas em situações diversas.

São os desejos e vontades formados social e culturalmente que determinam ações e sentidos que envolvem os lados cognitivos, emotivos, estéticos e éticos, que guia as escolhas do indivíduo.

Um dos objetivos desde o princípio é analisar o fazer jornalístico sob a ótica da sociedade com a finalidade de se compreender as rotinas de produção da notícia com suas forças e tensões e os fatores que levam à decisão ou direcionamento do uso da câmera escondida para apreensão da imagem que será veiculada sob o pretexto de informação ao espectador.

Não há como refletir sobre as reportagens televisivas sem levar em conta o entendimento do profissional em relação ao meio em que ele atua e sem analisar a responsabilidade das ações dos jornalistas atuantes nesse veículo.

A partir destas questões pretende-se abordar o jornalismo sob diversos ângulos, dissecar não de maneira desvinculada de qualquer arbitrariedade, mas levando em consideração todo o contexto histórico social que envolve o fazer jornalístico.

Levando em consideração não somente o que é mostrado ao público, mas os bastidores da notícia: como a sua escolha, a grade de programação, e o poder econômico que permeia e de certa forma dita as diretrizes, as normas a serem seguidas, por vezes agindo como uma censura invisível que cerceia o meio.

2.1 Os sujeitos participantes da pesquisa

Durante uma reunião na Associação de Moradores do Jardim Manoel Penna, em Ribeirão Preto, foi feita uma explanação sobre os objetivos desta pesquisa.

Depois disso foi feito um convite para que as pessoas presentes participassem e após retirar as dúvidas, quanto a não divulgação da identidade dos participantes durante todo o processo, conforme o termo de consentimento livre e esclarecido, foram selecionadas quatro pessoas, moradores do respectivo bairro, número pré-estabelecido anteriormente, por se tratar de uma pesquisa qualitativa a qual não necessita de uma amostragem com um percentual referente ao número de moradores do bairro, ao número de habitantes ou mesmo ao número de participantes na Associação.

A pesquisa foi realizada na residência dos sujeitos pelo fato de que além de ser o centro das atenções nos ambientes domésticos ela ainda se constitui, para a maioria dos entrevistados, na única fonte de informação oficial e entretenimento.

Para uma das entrevistadas “Na televisão aparece muita coisa importante que a gente só fica sabendo pelo jornal” outra entrevistada acrescenta que ao assistir ao telejornal se sente totalmente informada “tudo o que acontece e que é importante aparece no jornal”.

O fato dos entrevistados utilizarem termos como: muita coisa importante, a gente só fica sabendo pelo jornal e tudo o que acontece aparece no jornal, demonstra claramente que estas pessoas julgam a televisão como detentora da verdade, como uma voz oficial de fato, digna de credibilidade, uma vez que, para elas o que é importante aparece na TV sendo esta a fonte máxima de informação.

É por meio da televisão que eles sabem tanto o que acontece na cidade onde moram, quanto sobre episódios que acontecem no âmbito nacional e internacional. Pois, na opinião dos entrevistados, ela mostra tudo a quem quiser ver. Conforme constata uma das entrevistadas “No jornal, principalmente no Jornal Nacional, das oito, a gente fica sabendo coisa que acontece lá do outro lado do mundo. Tem lugar que a gente nunca ouviu nem falar e aparece na televisão.”

O jornal é traduzido para estes entrevistados como um efeito de verdade, é como se a mídia reproduzisse os fatos tal e qual aconteceram, sem nenhuma distorção. Em nenhum momento foi colocado por nenhum dos entrevistados o que está por trás das câmeras e o trabalho técnico pelo qual passa a matéria desde sua captação até o momento que é veiculada, com todos os cortes e edições. É como se não existisse nenhum tipo de filtro mediador.

Há que se levantar aqui um ponto extremamente importante e que não pode ser deixado à parte: o fato de que sem perceberem, no dia a dia, de forma natural, as informações chegam de diversas outras fontes, como por exemplo, por meio das conversas informais no ponto de ônibus sobre os acontecimentos, no ambiente de trabalho, nos bares, nos cafés e até mesmo no super mercado. Nestas interações com os vários Outros as vozes refletem e refratam as outras vozes que transmitem e retransmitem as informações, os fatos importantes dos acontecimentos diários que são reelaborados e recontados mediante conversas informais.

Por se sentirem mais à vontade em suas residências os participantes deste estudo responderam as perguntas relacionadas ao questionário sem nenhum tipo de restrição. Neste sentido a presente pesquisa corrobora com a visão dos pesquisadores Morley (1986) e Moores (1993) que atribuem ao ambiente familiar um ambiente favorável para a análise dos usos e consumos televisivos.

2.2 A câmera escondida nas reportagens

Segue abaixo as matérias que serviram como objeto deste estudo. A primeira foi veiculada no Jornal da Nacional, exibida no dia 10 de setembro de 2007, e mostra o dono de uma empresa de merendas escolares pagando propina para vencer a licitação. A reportagem foi produzida pelos repórteres Giovanni Grizotti, Giancarlo Barzi e Guacira Merlin. Nesse caso, o repórter usou a câmera escondida para obter todas as informações sobre a negociação que envolvia a licitação.

As duas matérias televisivas feitas com câmera escondida e utilizadas como *corpus* da análise desta pesquisa foram veiculadas na Rede Globo de Televisão. A

primeira, no Jornal da Globo do dia 10/04/2007, arquivada no Centro de Documentação da TV (CEDOC), sob o título “Clínica de Aborto em Campo Grande”, com duração de 4'26” (quatro minutos e vinte e seis segundos); a segunda matéria foi veiculada no Jornal Nacional do dia 10/09/2007 e está arquivada como “Empresa que vende merenda escolar é acusada de corrupção”, com a duração de 2'41” (dois minutos e quarenta e um segundos).

A reportagem sobre a clínica de aborto foi produzida pelos repórteres William Santos, Ana Raquel Copetti e Honório Jacometo. Nela dois jornalistas se passam por pacientes e utilizam uma câmera escondida para conseguir as informações sobre como funcionam os bastidores de uma clínica clandestina especializada em aborto. A matéria expõe as atendentes que trabalham no local e que não sabem que são alvos de uma reportagem.

A enunciação da matéria ³ feita pelo apresentador do Jornal da Globo, o jornalista William Waack, dizia:

- “O debate sobre o aborto no Brasil já é travado por grupos bem organizados – pró e contra a legalização –, incentivados pela proposta de um plebiscito que o Senado aprovou e terá de ser examinada ainda pela Câmara. No momento, o principal embate político é pela realização ou não do plebiscito. No Brasil, a lei permite o aborto apenas em casos muito restritos: quando há risco para a mulher ou quando a gravidez decorre de estupro. A questão do aborto torna-se ainda mais visível diante da atividade de clínicas que facilitam a interrupção da gravidez”.

Depois da enunciação, a matéria gravada em videoteipe foi levada ao ar. Segue descrição e transcrição da reportagem:

Imagem mostra a placa na fachada de uma clínica no centro de Campo Grande que anuncia um serviço de planejamento familiar. Por telefone, o repórter marca uma consulta sem revelar sua verdadeira identidade. A atendente evita dar detalhes sobre o procedimento. A conversa entre os dois mostrada na reportagem ocorre da seguinte forma:

Atendente: - “Você vem na consulta. Aí vai passar a paciente na ultrassom, tudo. Vai passar pela doutora. A doutora vai tirar todas as dúvidas”.

³ No jargão jornalístico, essa enunciação chama-se cabeça que, segundo VIZEU, é a abertura de uma notícia. É a narração de um fato importante da matéria. A função é despertar o interesse do telespectador para o assunto.

Repórter: - “A gente não sabe ainda o período de gravidez, entendeu?”

Atendente: - “Então, na ultrassom já vai ver tudo”.

Corte e cena e a equipe de jornalismo entra na clínica de aborto com uma microcâmera escondida. Depois de preencherem uma ficha, a recepcionista, que evita a palavra aborto, diz que o valor do procedimento é calculado de acordo com o tempo de gestação:

Atendente: - “Cada período tem o seu preço. Só a consulta é R\$ 120”.

O casal paga à outra atendente da clínica, que chamaremos de atendente 2, que recebe antecipadamente o valor da consulta e diz que dará nota fiscal:

Atendente 2: - “Eu vou pegar o bairro e já te dou a nota, tá? Pode aguardar ali”.

Só depois de pagar a consulta é que o casal de jornalistas disfarçado é recebido por uma psicóloga. Ela se identifica como Simone Souza e diz trabalhar na clínica há um ano e ser a responsável pela triagem das pacientes que querem interromper a gestação. Ela diz:

Psicóloga: - “A mulher chega até nós para fazer um aborto, mas na verdade ela está sendo coagida, né? O namorado não quer, o marido não quer. Na grande maioria das vezes é um amante, entendeu?”

Perguntada sobre a atividade na clínica, a psicóloga afirma que é um trabalho de orientação sexual:

Psicóloga: - “Porque a gente tem também todo um trabalho... eu tenho esse trabalho aqui de orientação sexual, de orientar para que não engravide novamente. Inclusive, se quiser colocar o DIU, a doutora coloca. Nesse mesmo valor, sem oneração nenhuma mais, sabe? Aí passa (sic!) quatro anos e a pessoa me aparece aqui grávida de novo!? Aí já é sacanagem”.

Repórter: - “E tira de novo?”

Psicóloga: - “É”.

A psicóloga tenta convencer a jornalista que o procedimento é simples:

Psicóloga: - “Vai ser sedada, não vai ver nada. Você toma um sedativo, e a hora que acordar, tá pronto”.

Repórter: - “O que é feito?”

Psicóloga: - “Coloca-se uma cânula dentro do útero e faz uma aspiração. Dentro da clínica, você vai ficar umas três horas ... (corte de edição⁴) É uma bolha de sangue do

⁴ Segundo VIZEU, corte de edição é o ato de comutar a imagem de uma fonte geradora para outra no *switcher* ou na edição. A edição é uma sucessão de cortes.

tamanho de uma ervilha. Ali nem está óvulo fecundado, é tudo misturado. Não é nada. Quer dizer: é uma vida? É. Quer dizer, se você pegar um feijãozinho e botar ele na água com algodão e deixar ali ele também vai começar a brotar”.

Repórter: - “Minha família é contra o que eu estou fazendo...”

Psicóloga: - “Gente, todo mundo é contra. Já falei pra ela, e falo agora com você aqui presente: a gente é contra até o momento que a gente vê a necessidade da gente fazer. Por isso, não dá pra pré-julgar ninguém. Preconceito é uma coisa terrível. (corte de edição) Ontem mesmo eu atendi uma menina. Ela estava assim... ela chorou e tudo. Aí eu falei pra ela: na verdade, o dia em que você tiver um filho, ele vai ser muito amado. Porque você já está preocupada com o futuro de uma pessoa que você possa a vir a pôr no mundo”.

E, finalmente, a psicóloga diz quanto custa fazer um aborto na clínica:

Psicóloga: - “O valor do procedimento é de R\$ 5 mil”. (Respira fundo e depois dá um sorriso).

Depois das imagens e áudio serem gravados pela câmera oculta e com base no flagrante da clínica em questão cometer crime, uma jornalista do Jornal da Globo entra em contato por telefone com a psicóloga da clínica, Simone Souza, para que ela dê uma entrevista sobre a atividade de aborto. Ela recusa e afirma não trabalhar mais na clínica.

A equipe de jornalismo é então recebida pela médica da clínica, Neide Mota Machado, que confirma que pratica aborto. Ela defende que o trabalho que realiza há quase 20 anos é uma forma de evitar que mulheres que não querem mais a gravidez se arrisquem ao fazer o procedimento numa clínica que não oferece a assistência médica adequada:

Médica: - “Se elas não têm onde fazer bem feito, elas vão fazer mal feito e vão morrer! Esse é o xis da questão. As mulheres pobres que têm um compromisso social muito grande, elas morrem. Elas vão fazer uma interrupção sem uma assistência médica, fazem da pior maneira possível. Elas perdem os úteros, perdem a vida, deixam os filhos pequenos”.

A médica sabe que a prática da clínica é ilegal:

Médica: - “Não é questão de deixar na ilegalidade que vai mudar a situação. O que tem que se fazer é legislar a favor”.

De acordo com o Código Penal brasileiro, praticar aborto é crime e o médico está sujeito a pena que varia de um a oito anos de prisão.

A outra matéria a ser analisada foi veiculada no Jornal Nacional e aborda uma empresa que vende merenda escolar, acusada de corrupção. Nela o dono de a empresa paga propina para vencer uma licitação. A reportagem foi produzida pelos repórteres Giovani Grizotti, Giancarlo Barzi e Guacira Merlin. Nesse caso, o repórter usou a câmera escondida para obter todas as informações sobre a negociação que envolvia a negociação.

A enunciação da reportagem foi feita pela apresentadora Fátima Bernardes:

“Uma empresa que vende merenda a escolas públicas é acusada de oferecer propina para assegurar a vitória nas licitações. Os contratos estão sob investigação”.

Depois da enunciação, a matéria gravada em videoteipe foi levada ao ar. Segue transcrição da reportagem:

Repórter fala enquanto aparecem as imagens de Medina entrando em uma sala de reuniões e sentando:

Repórter (em off) ⁵: - “Com uma câmera escondida, flagramos a proposta que Carlos Roberto Medina, representante da empresa SP Alimentação, faz para uma prefeitura gaúcha. Para ganhar uma licitação de merenda escolar, ele oferece propina de 300 mil reais”.

(Conversa gravada com câmera oculta)

Medina: - “A minha idéia é a seguinte: dar 300 paus agora na entrada. Assinou o contrato, comecei a trabalhar, 300 paus”.

Repórter: - “Para isso, a prefeitura adotaria o edital que a própria empresa elaborou”.

Medina: - “O nosso contrato está pronto, inclusive com os valores e tal. Vai dar uma verba de uns 400 mil reais”.

Repórter (em off): - “Medina também promete ajuda financeira para as eleições do ano que vem”.

Medina: - "E quero ajudar na campanha violentamente. Quero te por 400 paus na campanha”. (corte de edição)

Aparece a imagem em contra luz da ex representante de um conselho escolar.

⁵ Segundo Paternostro, *off* é o texto da notícia gravado e coberto com imagens sem a presença do repórter no vídeo.

Repórter (em off) enquanto a imagem em contra-luz é mostrada: - “A ex-representante de um Conselho Municipal de Alimentação Escolar, que prefere não aparecer, acusa as grandes empresas de manter um acordo para dividir os contratos”.

Ex-representante: - “De oito empresas que haviam retirado o convite, apenas uma se apresentou. Inclusive, eu acreditei que não iria sair”.

Aparece a imagem da repórter Guaciara Merlin, em passagem⁶ que diz: “-As suspeitas contra as empresas levaram a investigações de contratos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Em Alagoas, o contrato com a empresa SP, que fornece alimentos para escolas públicas de Maceió, está suspenso”. (corte de edição)

Aparece a imagem da Promotora da Fazenda Pública Fernanda Moreira.

Promotora: - “O Conselho de Alimentação Escolar nos comunicou e denunciou o aumento excessivo no custo da merenda escolar e, analisando a documentação, também nós também encontramos algumas irregularidades no que diz respeito à lei de responsabilidade fiscal e também a lei de licitação”. (corte de edição)

Aparece a imagem do vereador Alípio Zandonai. Enquanto a repórter (em off) diz: - “Este vereador de Sapucaia do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre, acusa a SP Alimentos de superfaturamento de preços desde que a merenda foi terceirizada”.

Vereador: - “Em 2004, quando era municipalizada, a merenda era sessenta e um centavos. Em 2005, pulou para um e vinte e cinco centavos e no ano seguinte pra um e sessenta e cinco centavos. Então houve um acréscimo substancial, né, de cento e vinte e cinco por cento no primeiro ano e cento e sessenta e cinco no segundo ano”. (corte de edição)

Aparece a imagem da nota fiscal e enquanto a repórter fala as palavras cenoura e chuchu, os respectivos valores aparecem em destaque.

A repórter (em off): - “A nota fiscal mostra que a SP forneceu o quilo da cenoura por mais que o dobro do preço de atacado. O chuchu custou três vezes mais”. (corte de edição). Aparece a imagem do nutricionista da prefeitura, José Adelino Dacal, enquanto a repórter diz (em off): - “Este nutricionista da prefeitura critica a qualidade da merenda”.

Nutricionista: - “A empresa teria condições de, com esse valor que recebe, né, fornecer uma alimentação de melhor qualidade do que fornece hoje”. (corte de edição)

⁶ Segundo VIZEU, passagem é a parte que faz ligação entre um trecho da reportagem e outro. Serve de ponto, no caso das reportagens que ocorrem em dois lugares distintos.

A imagem volta para a apresentadora do Jornal Nacional, Fátima Bernardes, que encerra o assunto com nota pé⁷ que diz: - “A direção da SP Alimentação negou que tenha participado de qualquer oferta de propina”.

3 Gêneros do discurso

Para compreender o jornalismo e suas divisões enquanto gêneros que se entrelaçam e se unem para recriar outros gêneros será abordado o conceito de gêneros do discurso colocado por Bakhtin (2003) para quem a linguagem é a força motriz que une as diferentes facetas da realidade.

Para ele a linguagem permeia todo e qualquer tipo de atividade humana e não só permeia como também é a responsável por interligar todos os campos dessas atividades. A conectividade com esses campos apenas é possível mediante o uso da língua, uma vez que, ao construir um universo de signos que não é só verbal muitas vezes é imprescindível interpelá-los com uma linguagem verbal, que pode não ser suficiente para transportar o que só aquele universo consegue.

A linguagem é regida pelas relações humanas que não existe enquanto sistema autônomo, solto. Para Bakhtin (2003, pág. 261) “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados” elaborados por cada frequentador de um campo específico e visando a uma determinada finalidade.

No caso da televisão a finalidade é fazer com que o espectador compactue com a sua visão, assista aos programas veiculados e gere audiência.

Os enunciados são de certa maneira únicos e, portanto, não se repetem uma vez que se referem à determinada situação em um tempo e lugar específicos, tendo como pano de fundo todo um contexto sócio histórico pertinente. Ao se repetir essas características fazem deste acontecimento não o mesmo, mas um novo acontecimento.

São esses enunciados de certa forma individuais e estáticos ou padronizados que vão determinar os gêneros do discurso segundo Bakhtin (Id, *ibid.*, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em

⁷ Segundo PATERNOSTRO, são textos complementares à reportagem. Lidos pelo apresentador ao vivo, que oferecem informação adicional que, por algum motivo, não constava no vt.

cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Não existe uma homogeneidade nesses gêneros, pois dentro deles estão inseridos todos os acontecimentos do cotidiano, desde os pequenos diálogos com as interações dos sujeitos envolvidos, a relatos, cartas (sejam essas oficiais ou não), a documentos e qualquer outro tipo de manifestação ou enunciados orais e escritos. Conforme coloca Bakhtin (1993, p. 46):

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc) ou num contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário, e assim por diante.

Algumas correntes teóricas como a de Saussure (2000), por exemplo, se diferenciam de Bakhtin neste ponto, uma vez que deixam de fora a parte viva e móvel presente na língua e analisam apenas o estático, fixo, o imóvel, partindo dos léxicos e das orações esquecendo-se que a linguagem pode freqüentar qualquer atividade humana.

Ele começou seus estudos a partir de análises aos grupos que o antecederam e fez uma crítica a eles pelo fato de não terem se preocupado em “determinar a natureza do objeto de estudo.” (Id, *ibid.*, p.10) para ele um fator preponderante para se estabelecer um método.

Depois ele definiu as tarefas pertinentes à linguística: fazer a descrição e a história das línguas, deduzir as leis gerais por meio das forças em jogo, delimitar-se e definir a si própria. Outra colocação feita por ele foi deixar claro que a Lingüística e a Antropologia eram diferentes pelo fato de que nesta última o objetivo é estudar o homem tendo como foco a espécie e deixando de fora o social.

A partir destas colocações Saussure estabeleceu que o objeto da nova ciência deveria ser ao mesmo tempo integral e concreto. Ele preconizou que não se separaria o som da articulação vocal e o contrário também não poderia ser feito. Para ele o som não existe de forma independente, pois carrega consigo uma bagagem o que forma uma unidade fisiológica e mental. Depois ele dividiu a linguagem em social e individual, intrinsecamente ligados, fazendo com que a língua, fosse ao mesmo tempo, um produto atual e do passado.

Ele delimitou a menor partícula da lingüística: o signo. Que seria a união de um significante a um significado. E o objetivo dele era fazer com que todos reproduzissem “os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (Id, Ibid., p.21).

Porém, Saussure, fez uma ressalva de que para se analisar a língua deve-se fazer uma divisão entre a fala, parole, lugar mais maleável, sujeito a alterações sintáticas e semânticas. E a langue, que seria o local mais estático. Para ele separar a língua da fala é o mesmo que separar o que é social do que é individual. Neste sentido, na visão do autor, o que acontecia no social, no mundo, não afetava o texto.

Um dos principais pontos de confrontos contra a teoria de Saussure e depois do estruturalismo é que ambos em suas teorias excluem, deixam de lado o sujeito como dono e senhor de suas ações.

Diferentemente do proposto até então, Bakhtin (2003), divide os gêneros discursivos em primários que são considerados mais simples por estarem relacionados diretamente com o discurso oral e imediato e secundários. Os primários seriam basicamente o nascedouro, isto é, onde tudo nasce, portanto mais maleável e por isso pode ser abarcado por outro. Eles carregam toda a ideologia do cotidiano, ainda não formalizada. “Não se trata de uma característica funcional” (2003, p.263).

Já os secundários são os mais complexos e elaborados, dentro dele se encaixam os discursos mais desenvolvidos como políticos, literários, científicos, etc. portanto, mais estabilizado, definido, catalogado. Com suas ideologias também mais estruturadas.

Entre esses dois gêneros existe uma cadeia invisível que funciona interminavelmente. Quando o secundário frequenta outras atividades, por exemplo, uma conversa informal no boteco, ele passa a ser primário, adquire novos sentidos que depois voltam novamente ao secundário que por sua vez assume novas visões, as incorpora e revivifica.

Dentro do jornalismo podem ser observados cinco gêneros diferentes cuja delimitação é quase impossível, uma vez que cada gênero por vezes perpassa o outro complementando-o, alterando-o fazendo deste não o mesmo mas, um novo gênero.

Seguindo a literatura específica da área pode-se constatar que Melo (2001, 2003) e Erbolato (1991) utilizaram em seus trabalhos uma divisão que de certa forma prevalece como oficial. Falaschi (2005) descreve de forma quase didática os gêneros jornalísticos.

Porém, vale ressaltar, que por vezes eles não aparecem de uma forma delimitada, mas de maneira entrelaçada. São eles: Jornalismo Informativo, Jornalismo Opinitivo, Jornalismo Literário, Jornalismo Investigativo e Jornalismo Interpretativo.

Nesta pesquisa, mais adiante, será abordado o gênero investigativo por ser dentro dele que se instaura o uso da câmera escondida para a gravação que, mais tarde, será transformada em reportagem televisiva e apresentada no telejornal.

3. 1 A Ideologia presente no discurso jornalístico

Discorrer sobre o enunciado jornalístico e não falar sobre a ideologia que ele carrega é como andar na areia da praia, bem próximo ao mar e não molhar o pé. É inevitável isto porque os temas estão intrinsecamente ligados. Os enunciados como foi relatado anteriormente provém de alguém e tem um destinatário que aqui é o espectador.

Ele não vem neutro, até pelo fato de que a palavra não é neutra, como bem disse Bakhtin (1997, p. 95)

[...] está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

E quando o jornalista toma uma determinada posição e escolhe as palavras que farão parte de seu discurso, neste momento ele já está impregnado por uma determinada ideologia. E Voloshinov (apud PONZIO, 1998, p. 107) define de forma clara e conceitual o que vem a ser ideologia:

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras.

Estes reflexos não estão estáticos, parados, pelo contrário estão em um constante movimento se ordenando, desordenando e reordenado novamente tendo como ponto de partida o ponto de vista de cada um e sua relação com o Outro. Seria de uma forma simples, um jeito de viver que aparece na linguagem. É a manifestação do sujeito, as escolhas que ele faz, as idéias que têm.

Este movimento dialético e dinâmico entre a instabilidade e a estabilidade vai instaurar duas ideologias: A ideologia oficial e a ideologia do cotidiano colocando-as no mesmo patamar. Segundo Miotello (GASPAR e ROMÃO, 2008, p.92):

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção do mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida.

Porém, há que se levar em consideração que as duas coexistem, pois, onde tem a ideologia oficial também a do cotidiano está presente, uma vez que, uma alimenta a outra que por sua vez a retroalimenta num movimento constante e sem fim.

No discurso jornalístico, que representaria a ideologia oficial, pois promove um olhar, pelo já estabelecido, também podem ser notadas as duas ideologias lado a lado convivendo e tentando se tornar estáveis.

No caso do telejornalismo o repórter vai se amparar na lei, nas imagens, para agregar um valor de verdade ao que ele diz, às músicas que corroboram ou dramatizam na tentativa de criar uma cumplicidade com o espectador que assiste, nos gráficos e artes que demonstram numericamente todas as estatísticas como a dizer que os números não mentem jamais.

Em uma das reportagens, selecionadas nesta pesquisa, já entra na chamada feita pelo apresentador a manchete, como se fosse um anúncio em letras garrafais: Clínica clandestina de aborto, que ao adentrar pelos ouvidos do espectador provoca imediatamente pelo uso do termo clandestino, uma sensação de que existe algo ilícito, escondido e que será mostrado.

Quando se fala sobre o tema em questão: aborto, o jornalismo, que aqui representa a ideologia oficial, vai se amparar na lei que determina o ato como crime.

Parece uma controvérsia que este mesmo jornalismo que se ampara na lei, fere a mesma lei, quando o repórter se passa por outra pessoa e com uma câmera escondida grava as imagens sem se identificar e sem pedir permissão. Tudo em nome da moral e dos bons costumes. Com a finalidade de denunciar um crime ele acaba por cometer outro.

Esta mesma norma de conduta que estabelece que o aborto seja um crime, muda o foco da causa que está por trás do problema apresentado e que atinge milhares de mulheres no Brasil.

Cada vez mais mulheres buscam as clínicas clandestinas de aborto para interromper uma gravidez indesejada e isto se tornou algo tão corriqueiro que na novela *Viver a Vida* apresentada em horário nobre e veiculada no ano de 2010 a mocinha havia recorrido a uma intervenção na gravidez para preservar o trabalho.

No caso da reportagem existe um crime previsto em lei, por outro lado, as mulheres praticam. Os dois lados da moeda, duas visões antagônicas e aqui falta um terceiro lado: o lado do Estado que deveria investir em políticas públicas na área da saúde, para conscientizar a adolescente que começa a sua vida sexual a se prevenir e usar métodos que sejam anticoncepcionais.

Pode-se perceber que não é tão fácil apontar conclusões para questões que permeiam o discurso jornalístico, para se discutir o tema e obter respostas há que se entender o jornalismo na origem de sua concepção, para tanto se deve partir de duas premissas básicas que poderão ajudar a compreender melhor a atividade jornalística. Primeiro, o que afinal é o jornalismo? Segundo, a que veio ao mundo? Para responder a essas perguntas, é necessário buscar a raiz histórica e a teoria do jornalismo.

4 A história do jornalismo onde tudo começou

O jornalismo surgiu da necessidade de informar. Segundo Rizzini (1997) no início, antes da prensa de Gutenberg ou dos tipos móveis, os acontecimentos eram transmitidos verbalmente em praça pública ou simplesmente repassados manualmente sem muita técnica cumprindo simplesmente o objetivo de divulgar a informação mesmo que fosse de uma maneira quase rudimentar.

Ao discorrer sobre as origens do jornalismo Lage (2005) verifica que no século 69 a.C. Júlio César instituiu as atas diurnas em Roma, que tinham como objetivo publicar diariamente no fórum os atos do povo e do senado romano.

Essa informação, a princípio, servia para que as pessoas conhecessem as leis, porém aos poucos foi sendo complementada por textos individuais sobre diversos temas importantes ou não. Eram lidas pelos romanos alfabetizados, e davam margem a várias interpretações. Já nessa época comentava-se pelas atas diurnas a vida dos poderosos, ou estratégias de guerras. Contudo, para Rizzini (1997, p. 5) esta era a forma que eles

tinham de se manterem bem informados. “Na linguagem romana, publicar alguma coisa não queria dizer levá-la e sim deixá-la ao conhecimento do público, afixando-a em lugar onde pudesse ser facilmente lida”.

Essas atas duraram cerca de cinco séculos e desapareceram com o início do império Bizantino, entre os séculos 324 e 336 d. C. Lage, (2005) ressaltar que as atas eram chamadas apenas de diurnas, termo de onde surgiu a origem da palavra jornal, que vem do latim *diurnalis* ou *diurnum* relacionado a jornada, ao período de um dia.

As atas só foram reaparecer no séc. XVI em Veneza e com uma nova versão: Elas já eram distribuídas em cópias manuscritas e divulgavam notícias relacionadas aos negócios de empresas locais, além de acontecimentos urbanos. Segundo Lage (2005, p. 24) elas eram: “[...] distribuídas em cópias manuscritas, ao preço de uma gazeta, moeda local, do qual veio o nome utilizado: traziam notícias dos negócios de empresas locais no Oriente e também de acontecimentos urbanos”.

Com a Europa dividida em feudos e com o poder nas mãos da Igreja o conhecimento ficou restrito aos conventos, e esta situação só mudou no início do segundo milênio da Era Cristã. Lage (id. ibid., p.24) constata que “quando a Igreja premida pela inviabilidade de gerir pequenas e grandes paixões em territórios tão extensos, passou a delegar autoridade a personagens leigos locais”.

Contudo os primeiros jornais, como são conhecidos até hoje, surgiram apenas na primeira década do séc. XVII, em burgos alemães; depois vieram os jornais impressos na Holanda, em Marsella, na França, em 1631, surgiu o La Gazette de France, o primeiro jornal francês. A partir daí o jornal passou a ter um novo caráter, com uma vertente ética e a busca por relatar apenas a verdade. Theodore Renadot (apud CHEIDA, 2001, p. 62) adotou tal postura que depois se transformou em pilares do jornalismo. Para ele:

A história é o relato das coisas acontecidas; a gazeta, apenas o rumor que as acompanha... ela não mente, mesmo quando publica alguma notícia falsa que lhe foi fornecida como verdadeira. Só a mentira que ela forjasse propositadamente poderia, pois, torná-la digna de reprovação.

No século seguinte, os jornalistas tinham como função difundir a verdade, mas sem deixar de lado outras características próprias daquela época. Lage (2005, p. 31) aponta que:

Os melhores jornalistas do séc. XVIII eram publicistas, divulgadores de idéias e supostos portadores da verdade. O jornalista iluminista tentava agrupar nas mesmas mensagens a ciência, a estética literária e a busca do convencimento.

Mesmo com o objetivo de transmitir a verdade, as idéias e os valores nos quais acreditavam os jornalistas não tinham um grande alcance geográfico, isto acontecia pela forma de produção que ainda não era industrializada o que não facilitava o processo e a divulgação.

Este quadro começou a mudar graças as inovações técnicas que permitiram o desenvolvimento da impressão. Vale ressaltar que bem antes de se tornarem conhecidas no Ocidente tanto a impressão quanto o papel já eram utilizados pelos chineses⁸.

Mas foi por volta de 1450 que Johannes Gutenberg, um ourivez, utilizando as técnicas de fundição de metal conseguiu desenvolver os tipos em grande quantidade, possibilitando a criação dos mais variados textos. Thompson (1998). Foi depois da invenção de Gutenberg que começaram a surgir as oficinas tipográficas que se espalharam pelos grandes centros urbanos da Europa.

Tanto a Igreja, quanto o Estado, se beneficiavam com a nova invenção, porém ela possibilitou que outras esferas emergissem por meio da divulgação de suas idéias e opiniões, proporcionando o livre debate e fazendo surgir outras formas de poder simbólico que fugiam ao controle da classe dominante que Habermas (1984) vai estabelecer como mudanças estruturais da esfera pública. Segundo Thompson (1998, p. 68):

A esfera pública burguesa que consistia em indivíduos que se reuniam privadamente para debater entre si as normas da sociedade civil e da construção do estado. Esta nova esfera pública não fazia parte do estado, mas, pelo contrário, era uma esfera em que as atividades do estado poderiam ser confrontadas e sujeitas à crítica.

Essas confrontações eram abertas ao público e produzidas por pessoas comprometidas com esta esfera. Naquele momento começa a parecer a formação do Estado no sentido político, além das organizações políticas civis, juntamente com o decréscimo da monarquia. Para Habermas a emergência desta esfera burguesa foi um fator preponderante para o surgimento da imprensa periódica, uma vez que, por meio dos jornais daquela época se produziam fóruns de debates públicos.

Porém, essa concepção do jornalismo como instituição pública surgiu no século XIX, quando o jornal foi incorporado pela sociedade como uma espécie de porta voz da opinião pública.

⁸ A invenção do tipo móvel é atribuída a Pi Sheng, que durante o período de 1041-8, utilizou a argila para fazer caracteres que depois eram endurecidos no fogo.

Mas, isso não aconteceu de forma fácil e tranqüila, segundo Habermas, o mecanismo que se tornou a força motriz nesta mudança foi o advento da comercialização da publicidade pelos jornais o que fez com que houvesse uma certa mudança nos discursos emitidos, uma vez que, não se podia ir contra os interesses dos anunciantes.

Quanto a parte técnica propriamente dita, o jornal como se conhece atualmente, com formatos que acompanham a largura da bobina, a separação entre notícias, os títulos que mais tarde se transformaram em manchetes, a diagramação com a divisão da página em colunas, a gravura industrial, a gravação da fotografia sobre a retícula, surgiu somente no séc. XIX, uma vez que tudo isso teve que ser inventado, nada disso existia antes.

Em meados do mesmo século, apenas tipos móveis, caracteres ou letras de madeira ou de metal, e a prensa eram insuficientes para produzir um jornal. As agências de notícias começaram a se difundir entre 1830 e 1870, como a francesa Havas, a inglesa Reuters, a alemã Wolf e a americana Associated Press. Em 1830, surgiu também a publicidade, que rapidamente se tornou a principal receita das empresas jornalísticas.

De lá para cá houve mudanças quanto ao estilo e quanto à censura, quanto à formatação e quanto ao meio em que eram disponibilizados ao público. Mudanças que segundo Lage (2005, p. 162) acompanham o movimento histórico da sociedade: “O critério de seleção é o interesse jornalístico, difícil de definir porque varia conforme o fluxo da história e a ideologia, entendida como a maneira como a sociedade ou grupo social representa a realidade para si mesmos”.

Conhecida um pouco da história do jornalismo e aquilo a que se propõe, fica mais fácil detectar pontos obscuros onde cabem indagações acerca do fazer que envolve a atividade jornalística. Karam (1997, p. 44) é categórico ao afirmar que “perguntas, dúvidas, perplexidades ou apressadas certezas é o que não faltam quando se envolve o jornalismo na esfera moral em que se movimenta”.

Eis alguns exemplos: Como fazer respeitar a privacidade do cidadão, quando seus atos são tão importantes que outras pessoas precisam ter conhecimento deles? Como mostrar a verdade quando o que existe são apenas fragmentos? O que fazer quando estas verdades entram em conflito com os interesses comerciais, financeiros e mercadológicos dos monopólios em rádio, TV e jornais? Como aceitar e validar os métodos ilícitos da apreensão da notícia tão utilizados no jornalismo investigativo?

Existem muitas outras perguntas pertinentes ao fazer jornalístico. Quanto às respostas exigem minuciosas reflexões, antes de generalizá-las. Há que se levar em consideração, antes de qualquer coisa, o caráter social que envolve a atividade jornalística e a importância dele para a sociedade. Bucci (2000, p. 25) acredita que esse debate deve ser feito numa esfera pública porque “não é muito produtivo o debate fechado. É no público que a ética jornalística adquire sua melhor consistência, é aí que ela adquire seu fundamento”. Ele também afirma que o jornalismo deve ser pautado pela liberdade de expressão:

A ética jornalística não é apenas um atributo intrínseco do profissional ou da redação, mas é, acima disso, um pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público, num ambiente em que as instituições democráticas sejam sólidas. A ética interna das redações e a ética pessoal dos jornalistas devem ser cultivadas, aprimoradas e exigidas, mas elas só são plenamente eficazes quando as premissas da liberdade de imprensa estão asseguradas. (BUCCI, 2000, p.25)

Segundo Bourdieu (1997), os profissionais desse campo que se deixam pautar pelo sensacionalismo, cujo principal objetivo é a audiência, deixam a ética de lado em razão das tensões exercidas pelo campo econômico sobre o ideológico. Para Kehl (2004, p. 156) isso acontece pelo fato de que houve uma:

[...] substituição do espaço público pelo espaço da visibilidade televisiva, cujo poder de transmissão de imagens vem abarcando parcelas cada vez mais amplas da vida, consolidou uma espécie de ficção totalitária que articula jornalismo, entretenimento e publicidade.

É isso o que fica evidente no caso da câmera escondida. Cada vez mais emissoras de TV, no afã de aumentar os números da audiência de seus telejornais, utilizam todo e qualquer método para chamar a atenção do público.

A câmera escondida é um exemplo, basta ligar o aparelho e esperar pelas notícias apresentadas nos mais diversos telejornais que dificilmente não aparecerá alguma reportagem que não tenha utilizado a ferramenta.

Segundo uma das entrevistadas “Isto torna o jornal mais interessante e se não fosse desta forma muita coisa ficaria escondida, porque as pessoas que fazem coisas erradas não fariam, não confessariam para um repórter sabendo que depois irá passar na televisão e que todo mundo vai saber que ela fez algo errado”.

Outra entrevistada também concorda. Ela diz que quando vê nas chamadas do telejornal que aparecerá uma matéria com a câmera escondida ou melhor de “alguém que foi pego no flagra e não sabia que tava sendo filmado” fica esperando, mesmo que

esta seja a última notícia que irá ser apresentada no telejornal. Para ela “quanto mais quente a notícia, melhor”.

Houve apenas uma entrevistada que discordou das demais. Cética, neste ponto acredita que tudo seja forjado, para ela “Isto tudo é armação só pra enganar quem é bobo. Ela ainda acrescenta no final: “eles fazem as pessoas de trouxa, coloca em último lugar, no final do jornal e obriga a pessoa que quer ver a assistir todo o noticiário só pra saber algo sobre roubalheira de político, drogas (silêncio), é só coisa suja. Isso quem não sabe? Todo mundo tá careca de saber. Mas, às vezes não tem nada mais de interessante e a novela vem logo depois. A gente acaba esperando.”

Como vimos isto aumenta a audiência, as pessoas costumam aguardar para assistir a reportagem quando a chamada do apresentador já indica que a matéria foi conseguida mediante o recurso da ferramenta câmera escondida. Mesmo quem não acredita, como no caso da entrevistada acima, também assiste. Descrente com os telejornais não deixa a TV desligada neste horário. Ela acrescenta que quando passa algo que não acha que seja certo ou que gera sensacionalismo pega o controle e muda de canal imediatamente.

Observando o que foi dito pelas entrevistadas acima fica evidente que nem todo mundo assume as rédeas da situação e percebe o poder de decisão que têm em mãos: o controle remoto que, com um simples *click*, pode mudar de canal ou desligar o aparelho.

O fato é que os telejornais não foram estruturados aleatoriamente. Eles foram pensados e colocados estrategicamente no meio de duas novelas, formando o que Balogh (1996, p. 131-132) chama de mosaico de programação onde:

[...] cada programa convive necessariamente com o programa que o antecede e o segue na emissora e, a princípio, esse programa disputa a primazia da atenção do telespectador com todos os outros programas das demais emissoras que são veiculados no mesmo horário [...] o telespectador sabe que um mero *zapping* o coloca de imediato em contato com qualquer programa disponível [...] Essa alta taxa de competitividade gera estratégias de programação bastante pesadas, cujos resultados incidem diretamente sobre os programas de TV.

Desta forma abocanha a audiência das pessoas que não acreditam ou não gostam do sensacionalismo gerado pela câmera escondida e que só deixam a TV ligada para não perder o horário da telenovela que vem logo em seguida.

4.1 Da imprensa para a TV: O telejornalismo no Brasil

Em 18 de setembro de 1950 entrava no ar a primeira emissora de TV brasileira e pioneira na América Latina, a PRF-3 TV Difusora, que depois se tornaria TV Tupi de São Paulo. No dia seguinte, já iniciava-se o primeiro telejornal: *Imagens do dia*, apresentado por Maurício Loureiro Gama. Gama, em uma entrevista dada ao programa de comemoração ao quinquagésimo ano da televisão brasileira, realizado pela TV Globo, recordou-se do dia seguinte à estreia do *Imagens do Dia*:

- Eu encontrei uma mulher simpática, de uns cinquenta e poucos anos, de cabelos grisalhos, que me disse:

- O senhor não é aquele que trabalhou no programa de televisão ontem à noite?

- Eu trabalhei...

- Sabe, eu queria dizer uma coisa, o senhor não é antipático até que é simpático pessoalmente, só que foi muito arrogante.

- Eu, minha filha? Um caipira de Tatuí, homem humilde, por que é que fui arrogante?

- Porque o senhor não falou comigo, não se dirigiu a mim. Eu estava fazendo um crochêzinho na minha sala, e o senhor podia ter me consultado sobre as ideias que estava expondo, mas o senhor foi em frente, falando, falando..." (PATERNOSTRO, 2006, p.36)

No dia da estreia da TV Tupi, o dono da empresa, Assis Chateaubriand⁹, conhecido por Chatô, mandou instalar 200 aparelhos televisores em áreas de grande movimento em São Paulo, assim a população poderia comprovar o grande acontecimento que veio a ser um marco para a história do país.

Em seu discurso de estreia, Chatô disse que "tinha sido instalada a antena que ia levar pioneiramente aos lares paulistas o mais subversivo de todos os veículos de comunicação do século, a televisão" (MORAIS, 1994, p.502).

A transmissão ao vivo durou por quase duas horas. Para a inauguração foi produzido, ao vivo, o programa *TV na Taba*, comandado pelo diretor Cassiano Gabus Mendes, e teve a participação de artistas, como Lima Duarte, Mazzaropi, Hebe Camargo e Lolita Rodrigues.

Em janeiro de 1951, foi inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro. No começo a programação da TV Tupi tinha duração de cinco horas. A grade era intercalada com programas de auditório, noticiários e filmes. Entre os programas criados na época estão

⁹ Jornalista e dono do maior império de comunicação da época, os Diários Associados.

*Clube dos Artistas*¹⁰, o primeiro telejornal brasileiro *Imagens do Dia e TV de Vanguarda*¹¹.

Se a televisão norte-americana teve influência da indústria cinematográfica hollywoodiana, a TV brasileira foi buscar nos programas de rádio a fórmula de produção. (MATTOS, 1990 apud SQUIRRA, 1993).

O telejornal *Imagens do Dia* tinha narração em off¹² com o texto em estilo radiofônico. Não tinha horário definido para entrar, variando entre 21h30 e 22 horas. Permaneceu no ar por quase dois anos e foi substituído pelo *Telenotícias Panair* que ia ao ar pontualmente às 21h30.

Em 1953, estréia na televisão o telejornal *O Repórter Esso*. Sucesso em rádio, o telejornal teve adaptação para a TV e permaneceu no ar até 1970. Na época os programas de TV recebiam o nome de seus patrocinadores, como foi o caso do *Repórter Esso*, apresentado em São Paulo por Kalil Filho, e no Rio de Janeiro por Gontijo Teodoro, ambos já conhecidos como locutores de rádio.

De acordo com Squirra (1993, p.105), este telejornal veio impor:

[...] o primeiro padrão para apresentação de noticiário no jornalismo eletrônico brasileiro e também para os demais fatos ligados à imagem do programa e de seus apresentadores, que, via de regra, eram locutores com experiência no veículo, mas que não eram jornalistas profissionais.

O telejornal *O Repórter Esso* ficou conhecido com a abertura: “Aqui fala seu *Repórter Esso*, testemunhar ocular da história”.

No mesmo ano, em 1953, entrava no ar a TV Record exibindo um programa musical apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo. Nos primeiros anos de transmissão, a emissora dedicou-se a programas musicais destacando - se *O Fino da Bossa e Jovem Guarda*. Também fizeram sucesso os humorísticos *Noites Cariocas*, *O Riso é o Limite, Praça da Alegria*¹³, e os programas de auditório como *Chacrinha e Moacir Franco Show*. A emissora também investiu em telejornalismo criando o *Jornal da Record*, atualmente apresentado pelos jornalistas Ana Paula Padrão e Celso Freitas,

¹⁰ Programa que divulgava as artes plásticas e reunia artistas e intelectuais da cidade. Foi apresentado por Homero Silva, que mais tarde foi substituído pelo casal Airton e Lolita Rodrigues. Um dos poucos programas que sobreviveu até 1980.

¹¹ Programa feito através de adaptações de peças de teatro foi o primeiro e mais importante programa de teleteatro brasileiro.

¹² Texto lido pelo apresentador coberto por imagens.

¹³ O programa comandado por Manoel de Nóbrega foi tão bem sucedido que sua fórmula permanece até a atualidade com o nome de A praça é Nossa.

mas que também já foi comandado por jornalistas como Paulo Markun e Silvia Poppovic.

Nos primeiros anos em que a TV invadiu o cenário brasileiro, o aparelho ainda era muito caro e só as pessoas com condição financeira tinham acesso. Em 1954, quatro anos após a chegada da televisão, existiam apenas 12 mil televisores no Rio de Janeiro e em São Paulo. A TV despertou um grande magnetismo entre as pessoas. Era um evento social assistir aos programas porque reunia amigos e vizinhos que ainda não tinham o aparelho.

Marcondes Filho (1988, p.34) afirma que embora a imagem fosse transmitida em branco e preto, o mundo da TV era considerado mágico pelos espectadores.

[...] a TV possuía um fascínio único. As pessoas falavam com os apresentadores, achando que estavam sendo vistas, paravam de conversar a cada momento, ficavam magnetizadas pelo novo aparelho e só voltavam ao normal quando o desligavam. Mas sua sedução permanecia. Desligar o aparelho parecia um retorno ao ambiente de casa, ao cotidiano, à mesmice das estórias de rua, dos parentes, dos amigos. Ligá-lo, ao contrário, abria um espaço para se entrar em outros mundos.

Através da TV, o espectador vivencia realidades diferentes e sente-se íntimo do poder, perto dos símbolos de status, o que lhe possibilita a chance de desvendar o secreto, rompendo assim com o cotidiano. (MARCONDES FILHO, 1988, p.41)

O fascínio pelo vídeo dá-se pela busca constante de sonhos e anseios adormecidos nos indivíduos, ou seja, através da TV o telespectador encontra um mundo mágico onde ele pode vivenciar aquilo que deseja, como uma grande história de amor, uma viagem ou assistir a uma Ópera. Com a TV é possível “viver-se a emoção dos outros”. (MARCONDES FILHO, 1988, p.42). Ainda segundo o autor:

[...] o fascínio da TV não é fabricado [...] os meios de comunicação atuam sobre as necessidades já existentes no ser humano. Através do sucesso de alguns programas, por exemplo, é que se conhece um pouco mais a natureza dos receptores e suas necessidades.

O *Edição Extra* na TV Tupi, de 1957, apresentado pelo já citado Maurício Loureiro Gama, foi o primeiro telejornal no horário vespertino e lançou os repórteres de vídeo José Carlos de Moraes, conhecido como Tico-Tico, e Carlos Spera. Na época, ambos faziam apenas coberturas de eventos importantes, inclusive internacionais, e ficaram conhecidos pela irreverência na abordagem dos entrevistados.

Em 1958, o número de aparelhos de tv subiu para 78 mil em todo o país. A programação era basicamente de programas culturais, teatrais e jornalísticos. Nos anos

1960, a TV se consolida no país e junto com sua ascensão começa a briga pela audiência entre as emissoras. (PATERNOSTRO, 2001)

Em 1960, o videotape começa a ser usado com frequência pelas emissoras. O equipamento revolucionário permitiu que os programas fossem gravados e não mais ao vivo, economizando custo e tempo, operações rápidas, racionalização da produção e melhor qualidade nos programas.

O *videotape* (VT) foi também o grande responsável pelo avanço de um dos maiores produtos de cultura de massa: as telenovelas. Com o equipamento, as emissoras puderam investir ainda mais na produção deste entretenimento. A TV Excelsior lançou a primeira novela diária, 2-5400 Ocupado, protagonizada pelo casal Tarcísio Meira e Glória Menezes.

Em 1962 estreia na TV Excelsior o *Jornal de Vanguarda*. Este telejornal abandona o estilo radiofônico e inova por trazer além de vários locutores, entre os quais Cid Moreira, os comentaristas. No ano seguinte, o *Jornal de Vanguarda* ganha o Prêmio Ondas, na Espanha, de melhor telejornal do mundo. Neste mesmo ano surge o *Show de Notícias*, na TV Excelsior paulistana, comandado por Fernando Pacheco Jordão, que mantinha a mesma linha do *Jornal de Vanguarda*.

Em 1965 entra no ar a emissora das Organizações Globo, no Rio de Janeiro. “No dia 26 de abril, às 10h45 da manhã, entrava no ar a TV Globo, criada pelo jornalista Roberto Marinho, que se transformaria em uma das maiores redes de televisão do mundo” (PATERNOSTRO, 2006 p.32).

No começo, a TV Globo tinha uma linha mais popular e, associada ao grupo norte-americano Time-Life, começa a comprar ou contratar emissoras pelo país (as afiliadas) para expandir seu sinal.

O contrato estabelecido entre a Time-Life e a TV Globo era irregular, pois uma empresa estrangeira não podia participar da orientação intelectual e administrativa da sociedade concessionária de televisão. (CAPARELLI, 1982, p.26)

A empresa norte-americana já havia entrado em contato antes com o jornal *O Estado de São Paulo* e com os *Diários Associados*, porém eles recusaram o capital estrangeiro. A TV Globo, por estar em fase de implantação, aceitou a oferta.

De acordo com Caparelli (1982, p.26) por um artifício de um contrato de assistência técnica,

[...] começaram a entrar dólares que eram convertidos em cruzeiros por uma empresa que representava os interesses da matriz norte-americana, a **Time/Life Incorporated**, com sede no Rio de Janeiro.

O acordo entre as duas empresas previa o fornecimento de informações à TV Globo; prestação de serviços quanto à modernização administrativa e da programação; auxílio na seleção de funcionários; e também o treinamento técnico destes realizado pelo Grupo Time/Life nos Estados Unidos.

Apesar do acordo entre os grupos ter sido obscuro e irregular, a TV Globo teve como subsídio para sua implantação todo o aprendizado e a tecnologia norte-americana - onde a TV já havia chegado na década de 1940. Toda a estrutura oferecida pela Time/Life foi suficiente para que a emissora se tornasse uma das mais assistidas do país. Criou-se o famoso “Padrão Globo de Qualidade” conhecido até os dias atuais.

Em 1967, estreia a TV Bandeirantes. A emissora teve programas de sucesso como o “*Titulares da Notícia*”, programa homônimo que já fazia sucesso na Rádio Bandeirantes. O telejornal teve como apresentadores Maurício Loureiro Gama, Vicente Leporace, Salomão Esper, Murilo Antunes Alves, Julio Lerner, Lourdes Rocha e depois José Paulo de Andrade.

Segundo Paternostro (2006, p.33) é nessa mesma época que se constitui

[...] a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel interliga o Brasil por meio de linhas básicas de microondas – rotas – e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações – o Intelsat. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão.

Com a chegada da Embratel, a TV Globo pôde assim, em 1º de setembro de 1969, lançar o primeiro programa transmitido em rede nacional: o *Jornal Nacional*, apresentado por Cid Moreira e Hilton Gomes. Gomes foi substituído por Sérgio Chapelin em 1972.

Este telejornal, em 2009, completou 40 anos, sendo o de mais longa duração da história da TV brasileira. Foi o primeiro a apresentar reportagens em cores, o primeiro a mostrar imagens via satélite de acontecimentos ao mesmo tempo em que eles ocorriam, e o primeiro a ter correspondentes internacionais que estabeleciam moradia nos locais. (PATERNOSTRO, 2006, p.38).

Para Lins da Silva (1991 apud SQUIRRA, 1993), o *Jornal Nacional* inaugurou:

[...] um novo estilo de jornalismo na TV brasileira. Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de ‘timing’ da informação [...] terceiro, porque consagrou um estilo de apresentação visual requintado e frio, pretensamente objetivo [...] quarto, pela extensão dos assuntos abrangidos, com a instalação de escritórios no exterior.

Enquanto a TV Globo começava a ocupar um lugar de destaque, as outras emissoras passavam por situações difíceis. A TV Record e a Bandeirantes, após incêndios em seus prédios, tiveram a programação afetada. A TV Tupi enfrentava sérios problemas financeiros. Para driblar a situação, lançou a novela *Beto Rockfeller*¹⁴, de Bráudio Pedroso.

Em 1972, ocorre mais um grande avanço na televisão brasileira: a imagem que antes era em preto e branco ganha cores. A primeira emissora a transmitir imagem em cores foi a TV Difusora de Porto Alegre, atualmente filiada à TV Bandeirantes. Em janeiro de 1973 vai ao ar a primeira novela em cores: *O Bem Amado*, de Dias Gomes, produzida pela TV Globo.

Um ano depois, a Globo lança mais um programa em rede nacional, *Fantástico - o Show da Vida*, um programa semanal com informação e entretenimento exibido aos domingos. O programa é apresentado atualmente pelos jornalistas Patrícia Poeta e Zeca Camargo, mas já foi comandado por outros jornalistas como Glória Maria, Pedro Bial, Fátima Bernardes e Sandra Annenberg.

O *Bom Dia São Paulo*, apresentado por vários jornalistas como Celene Araújo, Carlos Nascimento, Carla Vilhena, Chico Pinheiro, é atualmente comandado por Mariana Godoy. Esse telejornal foi a primeira experiência em horário matutino, em 1977. Com a intenção de prestar serviço à sociedade, ele foi o primeiro a utilizar o equipamento de UPJ (Unidade Portátil de Jornalismo) que possibilita a entrada ao vivo de repórteres em qualquer ponto da cidade. O jornal informa à população sobre o trânsito, movimentação da cidade e aeroportos.

No mesmo ano, entra no ar o primeiro programa na televisão voltado às mulheres, o *TV Mulher*, pela TV Globo, que era uma revista feminina, apresentada com formato de telejornal. Tinha à frente a jornalista Marília Gabriela, que abordava temas como sexualidade, direitos e saúde da mulher.

O *Bom Dia Brasil*, atualmente apresentado por Renato Machado e Renata Vasconcelos, entrou no ar em 1983. Telejornal em rede nacional que prioriza os

¹⁴ Novela considerada um marco na teledramaturgia brasileira, pela inovação na linguagem e interpretação.

assuntos políticos e econômicos do dia. No começo, o telejornal era transmitido de Brasília, mas atualmente ele é feito no Rio de Janeiro e tem blocos ao vivo de Brasília e São Paulo.

Em 1980 é o fim da primeira emissora brasileira de televisão, a TV Tupi, que não resiste às dívidas e tem a concessão suspensa pelo governo. Suas emissoras são divididas em dois grupos empresariais: o de Sílvio Santos¹⁵, chamado de TVS, que em 1981 passou a integrar o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão); e o de Adolfo Bloch que em 1983 inaugura a TV Manchete. O SBT apresentava uma programação bem popular que logo caiu no gosto brasileiro. No final da década, o SBT já era vice-líder de audiência. Já a TV Manchete seguiu uma linha mais diferenciada e independente, composta por programas mais elitizados e documentários.

Enquanto as outras emissoras buscavam sempre renovar na programação, ainda na década de 1980, uma outra figura entra em cena na televisão brasileira: o âncora. Em um projeto audacioso, Sílvio Santos cria um telejornal sério e de credibilidade para melhorar a imagem popular do SBT. Apresentado pelo jornalista Boris Casoy, o *Telejornal Brasil*, de 1988, inova com a presença do âncora, já conhecido nos telejornais norte-americanos. Casoy além de apresentar os principais fatos do dia, comentava e opinava sobre eles.

Segundo Squirra (1993, p.153) a escolha de Casoy deve-se, pois

[...] a nação havia visto Boris atuar nos debates políticos na televisão. Casoy foi o jornalista que, nos debates com os candidatos à Prefeitura de São Paulo, em 1985, desfechou a célebre pergunta a Fernando Henrique Cardoso se ele acreditava em Deus. Nesse mesmo debate, fez uma pergunta ao então candidato Eduardo Suplicy que não soube dizer o preço do pãozinho. Esta aparente agressividade desgostou muita gente mas serviu para projetar o jornalista como sério e durão.

Em 1991, um outro telejornal de grande repercussão, veiculado pelo SBT, surge no cenário televisivo: o *Aqui e Agora*. Este telejornal tem o papel de alcançar a audiência nas classes C, D e E e despertar a emoção. O telejornal tinha duração de duas horas e apresentava um show de notícias com reportagens sensacionalistas, apelativas, com muita ação e violência. A fórmula sobreviveu até 1997.

Na década de 1990, a televisão é o principal veículo de entretenimento e informação do país, em decorrência de sua abrangência e eficácia. De acordo com Squirra (1993, p.9-8), a televisão atua visando a satisfação do tempo livre, a valorização

¹⁵ Considerado um dos maiores comunicadores brasileiros, Sílvio Santos é dono do Sistema Brasileiro de Comunicação, o SBT.

da cultura e a melhora do conhecimento. Os próprios jornalistas de rádio e jornal impresso tomam conhecimento dos fatos através da televisão (HAGEN, 2008, p.29).

Em 1996, o *Jornal Nacional*, líder de audiência, troca seus apresentadores, os radialistas Cid Moreira e Sérgio Chapelin pelos jornalistas Willian Bonner e Lilian Witte Fibe. Dois anos depois, mais uma mudança ocorre: Witte Fibe é substituída pela jornalista Fátima Bernardes.

Esta foi a mudança do JN que o público mais sentiu, pois todos eram acostumados com a voz grave de Cid Moreira, entretanto o motivo da substituição de locutores para jornalistas era colocar à frente do telejornal profissionais envolvidos com a produção das matérias para dar mais credibilidade e dinamismo ao telejornal (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.287).

Bonner e Bernardes permanecem até os dias atuais apresentando o *Jornal Nacional*. A dupla tornou-se os apresentadores mais populares da televisão brasileira (HAGEN, 2004).

4.2 O jornalismo investigativo: o vale tudo em nome da informação

Discute-se atualmente se todo jornalismo é em princípio investigativo. Uma vez, que se parte da premissa de que todo jornalista ao estruturar sua reportagem deveria investigar os fatos. Segundo Lopes (2003, p.10), o que norteia o jornalismo investigativo e o que o diferencia das outras abordagens (Gêneros) jornalísticas é o fato de:

Reconstruir acontecimentos importantes, promover reformas, expor injustiças, desmascarar fraudes, divulgar o que os poderes públicos querem ocultar, mostrar como funcionam esses organismos, informar os eleitores sobre os políticos, especialmente sobre suas intenções e sua atuação.

É possível analisar que o conceito de Lopes coloca esse tipo de jornalismo vinculado à denúncia social através de investigação feita pelo próprio repórter que tem o dever de noticiar à sociedade os dolos provocados pelas autoridades políticas.

A intenção do jornalismo investigativo é a de descobrir segredos, algo que alguém queira esconder e que o público tem o direito de saber. Bucci (2000) ratifica o conceito de que o jornalismo investigativo deve desvendar e divulgar fatos que são escondidos da sociedade.

Souza (2003, p. 42) afirma que a missão do jornalista investigativo não é fácil, mas de vital importância para a manutenção da democracia. Para ele, essa faceta do jornalismo, além de relevante, tem como objetivo “investigar fatos de interesse da sociedade que estejam submersos, ocultos, disfarçados, sem que ninguém consiga mostrar.”

O jornalismo investigativo, para Kotscho (2004), começou a despontar depois da Segunda Guerra Mundial e teve participação efetiva na revelação de fatos políticos, como o conhecido escândalo de Watergate, nos Estados Unidos, que culminou com a renúncia do então presidente Richard Nixon.

O caso foi investigado por dois repórteres do jornal Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein e começou com a prisão de cinco homens que arrombaram a sede do Partido Democrata e tentaram instalar aparelhos de espionagem.

Durante a audiência, dois detalhes chamaram a atenção de Woodward: o primeiro foi o fato de um dos presos ter se declarado ex-agente da CIA e segundo que havia um advogado de defesa no tribunal, sem que alguém tivesse dado um telefonema. Isso foi suficiente para que os dois jornalistas iniciassem uma investigação, embora empírica e baseada em técnicas de reportagem policial.

Berstein e Woodward começaram a checar as informações com fontes diversas, dentre elas uma em especial o chamado “garganta profunda” que não quis ter a identidade revelada e foi usado em *off the record*.

Os dois repórteres não se limitaram às versões oficiais, instauraram a dúvida, seguiram o faro jornalístico e descobriram que os presos eram mais importantes do que aparentavam. Eles desvendaram a teia de corrupção, lavagem de dinheiro, tráfico de influências, sabotagens que estavam por trás das ações daqueles cinco homens e ligaram o caso a figuras importantes da Casa Branca, dentre elas o próprio presidente da República (KOTSCHO, 2004).

Para Lopes (2003, p. 14), as conseqüências deste caso para o jornalismo investigativo foram de grande importância, tanto que, “1974 se converteu no ano do jornalismo investigativo”.

O Caso Watergate leva a refletir sobre uma das características básicas do jornalismo que é nunca se conformar com a primeira versão dos fatos. Para Kotscho (2004, p. 35), “o trabalho do repórter nunca termina no ponto final da matéria que ele escreveu, ainda mais quando se trata de um assunto polêmico, delicado”.

A partir deste Caso, os jornalistas perceberam a necessidade de analisar a informação sob diferentes ângulos e questionar as versões oficiais de um acontecimento. É como afirma Lopes (2003, p.11)

É fundamental que o jornalista investigativo tenha o senso de busca da verdade, da justiça e do equilíbrio. É importante também que tenha o desejo de ver as coisas se realizarem, terminarem. Muitas vezes é necessário trabalhar durante um bom tempo para atingir essas características. Contudo, não se pode esquecer dos aspectos legais e, principalmente, éticos que devem permear uma reportagem investigativa.

Enquanto no jornalismo diário, o repórter tem como objetivo relatar o fato, porém sem o tempo necessário para o aprofundamento, no jornalismo investigativo a função do repórter vai além: ele compara declarações, investiga as informações, banco de dados, documentos, fontes, e busca a fundo a informação e o seu desencadeamento.

O jornalista não se furta de investigar também no jornalismo diário, já que este é o princípio que rege a atividade jornalística, assim com em todo bom jornalismo deve ser um trabalho árduo de levantamento de informações e confrontações dos fatos, mas segundo Noblat (FORTES, 2005, p.81), no jornalismo investigativo exige uma busca incessante, pois “[...] denunciar um escândalo ou um erro, contar a história de um acidente ou de uma eleição fraudada, exige investigação. E exaustiva, muitas vezes. Claro, se quisermos fazer bom jornalismo”.

Teixeira (2003) Conti (2003) diferenciam o jornalismo investigativo dos demais, partindo do pressuposto de que na redação algumas reportagens devem entrar na pauta do dia e, portanto, têm um *deadline* menor do que outras que podem ser apuradas com maior tempo e sob um maior sigilo e cautela. Para Conti (2003, p. 112), “jornalismo investigativo é aquele que trata de assuntos que não estão diretamente na ordem do dia da publicação, que revela algo que não sabia”.

Para a prática do jornalismo investigativo e para melhor compreensão Fortes (2005) divide o “caminho das pedras” até chegar à informação final em fases, e afirma que o jornalista deve partir de uma pesquisa minuciosa, dando atenção aos detalhes por

trás da notícia e não apenas ao óbvio revelado, o que torna necessário buscar outras fontes fora as oficiais que são consideradas noticiosas.

Alguns repórteres se valem nessa etapa de depoimentos de secretárias, motoristas, e até mesmo do lixo do investigado. Essa pesquisa, para Fortes, é que vai fazer com que a informação até então obtida tome corpo e não seja descartada.

O autor ainda cita meios como a Internet e juntas comerciais para auxiliar na investigação e em se tratando de reportagens em que o assunto em questão são os políticos, aconselha a consultar projetos de lei e até mesmo discursos dos mesmos. Qualquer deslize ou antagonismo pode ser o ponto de partida para a suspeita.

Por se tratar de investigação, que na maioria das vezes demanda muito tempo e um grande número de leis, dados estatísticos, códigos e depoimentos, é imprescindível que o repórter tenha paciência e concentração para que não sejam descartados fatos importantes das informações levantadas.

Nesta fase pode ser necessária a colaboração de especialistas dos assuntos contidos na pesquisa que ajudem a decifrar conteúdos que poderiam passar despercebidos para o repórter.

Tudo isso com o máximo cuidado para que as informações não sejam vazadas. Outro ponto, segundo Fortes (id. *ibid.*), é que o repórter deve ser persistente, qualidade necessária já que nem tudo estará às claras, por se tratar de informações que pessoas querem que permaneçam ocultas.

Além disso, é importante que o repórter dê atenção a todo tipo de documento disponível, que entreviste exaustivamente para que possa reunir o maior número de informações possíveis, levando sempre um gravador para que não exista dúvida e principalmente, que guarde essas fitas, assim como todo o material sigiloso, fora das redações, em local seguro.

O repórter investigativo deve ter um conhecimento policial básico, isto é, entender sobre investigação policial, pistas, análise de provas e indícios. Muitas vezes isso ajuda o repórter a inverter uma situação ou a desvendar um caso por saber como funciona a manipulação de provas importantes.

E acima de tudo, deve ser curioso e desconfiar sempre de tudo e de todos. É como afirma Fortes (2005, p. 39), “a curiosidade é que leva o homem a olhar um buraco no chão. A desconfiança é o que o impede de meter a mão sem antes pesquisar o que tem dentro”.

Para se fazer uma investigação, segundo o autor, o repórter deve ser o mais discreto possível, pois isso pode levá-lo a obter sucesso e conseguir realizar a reportagem. Neste quesito fica implícito o uso da câmera escondida, uma vez que ninguém percebe que ele está com ela em mãos devido aos mais diferentes formatos e desta forma pode conseguir as informações com maior facilidade, sem que ninguém perceba que está sendo gravado.

Outra dica é que para alcançar seu objetivo, na maioria das vezes, o jornalista investigativo deve se passar por uma pessoa comum para que ninguém o reconheça, e falar apenas o suficiente para obter as informações.

Também é importante nunca esquecer de checar várias vezes as informações. Uma dúvida coloca em risco toda uma reportagem e uma informação incorreta pode abalar a credibilidade de quem a investigou. Por último, o autor diz que o jornalista deve ser objetivo e fazer a mensagem chegar fácil ao receptor.

Outro fator importante no jornalismo investigativo são as fontes. Imprescindível em qualquer gênero jornalístico, no investigativo tem um caráter ainda mais importante, pois muitas vezes as fontes dão informações em *off the record*, quer dizer, que não querem ter a identidade revelada. Essas fontes expõem lados obscuros dos fatos e às vezes são elas que chegam a ser o fio condutor de investigações importantes como o caso Watergate, já citado anteriormente. Bucci (2000) acredita que o uso desse recurso deve ser feito com cautela e parcimônia por parte do jornalista. Para ele, podem existir interesses pessoais por trás da declaração de um informante.

Souza (2003) ratifica a opinião de Bucci. Para ele, as fontes nem sempre são totalmente confiáveis. Muitas vezes essas fontes podem partir de uma verdade ou de meias verdades que tem como interesse pessoal atingir alguém ou alguma instituição. Por isso, o jornalista deve sempre procurar um meio para averiguar as declarações de suas fontes. Tudo isso com ética, responsabilidade, clareza e transparência que devem fazer parte do próprio comportamento diário do repórter.

É importante que o jornalista tenha bem claro o seu limite para saber até onde é permitido trafegar dentro de uma investigação. Para Bucci (2000, p. 137), o jornalista “não está eticamente autorizado a se valer de recursos que estejam fora desse campo, como a espionagem ou a força – como um policial, nos termos da lei, está”. Lopes (2003, p. 36) concorda com essa visão e afirma que “o jornalista deve desenvolver a investigação, usando todos os recursos que são legítimos”, ou seja, dentro dos métodos considerados lícitos, sem infringir a lei.

Já Kotscho (BATISTA, 2003, p.55) diz que ele nunca usou disfarce para conseguir qualquer informação, mas admite fazê-lo “se fosse essencial para obtenção de uma informação de interesse público”. Arbex (PADILHA, 2003, p.67) também partilha do mesmo ponto de vista de Kotscho. Para ele, esse tipo de atitude tem que ser analisado dependendo da situação, ou seja, que “cada circunstância tem de ser estudada.” Arbex ainda afirma que acima de tudo está a finalidade da investigação jornalística, priorizando o interesse público.

Pode-se perceber que os pontos de vistas dos jornalistas sobre o assunto são variados e que cada um procura estabelecer uma via de regra a ser seguida diante das situações apresentadas no cotidiano.

Para alguns a importância da informação que será transmitida ao telespectador tem prioridade em relação a qualquer questionamento frente ao fazer jornalístico. Para outros as boas práticas jornalísticas devem vir sempre em primeiro lugar, fazendo uma ressalva de que toda regra tem exceção.

Já para os sujeitos entrevistados nesta pesquisa quando o assunto em questão são disfarces não houve unanimidade. A.C.R. disse não achar correto o repórter se passar por outra pessoa para conseguir informações, como no caso da reportagem da clínica clandestina de abortos na qual o repórter se passa por um paciente que acompanha a namorada que pretende fazer um aborto.

Porém, acrescenta: “Mas, se ele não fizer assim como ele vai conseguir saber de tanta maracutaia. A pessoa não vai falar pro repórter: - Olha, vem aqui, deixa eu te contar, eu sou criminoso fiz um monte de coisa errada. Ninguém faz isso. E acho que tem que mostrar pra todo mundo sim. A gente tem que saber.”

A entrevistada E. f. Q. também concordou quanto ao disfarce. Para ela “Faz parte da profissão dele mostrar tudo o que tem de errado. E acho que se ele tiver que se passar por outra pessoa pra isso, ele tá correto. Até porque ninguém vai falar nada se souber que ele é um repórter. Tem que ser criativo pra conseguir as informações.”

Outra participante, C. S. C, coloca seu ponto de vista sobre o assunto: “Tem coisa que ele só vai conseguir assim mesmo. Porque se ele falar que é repórter o povo sai correndo. Eu já vi muitos no jornal correndo do repórter.”

A única que discordou foi R. S. S. para ela: “Mentir... Não acho certo não. Porque se ele tá ali pra falar a verdade e já começa mentindo fica muito estranho! Depois eu fico pensando que deve ter outra forma dele conseguir, dele saber as coisas.

No jornal tem que falar a verdade. Pra ver uma pessoa representando eu assisto filme, novela.”

Como se percebe, dentre as pessoas entrevistadas, a maioria acredita que para mostrar a verdade dos fatos, o que está escondido, vale recorrer às técnicas citadas pelos jornalistas investigativos.

Especificamente quando o assunto é disfarce, se passar por outra pessoa, as entrevistadas, assim como os jornalistas, acreditam que diante de determinada situação e se aquela notícia é importante, ele se torna legítimo.

Há que se pensar aqui que é o público quem constitui o telejornal e se ele se apresenta neste formato é porque houve uma demanda anterior.

Mesmo dentro de um telejornal que apresenta a versão dos fatos existe uma leitura diferente dos espectadores em relação ao que é mostrado e a forma como é mostrado. Segundo Machado (2000) isso acontece devido aos diferentes pontos de vista.

4.3 O gênero no Brasil

Enquanto nos Estados Unidos o jornalismo investigativo teve seu ápice na década de 1970 com o caso Watergate, no Brasil, devido à política interna, ele só floresceu com a redemocratização.

Segundo Fortes (2005, p. 10) “o boom da investigação jornalística teve que esperar até o fim da ditadura militar (1964-1985) para acontecer”. Durante essa época a imprensa brasileira passou por um período de censura, que reprimia qualquer tipo de investigação jornalística sobre o que ocorria por trás das estruturas do poder e o jornalismo investigativo, conseqüentemente, acontecia em menor escala.

Mesmo assim, existem algumas reportagens investigativas feitas nessa época, como por exemplo, a escrita pelo jornalista Ricardo Kotscho sobre um operário que morreu no DOI-CODI nas mesmas condições do jornalista Vladimir Herzog, vítima de tortura. Kotscho comenta que, naquela época, embora tivesse dúvidas se aquela matéria seria censurada ou não, levantou as informações, entrevistou pessoas e no dia seguinte a matéria foi publicada na íntegra. Para Kotscho (2004, p. 35) “[...] a obrigação do repórter é tentar sempre”.

Até conseguir as informações para compor a reportagem, que segundo o Chefe de Redação do jornal Estadão, Clóvis Rossi, deveria sair na próxima edição, Kotscho, que não sabia nada a mais, a não ser o nome da vítima, Manoel Fiel Filho, um operário da fábrica Metal Arte na Mooca, e a improvável causa da morte, suicídio com uma meia, precisou ser muito persistente, investigar e principalmente não desistir no meio do caminho.

Por meio de informações conseguidas com um Bispo da Paróquia do bairro, chegou ao endereço da viúva do operário e depois complementou a matéria com depoimento de pessoas que conheciam Manoel.

O resultado da reportagem foi o afastamento do comandante do II Exército, General Ednardo D'Avila Mello, responsável pelos acontecimentos no DOI-CODI, pelo Presidente Ernesto Geisel.

Outra matéria do mesmo jornalista, intitulada “As Mordomias”, denunciava os ministros e altos funcionários do governo, que tinham altíssimos salários e privilégios maiores ainda. A reportagem repercutiu até em outros países, segundo Kotscho (2004, p. 55):

A série de reportagens sobre as mordomias foi apenas uma espécie de aperitivo do banquete de denúncias de corrupção que seria servido ao País, à medida que, sem censura prévia, a Imprensa ia retomando suas funções.

A corrupção já estava tão incorporada ao dia-a-dia dos beneficiários que muitas das denúncias utilizadas para compor a matéria foram retiradas do Diário Oficial da União. Ele admite que para fazer uma reportagem como essa foi necessária muita paciência para montar o quebra-cabeças e chegar ao resultado final. Vale lembrar que essa foi a primeira vez que a palavra mordomia apareceu no cenário nacional.

O problema não foi solucionado, mas repercutiu e os brasileiros tomaram conhecimento dos bastidores da política. Para Lopes (2003), essa é a função do jornalismo investigativo: apurar irregularidades e colocar na pauta do dia, mesmo que isso seja demorado.

Percival de Souza (ALMEIDA, 2003) é outro jornalista que também partiu do princípio da investigação para conseguir a reportagem na década de 1970 sobre a ação do Esquadrão da Morte, constituído por policiais paulistas, comandados pelo delegado Sérgio Fleury, que perseguiram, matavam e torturavam em nome da ditadura. Segundo Souza (ALMEIDA, 2003, p. 47), uma boa reportagem investigativa “é possível ouvindo as pessoas, reconstituindo o ambiente, montando a história”.

Existiram casos que se tornaram célebres por ter sido feita uma má investigação, ou por ter dado crédito demais a fontes, não ter apurado os fatos e denúncias corretamente, “como o dos garotos pretos e pobres acusados de assassinato no bar Bodega” (ROVAI, 2003, p.98) eles foram acusados erroneamente, tiveram inclusive suas fotos estampadas nos jornais de todo o país e depois, somente depois, foi feita apuração em que ficou comprovada que a polícia estava errada e que os meninos eram inocentes.

Outro caso semelhante foi o da Escola Base, em 1994, também com má apuração da polícia, seguida pela ânsia dos jornalistas em darem a notícia em primeira mão, o famoso “furo jornalístico”. Nesse caso, donos de uma escola no bairro da Aclimação em São Paulo, juntamente com as pessoas responsáveis pelo transporte escolar, foram denunciados pela mídia como molestadores de crianças. Tiveram suas vidas pessoais e profissionais destruídas por um acontecimento que de fato nunca aconteceu. Para Fortes (2005, p. 41), “embarcar simplesmente nas teses da polícia é uma forma perigosa de preconceito e caminho quase sempre certo para uma trapalhada jornalística”.

Cabe ao jornalista nesse caso exercer sua função com ética e dedicação. Rodrigues (MOREIRA, 2003, p. 105) lista algumas regras que julga básicas ao se iniciar uma reportagem:

- a) ouvir muita gente, ler tudo a respeito;
- b) respeitar os concorrentes, ter humildade e evitar idéias prontas;
- c) ter persistência;
- d) ter um plano de trabalho;
- e) identificar um assunto e persistir até esgotar a pauta;
- f) ter uma ótima agenda eletrônica;
- g) dominar a Internet;
- h) ter um ótimo arquivo pessoal, eletrônico e de papel;
- i) ser organizado: gravar as entrevistas ou anotar tudo em blocos;
- j) falar com quem entende do assunto;
- k) listar 50 ou mais possíveis entrevistados;
- l) fixar um prazo;
- m) ir à luta.

Ao seguir as regras propostas por Rodrigues para nortear uma investigação, o repórter se cerca de cuidados, o que torna mais difícil de cometer erros como os acontecidos no caso do Bar Bodega e da Escola Base, uma vez que partem do princípio de que o repórter deve ouvir muitas pessoas e não ter uma idéia pré-estabelecida.

Na década de 1990 o jornalismo investigativo teve sua época de ouro, durante o governo do Presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992), depois de 25 anos de ditadura. Ele foi o primeiro Presidente eleito diretamente pelo povo, e Fortes (2005) ressalta que o pedido de impeachment de Collor foi graças a apurações feitas pela imprensa e a descoberta dos esquemas de corrupção, tráfico de influências ao qual se uniam o Presidente, a Primeira-dama e o tesoureiro da campanha, entre outros.

O Jornalismo nessa época passou por uma discussão sobre a ética nas redações, pois os jornalistas estavam divididos, uma vez que, os fatos que geraram a queda de Collor eram classificados como de caráter denunciante.

Segundo Waack (ASSIZ, 2003, p. 142), “uma denúncia pode dar início a uma matéria investigativa, mas é preciso ir muito mais além”. Isso porque deve-se levar em conta a natureza em que tal denúncia foi gerada. Segundo o autor, muitos se aproveitam para dar vazão a interesses pessoais e prejudicar ou favorecer terceiros.

Mas nem todos os jornalistas concordam com esse ponto de vista. Fon (MERKX, 2003), afirma que esse tipo de jornalismo feito por meio de dossiês ou relatórios de CPI's, ou mesmo partindo de uma denúncia como a do caso Collor, nada tem a ver com Jornalismo Investigativo. Nesse caso a matéria já nasceu pronta: Pedro Collor, o irmão do Presidente, chegou à redação e falou tudo o que sabia sobre a teia de corrupção e sobre o irmão. A imprensa não teve nenhum trabalho, apenas tornou o caso público.

Para ser Jornalismo Investigativo, segundo Fon (MERKX, 2003, p. 86), deve-se partir da iniciativa do jornalista de correr atrás de alguma suspeita. Ele diz que “O jornalismo investigativo de verdade começa com o jornalista partindo do fato ou fragmento de informação para tentar obter um quadro geral”.

Foi exatamente esse tipo de atitude que levou o jornalista Caco Barcellos a investigar o caso da Rota 66, que se transformou em livro depois de cinco anos de pesquisa, no qual denunciou os assassinatos cometidos pelos policiais da ROTA – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, contra inocentes e na grande maioria pobres, negros ou pardos (BARCELLOS, 2006).

Não há como falar de jornalismo investigativo no Brasil sem citar um dos nomes que se tornou sinônimo do gênero: Tim Lopes. Ele chegou a conquistar o Prêmio Esso de Telejornalismo em 2001, pela série de reportagens “Feira de Drogas”, que mostravam jovens, com total liberdade, oferecendo drogas durante o dia, às pessoas que passavam por ali. As imagens foram feitas com uma câmera escondida, em uma das

favelas do Complexo Alemão. Outra reportagem do jornalista que também chamou a atenção foi a que mostrou os maus tratos aos pacientes internados em clínicas de recuperação de drogados. Segundo Fortes (2005, p. 73) “foi um trabalho de meses de apuração, durante os quais Tim se internou em diversos estabelecimentos para provar, sentindo o problema na própria pele, o péssimo tratamento dado às vítimas”.

Lopes era apaixonado pelo jornalismo investigativo e aos 51 anos pagou com a própria vida o preço do amor à profissão. Na época de sua morte, ele investigava o tráfico de drogas e abusos sexuais nos bailes funks. Os traficantes deram a sua resposta, e ele foi o alvo (FORTES, 2005).

A morte de Tim Lopes levou a uma série de discussões sobre os limites da investigação jornalística e sobre uma política de segurança nas redações. Ricardo Noblat (FORTES, 2005) acredita que além da paixão pela profissão, e da exposição a riscos, houve omissão do Estado, que deve garantir a segurança dos cidadãos.

A reportagem investigativa o repórter sempre se coloca diante de fatos comprometedores, o que faz do jornalismo investigativo uma atividade de risco.

É o tipo de coisa que mexe com grandes interesses, com corporações poderosas, com crime organizado, com policiais corruptos, com todo tipo de gente que quer ver qualquer coisa na frente, menos um jornalista abelhudo fazendo perguntas e fuçando de lá para cá. (FORTES, 2005, P.42)

Mostrar à sociedade fatos que estão submersos, expor a realidade que está oculta é para Bucci (2000) o princípio básico que rege a profissão do jornalismo, não só investigativo. Mas há que se expor com responsabilidade, sem que as vidas do jornalista ou do cidadão estejam em risco.

4.4 O produto final do jornalismo: a notícia

Para falar sobre a forma de produzir e divulgar a informação frente ao uso da câmera escondida e à dualidade certo/errado é preciso saber o que é notícia e entender como ela é produzida, o que difere e o que faz com que uma notícia seja escolhida para ser divulgada em relação a tantas outras no universo midiático. Existem várias

definições, trataremos aqui de algumas para tentar elucidar a questão. Para Squirra (1995, p. 47) notícia é:

É o relato de um fato ou acontecimentos atuais, de interesse e de importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público. A notícia não é um acontecimento, ainda que assombroso, mas a narração desse acontecimento. A notícia é tudo o que o público deseja saber. A essência pois da notícia está determinada pelo interesse público.

Para saber o que é esse tudo que o público deseja saber ou o que caracteriza esse interesse, ou até mesmo como se escolhe um fato em detrimento de outro é necessária a análise sob a luz de teorias específicas. A mais antiga, segundo Vizeu (2005), é a Teoria do Espelho a qual responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina. Essa teoria ainda hoje corresponde ao senso comum das redações e de muitas faculdades de jornalismo no Brasil. Ela reduz o jornalismo a técnicas e regras, como as feitas no *lead* tradicional: o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, e por quê?.

A Teoria do Espelho teve sua origem nos séculos XIX e XX, juntamente com o desenvolvimento da indústria do jornal. Com o crescimento dessa indústria que deixou de ser meramente familiar para se tornar um conglomerado surgem também outras visões do jornalismo. Vizeu (2000, p. 22) relata que:

Dentro desse contexto, o desenvolvimento dessa concepção, que é, ainda hoje, o padrão dominante no campo jornalístico, apresenta dois momentos históricos cruciais. Em meados do séc. XIX, surge, com o chamado Novo Jornalismo, o jornalismo de informação que tinha como preocupação separar fatos e opiniões.

O trabalho do jornalismo na época era tão somente relatar os fatos, sem nenhum tipo de comentário sobre eles.

No séc. XX, depois da experiência da propaganda na Primeira Guerra, surge nos Estados Unidos o conceito de objetividade, Schudson acredita que com a ideologia da objetividade, os jornalistas se tornaram fiéis às regras e procedimentos, uma vez que, os fatos não eram confiáveis. Para Vizeu (2005), a objetividade é o centro da atividade jornalística, e que torna o jornalista um fiel reproduzidor da realidade.

Depois surgiu a teoria do *gatekeeper*, na década de 50, que segundo o casal Armand e Michele Mattellart (2006), seria a pessoa responsável por controlar o fluxo de informação, função que garante o formador de opinião informal. Essa teoria segundo Traquina (2004, p. 150) funciona da seguinte forma:

O processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos Gates, isto é,

‘portões’ que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o gatekeeper, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não.

Se a notícia for escolhida, ela acaba de passar pelo portão isto significa que será publicada. Caso não seja escolhida acontece justamente o contrário, o fluxo é interrompido e a notícia não será publicada. Essa teoria:

Privilegia uma abordagem micro-sociológica, em nível de indivíduo, ignorando, por completo, os fatores macro-sociológicos, como as rotinas de trabalho. É uma concepção que parte do princípio da soberania do jornalista, reduzindo o ato de produção jornalística à seleção individual do que é noticiável. (VIZEU, 2005, p.24)

Em seguida veio a Teoria Organizacional, que amplia a abordagem teórica do âmbito individual para a organização jornalística. Segundo Traquina (2004), o sociólogo norte-americano Warren Breed foi o primeiro a trabalhar com essa teoria, e faz uma observação importante de que os constrangimentos organizacionais têm papel importante sobre a atividade profissional do jornalista.

Breed coloca seis fatores fundamentais que promovem o conformismo com a política editorial da empresa: a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de estima e obrigação para com os superiores; as aspirações de mobilidade; a ausência de grupos em conflito; o prazer da atividade e as notícias como valor. A conclusão de Breed, segundo Traquina (2004, p. 157) é que:

[...] a linha editorial da empresa jornalística é geralmente seguida, e que a descrição da dinâmica situação sócio-cultural da redação sugerirá explicações para este conformismo. A fonte de recompensas do jornalista não se localiza entre os leitores, que são manifestamente os seus clientes, mas entre seus colegas e superiores.

Já a Teoria Estruturalista, segundo Vizeu (2005), reconhece a autonomia relativa dos jornalistas em relação à sua atividade. As pressões de correr contra o tempo e as exigências de imparcialidade e objetividade combinam-se para causar um acesso exagerado, num sistema estruturado, à mídia por parte de quem possui posições privilegiadas.

E como consequência dessa preferência estruturada dada pela mídia à opinião dos influentes é que esses porta-vozes se transformam em definidores primários. Nessa teoria, segundo Traquina (2004, p. 175) os autores Stuart Hall e seus co-autores:

Defendem que as notícias são um produto social resultante de vários fatores, nomeadamente: A) a organização burocrática do media; B) a estrutura dos valores-notícia (a idéia do ‘fora do normal’, do negativo, das pessoas de elite)

que constituem o ‘elemento fundamental da socialização’ e a prática e a ideologia profissional dos jornalistas. C) o próprio momento de construção da notícia que envolve um processo de identificação e contextualização em que mapas culturais do mundo social são utilizados na organização.

Na Teoria Estruturalista os jornalistas nunca desafiam as fontes oficiais. Há uma relação unidirecional entre essas fontes, chamadas de definidores primários, e os jornalistas. São as fontes quem comandam as ações. Para TRAQUINA (2004, p.180) é “encarado com um espaço de reprodução da ideologia dominante, o campo jornalístico perde seu potencial como objeto de *enjeu*, como recurso potencial para todos os diversos agentes sociais”.

Já para a Teoria Etnoconstrucionista, segundo Vizeu (2005), as notícias são o resultado de um processo de produção definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima, que são os fatos, em um produto: a notícia.

Mas para que os fatos se transformem em notícias primeiramente é necessário fazer a seleção daquilo que irá tomar existência pública sob o caráter de notícia, em outras palavras, tem que ser algo noticiável. Dois conceitos são fundamentais nessa teoria: a noticiabilidade e os valores-notícia, uma vez que estão diretamente ligados à produção da notícia.

Noticiabilidade, segundo Vizeu (2005, p.26), é “o conjunto de elementos com os quais as empresas jornalísticas controlam e produzem a quantidade e o tipo de fatos, entre os quais vai selecionar as notícias”. Fazem parte da noticiabilidade os critérios de relevância que definem a possibilidade de algo virar notícia.

Já os valores-notícia são dispostos em cinco grupos:

1 - Categorias substantivas, que ligam o fato em si e seus personagens, estão subdivididas em: a) Importância – grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no fato, Impacto sobre a nação e interesse nacional, quantidade de pessoas envolvidas no fato, relevância e significação do fato quanto a sua potencial evolução e consequência. b) Interesse, que depende muito da avaliação do próprio jornalista – histórias de gente comum em situações insólitas, ou homens públicos surpreendidos no dia-a-dia da sua vida privada; histórias em que se verifica uma inversão de papéis (*fait divers*¹⁶); histórias de interesse humano; histórias de feitos excepcionais e heróicos.

¹⁶ Lage define *fait divers* de duas maneiras: a) pelo fato de não de enquadrar como relevante em qualquer área de conhecimento – economia, política, espetáculos, etc. e b) por conter em si, na estrutura retórica do texto, uma relação antiética. Entre outros exemplos, cita a notícia da prisão de um bispo em um cabaré: pouco importa onde isso aconteceu ou as circunstâncias que teriam levado o clérigo a visitar a casa

2 – Categorias relativas ao produto: que diz respeito à disponibilidade de materiais e características específicas do produto informativo. Depende da acessibilidade ao fato. São elas: a) brevidade; b) atualidade; c) atualidade interna; d) qualidade; e) equilíbrio.

3 – Categorias relativas aos meios de informação: Quantidade de tempo usado para a veiculação da informação. Ele deve: a) oferecer bom material visual; b) frequência, acesso ao local ou às fontes para dar continuidade aos fatos; c) formato: deve atender à narrativa jornalística com introdução, desdobramento e conclusão ou projeção de desdobramentos.

4 – Categorias relativas ao público: imagem que o jornalista tem do público. a) permitir plena identificação dos personagens envolvidos; b) atender aos interesses por informações de serviço público; c) protetividade: evitar noticiar o que pode causar pânico, ou que pode levar ao atentado contra a própria vida.

5- Categorias relativas à concorrência. a) exclusividade ou furo; b) geração de expectativas recíprocas; c) desencorajamento sobre inovações; d) estabelecimento de padrões profissionais ou de modelos referenciais.

O papel desses valores-notícia é orientar o processo de produção da notícia, e definir quais acontecimentos são suficientemente interessantes para serem transformados em notícia e ao mesmo tempo são esses mesmos valores que fazem com que um determinado fato tenha uma cobertura massiva pelos jornalistas. Traquina (2004, p. 203) afirma que “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”.

É a notícia que faz com que determinados fatos cheguem ao conhecimento público por meio do texto jornalístico. E é o jornalista quem vai decidir na escolha de um fato em detrimento do outro, baseado nesses valores-notícia.

Pereira Junior (2005, p. 83) aponta que esses valores-notícia estão diretamente ligados com a rotinização do processo de produção da notícia e “são contextualizados no processo produtivo onde adquirem o seu significado, desempenham a sua função e se revestem daquela aparência que os torna elementos dados como certo”.

Mas as notícias não refletem apenas esse processo de interação social, existem outras condições, segundo Bucci (2000), que também participam e interferem na construção da notícia como a própria construção da realidade, criada por meio da

noturna. O interesse jornalístico reside essencialmente, na relação paradoxal criada pela proximidade entre o supostamente sublime e o supostamente profano.

narrativa do texto jornalístico, os constrangimentos organizacionais como, por exemplo, a intervenção do proprietário da empresa jornalística ou fatores econômicos; a própria rotina dos jornalistas com um espaço de tempo cada vez menor em relação ao fechamento do jornal; os valores-notícia do próprio jornalista; as identidades das fontes de informação que nem sempre são reveladas.

Para Traquina (2004), a notícia não é somente um relato ou uma novidade, mas é algo que de alguma forma altera ou interfere na vida das pessoas. É o que o cidadão tem o direito de saber e alguém por algum motivo quer esconder.

Buscar a notícia e publicá-la passa a ser então o primeiro dever ético do jornalista. Para tanto, deve-se sempre perseguir a verdade dos fatos, ouvir todos os lados da história, e oferecer, por meio do relato, a confiabilidade que o cidadão precisa ter.

Segundo Kucinski (2005) é justamente na busca pela notícia e pela verdade dos fatos de interesse público que começa o embate ético entre a empresa e o jornalista. A empresa com seus interesses oligárquicos e seu departamento comercial começa a interferir no produto jornalístico como melhor lhe convém, o que seria então um conflito produtivo.

Isto pelo fato de que os jornalistas estão centrados cada vez mais numa ética da pós-modernidade que, segundo Kucinski (2005, p. 24), é “marcada pelo declínio dos valores solidariedade e compaixão” e calcada no sucesso pessoal.

Nesse sentido, Abramo (2006, p. 13) concorda com essa crítica quando diz que “a ‘grande mídia’ forma, hoje, uma espécie de Ministério da Verdade orwelliano encarregado de manipular as informações sobre a realidade, produzir amnésias e criar consensos”. Esse artifício de manipulação é, na maioria das vezes, utilizado por profissionais que dominam perfeitamente essa técnica de ocultar, manipular, fragmentar e inverter os fatos. Isso faz vir por terra o que seria o princípio básico da produção da notícia uma vez que não representa a realidade. Conforme relata:

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. (ABRAMO, 2006, p.24)

Como esse público é fragmentado, só conhece a pequena parcela da realidade da qual ele mesmo é o ator principal. Nesse sentido a informação toma forma de poder, um poder sem ética e sem limites, uma vez que o jornalista ou empresa decide o que é notícia, manipula e expõe esse resultado final ao cidadão comum.

A notícia como fonte de informação, verídica e factível, deve ter embutida dentro de seus valores a ética do profissional que tem como objetivo o compromisso com a verdade e com o público. Sobretudo, a forma com essa informação é apreendida pelos jornalistas, diante de tantos meios ilícitos que perpassam pela atividade jornalística.

Bucci (2000, p. 55) afirma nesse sentido que “o jornalismo que não dialoga sobre seus próprios métodos e procedimentos não é nem ético, nem informativo”. E neste ponto há que se levar em consideração na ética como uma guia mestra da conduta do indivíduo para tornar melhor a convivência com o grupo, com a sociedade.

É neste ponto, do debate com a sociedade sobre os procedimentos e métodos utilizados pelos jornalistas no ato da produção da matéria, que entra em cena a principal questão sobre o uso da câmera escondida, como ferramenta para apreensão de imagens que serão inseridas em reportagens e que serão apresentadas como notícias.

Ao ser interrogada sobre o assunto a entrevistada C.S.C., de 44 anos, que trabalha em uma cantina escolar disse: “Não vejo nada de errado e depois só assim mesmo pra conseguir mostrar tanta coisa errada que acontece nesse país. E mesmo assim, eles ainda conseguem se livrar né? No Brasil só vai preso quem não tem dinheiro. O sujeito as vezes rouba um pedaço de pão e apodrece na prisão. Agora vai lá e vê se tem gente rica, paga e tá fora. A não ser quando acontece igual a história lá da menina que o pai e a madrasta mataram a pequenininha, a Nardoni, aí vira um negócio. Passava na televisão toda hora e o país inteiro só falava nisso. Se eles não fossem presos o povo matava aqui fora.”

E. F. Q. de 49 anos, secretária, também acha válido o repórter utilizar a câmera escondida: “Acho correto. Porque talvez seja essa a única maneira de conseguir saber de verdade o que aconteceu. Porque geralmente o repórter nem fala que é repórter, finge que é uma pessoa comum e só tá ali pra fazer algum tipo de negócio, mas na verdade ele já sabe de tudo e só tá esperando a pessoa se entregar de bandeja. É como se fosse uma armadilha, uma cilada. Bom, pelo menos é o que a gente vê na televisão, que também acho que só mostra o que dá certo”.

O que se percebe é que as pessoas entrevistadas acham totalmente correto, não vêem nada de errado, no uso da câmera escondida. Para elas o jornalismo tem essa função de mostrar a verdade dos fatos, mostrar o que está escondido. Como disse E.F.Q. “talvez seja a única maneira de saber de verdade o que aconteceu”. É como se em nome

da verdade valesse tudo. Porém, o que não se pode esquecer é que essa verdade é apenas uma versão dos fatos Bucci (2000).

É apenas um ângulo, um horizonte do qual o repórter como observador, que se coloca diante do outro, por meio da experiência de vida e da bagagem cultural, naquele dado momento vivencia e a partir daí apresenta ao público, em forma de matéria, a sua verdade dos fatos.

Porém, a opinião das entrevistadas não é unânime. Há quem se oponha ao uso da câmera escondida. Para a dona de casa A. C. R., de 37 anos, o uso da câmera escondida chama a atenção do espectador, mas acredita que se trata de uma “manobra” do repórter. Desconfiada quando o assunto se trata de câmera escondida acrescenta: “Você acha que a pessoa não sabe que tá sendo filmada ali? Ainda mais hoje em dia! Acho que isso é montagem só pra chamar a atenção das pessoas. Mas, eu sempre acabo assistindo porque é o que tem de diferente. Parece até filme de suspense!”.

Mesmo, sem acreditar e fazendo uma analogia aos filmes de suspense, nos quais não se sabe o que vai acontecer na próxima cena, ela assiste e aumenta os números da audiência da emissora. “Chama a atenção”, conforme coloca a entrevistada.

E a televisão cumpre seu papel de chamar a atenção para si, de fazer com que os olhos do espectador se voltem para ela. Mesmo no jornalismo isto não é diferente, cada vez mais centrado na cultura do espetáculo, no qual o jornalista é o animador.

Guy Debord publicou o livro *A sociedade do espetáculo* em 1967. Militante da esquerda, da Internacional Situacionista, já preconizava a idéia que serviu como inspiração aos diversos movimentos anti-capitalistas de que “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens.” (DEBORD, 1997, p.14)

Ele fez uma análise da sociedade capitalista da época que, segundo sua visão, se organizava em torno da produção e consumo de mercadorias e imagens e usou o termo espetáculo para descrever a mídia e a sociedade de consumo em todas as suas instâncias, desde a produção aos efeitos causados pelas mesmas. Para Debord:

Quando o mundo real transforma-se em simples imagens, estas tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo como uma tendência de fazer alguém enxergar o mundo através de diversas mediações especializadas (ele não pode mais ser acessado diretamente) naturalmente revela a visão como o sentido privilegiado do ser humano, como o tato foi privilegiado em outras épocas. (1967, p.18)

Ele coloca o espetáculo, com o acúmulo de imagens, como uma espécie de arma utilizada cujos objetivos eram pacificar e despolitizar as pessoas tornando-as passivas e

alienadas. O que faz com que deixem de ser ativos em suas próprias histórias e tornem submissos aos espetáculos consumistas. Patias ao analisar os textos de Debord chega à conclusão que:

Na sociedade de consumo, a lógica do espetáculo não permite reconhecer o próprio espetáculo produzido. Não vemos, não percebemos, é diário e contínuo. São várias dimensões: quando divulgamos idéias, notícias, produtos, imagens, estamos produzindo espetáculos. (In Coelho e Castro, 2006 p. 91)

E isto na nossa sociedade pode ser observado, por exemplo, nos telejornais quando a mesma notícia se desenrola por dias seguidos, desenvolvida em forma de capítulos, fazendo com que no dia seguinte o espectador esteja diante da TV para saber um pouco mais sobre o assunto, como o caso da Isabella Nardoni, citado pela entrevistada.

Este é apenas um exemplo diante de tantos outros espetáculos produzidos pelos telejornais que ao usar uma carga de dramaticidade mobiliza a população. Assim, conforme coloca Kehl (2004, p.142):

“Na sociedade do espetáculo, o impacto midiático dos eventos é tão mais importante do que seu papel na história ou suas conseqüências políticas, que adquire autonomia sobre todos os outros aspectos envolvidos em um acontecimento.”

A lógica do espetáculo passa a ser fosse o fio condutor e balizador que indica a estrutura e organização dos conteúdos que serão vistos pelo espectador.

5 A globalização da informação

Ao deparar com todo o processo sócio-histórico que constitui a atividade jornalística fica evidente que a crescente modernização, em parte devido ao aumento tecnológico, gerou novos caminhos e novos modos do fazer jornalístico, que foi se adaptando e hoje o que se percebe é que existe um grande volume de informações às quais a sociedade tem acesso.

E essa é sem dúvida uma das características marcantes da comunicação do mundo moderno, visto que, as mensagens chegam a distâncias cada vez maiores em um

tempo relativamente menor e isto faz com que as pessoas tenham acesso a informações advindas de lugares distantes e de fontes diversas.

Este fator está diretamente relacionado ao advento dos meios eletrônicos e a configuração do espaço tempo, que por sua vez, tomou dimensões diferentes. As mesmas mensagens que levariam meses para chegar aos mais remotos lugares, agora já podem ser visualizadas quase que instantaneamente no espaço virtual. Este fenômeno pode ser facilmente constatado, visto que, a informação não possui fronteiras naturais.

Essa reelaboração de um novo espaço/tempo ordenado pelo desenvolvimento tecnológico está inserida no contexto que transformou e ainda transforma as rotinas, estruturas e processos da atualidade denominados como globalização.

Segundo Thompson (1998, p. 135) o significado do termo amplamente utilizado seria referente “à crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo, um processo que deu origem às formas complexas de interação e interdependência.” Porém, ele salienta que, para que de fato exista a globalização, são necessários alguns pré requisitos como por exemplo: que as atividades aconteçam em um espaço global e não apenas regional, que elas sejam organizadas e estruturadas em uma escala global e por último que estas atividades envolvam algum tipo de reciprocidade e interdependência e que isto, por sua vez, influencie nas atividades locais em diferentes partes do mundo.

A visão de Thompson corrobora com a de Manuel Castells que também evidencia vários acontecimentos determinantes para a transformação da sociedade. Dentre eles podemos citar principalmente uma revolução tecnológica baseada na tecnologia da informação, telecomunicação e transporte que aconteceu na década de 1970 reestruturando a economia global.

Octávio Ianni (2002, p. 19) descreve a globalização fazendo uma analogia à fábrica global, para ele:

A fábrica global instala-se além de toda e qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão de trabalho social e outras forças produtivas. Acompanhada pela publicidade, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, misturadas em jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videoclipes, fax, redes de computadores, e outros meios de comunicação, informação e fabulação, dissolve fronteiras, agiliza os mercados, generaliza o consumismo. Provoca a desterritorialização e reterritorialização das coisas, gentes e idéias. Promove o redimensionamento de espaços e tempos.

Ainda que seja um aspecto peculiarmente do mundo moderno a globalização teve suas raízes na expansão marítima da Idade Média. Antes disso, com o fator preponderante das longas distâncias, as relações comerciais eram basicamente locais.

No âmbito da informação, como já vimos anteriormente, a distribuição de notícias em lugares distantes também não é algo novo, uma vez que, no Império Romano já existiam redes postais. Mais adiante, com o advento da imprensa no séc. XV, todos os impressos tiveram sua rede de circulação ampliada.

Embora houvesse esse crescimento e divulgação da informação foi apenas no séc. XIX que essas redes tomaram uma dimensão global, Thompson ressalta que os principais fatores que levaram a essa expansão global foram: o desenvolvimento de novas tecnologias com o objetivo de desvincular a comunicação do transporte físico das mensagens que estavam diretamente ligadas a fatores econômicos, políticos e militares.

Ele destaca três pontos chaves do início da globalização da comunicação, são eles: O desenvolvimento dos sistemas de cabos submarinos pelas potências imperiais européias; o estabelecimento de novas agências internacionais e a divisão do mundo em esferas de operação exclusiva; e a formação de organizações internacionais interessadas na distribuição do espectro eletromagnético.

Dentro do primeiro item apontado pode ser destacado o telégrafo como o meio de comunicação, que deu o ponta pé inicial, e utilizou o potencial da eletricidade com sucesso. Porém, o fato de seu cabeamento ser terrestre o tornava limitado geograficamente. Com a criação dos cabos submarinos o telégrafo pode enfim interligar regiões distantes e facilitar a comunicação. Segundo Thompson (1998, p. 139):

As redes de cabo submarino se desenvolveram na segunda metade do século XIX num primeiro sistema global de comunicação no qual a capacidade de transmitir mensagens se separava claramente dos processos – tempo e consumo – demorados de transporte das mesmas. Indivíduos localizados nos maiores centros urbanos da Europa e da América do Norte adquiriram os meios de se comunicarem quase instantaneamente com outras partes do mundo.

A partir deste momento já era possível se comunicar em escala global de forma rápida, ainda que as rotas fossem delimitadas de acordo com a organização do poder político e econômico.

Outro fator que influenciou no desenvolvimento das redes de informação foi o estabelecimento das agências de notícias que tinham como objetivo coletar e distribuir informações, aumentando assim, a cobertura geográfica. Com a disputa territorial entre as várias agências que competiam entre si houve a necessidade de dividir o mundo em campos de operação mutuamente exclusivos o que ampliava consideravelmente o alcance numa esfera praticamente global.

Estas agências, por sua vez, trabalhavam ligadas à imprensa, forneciam aos jornais informações e histórias advindas de suas localidades o que rendia aos jornais e mais tarde ao rádio, à televisão e atualmente à internet, um incremento na audiência.

Atualmente o que se percebe é que cada vez mais os vários veículos de comunicação existentes dependem destas agências para produzir seu conteúdo, com notícias, principalmente internacionais, tendo como objetivo atrair o público e garantir lucros.

A transmissão de dados por meio das ondas eletromagnéticas já no fim do século XIX também contribuiu de forma positiva para a globalização da informação. Elas ampliaram o alcance e a capacidade de transmitir e receber informações de forma eficiente sem a necessidade de instalar os cabos amplamente utilizados anteriormente.

O desenvolvimento desta tecnologia, juntamente com a urgência de se administrar o espaço destas ondas, acabara por se tornar um impulsionamento para o avanço da globalização da comunicação. A partir deste momento, era possível a qualquer pessoa, ter acesso às informações bastava apenas estar dentro do raio de alcance das ondas e um equipamento para sintonizá-las e assim recebê-las.

Mesmo tendo um maior alcance, foi depois do lançamento dos primeiros satélites, já na década de 1960, que a abrangência das informações se tornaram efetivamente globais.

Mas, foi somente no século XX que a globalização da informação tomou força e novos contornos devido ao aumento do fluxo e da disseminação das informações, agora em escala mundial, que está cada vez mais enraizada no modo de vida da sociedade.

Foi neste século que houve um aumento deliberado no número de canais de difusão da informação. Segundo Thompson (1998, p. 143):

O rápido desenvolvimento dos sistemas de transmissão radiofônica e televisiva em todo o mundo tem sido um importante, mas de forma alguma o único deste processo. A globalização da comunicação tem sido também um processo estruturado e desigual que beneficiou mais a uns do que a outros, e que incluiu mais rapidamente algumas partes do mundo nas redes de comunicação global do que outras.

E isto aconteceu essencialmente por três fatores: o primeiro deles é que cada vez mais a comunicação é dirigida por conglomerados que ao longo do século XX se transnacionalizaram expandindo seus negócios para outros continentes e se fundiram a outros empreendimentos se tornando megacorporações, que detém tanto o poder econômico, quanto o simbólico, que por sua vez são controlados e distribuídos de forma desigual para manter e garantir seus objetivos.

Desta forma aumenta-se o fosso existente entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma vez que os menos desenvolvidos tem um menor poder de barganha em relação ao que será veiculado em suas grades de programação televisiva, e ficam com um pacote determinado pelos detentores do poder. Só para se ter uma noção do que isto significa, de acordo com Denis de Moraes (2006), entre filmes, séries e eventos esportivos são apresentados mensalmente ao público latino-americano cerca de 150 mil horas destes programas provenientes dos Estados Unidos.

O segundo fator que também contribuiu para a difusão da informação foi o desenvolvimento tecnológico que proporcionou, por meio dos métodos digitais, a possibilidade do processamento, armazenamento, recuperação e transmissão da informação, além de possibilitar a convergência permitindo que a mesma informação seja facilmente convertida para outros suportes.

Agora já é possível estar conectado a um telefone celular ou a um tablet e saber o que acabou de acontecer do outro lado do mundo, mas isso não priva o indivíduo de ter sempre uma visão latente, unilateral e verticalizada do acontecimento.

Para Martim-Barbero (2006, p.70) isto acontece pelo fato de que “As tecnologias não são neutras, pois hoje mais do que nunca, elas constituem grupos de condensação e interação de interesses econômicos e políticos com mediações sociais e conflitos simbólicos”.

Tudo vira uma enorme manchete com um único objetivo de obter lucro. Os suportes se multiplicaram já não existe apenas o jornal impresso, a revista, o rádio, a TV, acrescenta-se a isto o computador, celulares, filmadoras, tablets, etc., e para se comunicar com o mundo vale tudo desde slogans criativos nas publicidades veiculadas aos mais variados filmes, sites e blogs.

O que leva o indivíduo a conviver com uma enxurrada de informações num fluxo contínuo a uma velocidade tão alta que segundo Augé (apud MORAES, 2006, p. 105) “dão a sensação de que o planeta se encolhe.” O que gera a impressão de que estamos vivendo um imediatismo cada vez maior.

E é exatamente isso que acontece na área da comunicação hoje, na era da convergência midiática, da comunicação globalizada, desterritorializada. Mídiação esta que segundo Sodré (apud MORAES, 2006) requer uma nova qualificação que pode ser redimensionada como um novo *bios*, isto é, um novo modo de vida mediado pela mídia que é quem regula, controla e organiza o que será distribuído aos indivíduos.

5.1 - Ética e Estética

O objetivo desta pesquisa não é discutir sobre a ética no jornalismo, mas não há como deixá-la do lado de fora da questão, uma vez que será analisada a maneira como as pessoas vêem o uso da câmera escondida em telejornais.

Neste ponto, sempre se recai sobre a dualidade certo/errado, então, para contextualizar, serão abordados superficialmente alguns conceitos filosóficos que estão de alguma forma interligados como é o caso da moral, da estética e da própria ética, porém com pontos de vista diferentes, para que depois se possa adentrar no cerne da questão e agregar a visão dos sujeitos da pesquisa.

Ética é um termo derivado da língua grega *ethos* que significa comportamento, hábitos e costumes de um povo. Para Vázquez (2002, p. 23), “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”, isto é, ela passa a existir a partir do momento em que o homem começa a viver em grupos. A ética não pode ser reduzida puramente a um conjunto de normas, mas tem como fim estudar, explicar e influenciar a própria moral.

Quanto à moral, ele afirma ser uma palavra que vem do latim *mos* ou *mores*, que significa costume ou costumes. Seria então o conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. Um modo de ser, ou um comportamento adquirido pelo próprio homem.

Há que se pensar que o conceito de ética surge para explicar, estudar e analisar a moral:

Desta maneira temos, pois, de um lado, atos e formas de comportamentos dos homens em face de determinados problemas, que chamamos morais, e, do outro lado, juízos que aprovam ou desaprovam moralmente os mesmos atos. Mas, por sua vez, tanto os atos quanto os juízos morais pressupõem certas normas que apontam o que se deve fazer. [...] Os indivíduos recorrem a normas, cumprem determinados atos, formulam juízos e, às vezes, se servem de determinados argumentos para justificar a decisão adotada ou os passos dados. (VÁSQUEZ, 2002, p. 16-17)

Já outros autores como Kremer-Marietti (1989), dizem que a moral se ergue como se fosse uma segunda natureza e à medida que essa natureza vai se construindo, começa a se perder a própria consciência. Eles afirmam que:

[...] uma civilização, uma cultura, um todo socialmente objetivado e cujo equilíbrio só pode ser rompido pela exigência imperiosa de novos problemas

éticos. A ética é então colocada à distância da consciência moral comum, de seu bem e de suas virtudes. (KREMER- MARIETTI, 1989, p.11-12)

São inicialmente esses valores que norteiam as escolhas do ser humano, decisões e atitudes, quer seja por opção própria ou mesmo pela necessidade momentânea, e são eles que diferenciam o ser enquanto pessoa e profissional, partindo da liberdade de escolha que cada indivíduo possui.

Como dizia Sartre (apud KARAM, 1997, p. 35) “o homem está condenado à liberdade” e, portanto, as suas escolhas o projetarão de uma maneira ou de outra para o seu próprio futuro sendo também sua motivação para o presente. É o indivíduo o responsável pelo resultado dessas escolhas sejam quais forem para o bem ou para o mal.

O modo de agir diante da escolha e da moral foi uma preocupação de vários filósofos. Aristóteles (2001) para quem o sentido maior da existência estava alicerçado no conhecimento e não no domínio do poder, a moral nada mais é do que o conjunto de ações pelas quais o homem dá forma à sua existência. Immanuel Kant (1994, p. 42) em seu conceito de imperativo categórico acredita que uma regra de conduta não tem sentido sem que seja universal, e acredita que o homem “age de tal sorte que possas igualmente querer que tua máxima se torne uma lei universal”. A ética, segundo Bucci (2000, p. 22), é lida com obrigações e ainda acrescenta que a conseqüência do ato não tem importância, desde que se revista de características universais, ou seja, “[...] que o ato se apóie em princípios que tenham a mesma validade para todos”. Já para Max Weber (1982, p. 300) não há como pensar apenas no ato sem pensar nas conseqüências:

Onde, no caso individual, pode o valor ético de um ato ser determinado? Em termos de êxito ou em termos de algum valor intrínseco do ato per se? A questão é se, até que ponto, a responsabilidade do agente pelos resultados santifica os meios, ou se o valor da sua intenção justifica a sua rejeição da responsabilidade do resultado, seja para transferi-lo para Deus, ou para a maldade e idiotice do mundo permitidas por Deus.

Na atividade jornalística, é esse agir que a ética do jornalismo procura avaliar, uma vez que é pautada pela liberdade de expressão, direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 19¹⁷:

Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS apud GOMES, 2004, p.32)

¹⁷Aprovada em Resolução da III Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10/12/1948, em Paris.

No Brasil, a Constituição Brasileira de 1988 no art. 220, também assegura a liberdade de expressão e de informação:

A manifestação de pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veiculação não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988, p.144).

Kucinski (2005) já faz uma análise da ética jornalística, reiterando o imperativo categórico da verdade kantiana, na qual o compromisso maior do jornalista é com o caráter absoluto da verdade. Para ele, o jornalista não deve ponderar sobre as conseqüências daquilo que tem a dizer, e quando começa a trilhar por esse caminho e omitir ou revelar meias verdades, ele deixa de ser jornalista e passa a ser um censor, um juiz daquilo que deve ou não dizer.

O jornalismo existe para socializar as verdades de interesse público, para tornar público o que grupos de interesse ou poderosos tentam manter como coisa privada. O absolutismo dessa ética pode ser sentido por uma de suas implicações, a de que o jornalista não é responsável pelas conseqüências da divulgação de uma verdade de interesse público, seja ela qual for. Mas é responsável e até cúmplice das conseqüências de não ter socializado essa verdade de interesse público. (KUCINSKI, 2005, p.19)

Ele ainda fala sobre a ética jornalística na cultura anglo-saxã, a qual passou a ter um caráter ideológico dentro da profissão. Para ele, o jornalista é responsável pelos seus atos, mas não pode se responsabilizar pelas conseqüências das verdades reveladas.

Já para Abramo (1988, p. 109) , não existe uma ética diferente entre o cidadão e o jornalista.

Onde entra a ética? O que o jornalista não deve fazer que o cidadão comum não deva fazer? O cidadão não pode trair a palavra dada, não pode abusar da confiança do outro, não pode mentir. No jornalismo, o limite entre o profissional como cidadão e como trabalhador é o mesmo que existe em qualquer profissão. É preciso ter opinião para poder fazer opções e olhar o mundo da maneira que escolhemos. Se nos eximimos disso, perdemos o senso crítico para julgar qualquer outra coisa. O jornalista não tem ética própria. Isso é um mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista.

Para ele o comportamento do jornalista deve ser o mesmo em todas as situações, quer diante dos fatos, dos colegas ou mesmo da empresa em que trabalha.

Corroborando com a visão de Abramo, Bakhtin (2010 p. 11) faz uma crítica a respeito da ética kantiana e do imperativo categórico que pressupõe um dever, um agir universal. Para ele cada indivíduo deve partir do princípio de que “eu sozinho, e nenhum outro no meu lugar, devo responsavelmente fazer, de maneira não formal, não farisaica, não como impostura.” Este seria para Bakhtin o ato responsável, isto é, a responsabilidade não transferível do indivíduo.

E aqui cabe pensar na estética como propõe Bakhtin (2003, p. 23) onde Eu com meu excedente de visão, do meu lugar único no mundo, tendo o Outro diante de mim, vivencio um horizonte singular do qual somente eu possuo. Para ele:

O excedente da minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se.

Este excedente de visão também se constitui em uma experiência estética, uma vez que a contemplação que o precede se converte em uma ação ativa e eficaz.

Porém, não basta apenas contemplar, há que se colocar no lugar do Outro para que desta forma possa, por meio da empatia, partilhar o mesmo horizonte social, os mesmos sentimentos, desejos, angústias, para só então voltar ao ponto de inicial e a partir deste lugar, juntamente com o excedente de visão, que é exclusivo de quem está diante do Outro e com todos os sentimentos pessoais, realizar uma atividade ética, cognitiva ou estética.

Pode-se perceber que não é fácil chegar a um consenso sobre esse tema, nem mesmo quando são jornalistas experientes que provem à reflexão.

Cada um tem sua própria justificativa moral quando se trata de ética, é como se a mesma fosse individualizada e problematizada em cada situação específica. A razão pode ser variada ou até mesmo conformista.

A polêmica da ética jornalística não é atual. Wainer afirmava ter agido sem escrúpulos na divulgação de uma notícia na ânsia de manter aberto o jornal *Última Hora*. Wainer (1987, p. 171) diz ter se corrompido, chegando até a namorar “filhas de comerciantes para fechar negócios”, admitindo erros éticos no ato jornalístico. Wainer, assim como Maquiavel (1999), acreditava que os fins justificam os meios.

JK recebeu-me com a simpatia de sempre. Expliquei-lhe meus projetos e a necessidade de conseguir recursos, ressaltando que qualquer ajuda que ele me prestasse deveria permanecer sob completo sigilo. [...] Respondi que

precisava de 3000 contos, como poderia ter mencionado outra cifra qualquer: eu não havia feito cálculos precisos para saber exatamente quanto teria de gastar na primeira etapa do jornal. Ele informou que determinaria a três bancos ligados ao governo que cada um desse mil contos. (WAINER, 1987, p.131)

Outro jornalista que teve erros éticos apontados em sua biografia é Assis Chateaubriand. Segundo Moraes (1994, p. 575), Chateaubriand fazia negociações com o governo para obter proveito próprio, ameaçava, chantageava e usava de todos os artifícios para conseguir o que queria.

Chateaubriand colocou os Associados a favor da posse de Juscelino e contra os golpistas e sua extravagante tese de maioria absoluta. O que o jornalista só revelaria muito tempo depois é que tanto o apoio dado à campanha quanto o reforço naquela hora decisiva iam custar mais caro que o mandato de senador: Kubitscheck teve de se comprometer a nomeá-lo embaixador do Brasil na Inglaterra.

Karam (1997) acredita que manipulação da informação como faziam Wainer e Chateaubriand, ou o conceito de que os pontos de vista de cada jornalista sobre o que é a ética são o que tornam difícil a delimitação do fazer jornalístico.

De certa forma, este tem sido o sentido comum, das mais variadas formas e pelos mais diferentes motivos, que permeiam a atividade jornalística como lógica que se submete ao Estado, à empresa privada ou aos critérios pessoais. Por isso, é tão difícil tratar de um tema tão fascinante quanto complexo. (KARAM, 1997, p.43)

Segundo o autor, para se discutir o tema e obter respostas baseadas na ética há que se entender o jornalismo na origem de sua concepção.

Como já foi dito anteriormente o foco desta pesquisa não é absolutamente problematizar a questão da ética na atividade jornalística, porém não há como refletir sobre o tema proposto sem adentrar, mesmo que de forma superficial, nesta área para tentar entender e analisar o que os sujeitos da pesquisa pensam sobre o uso da câmera escondida como ferramenta de apreensão da notícia como eles recebem as informações que foram apreendidas por meio da câmera escondida. Existe aí uma dualidade entre o agir certo e errado, se deveria utilizar ou não tal ferramenta e em quais situações.

Dentre os entrevistados a maioria, por exemplo, foi categórica ao afirmar que acha correto o uso da câmera escondida pelo repórter. Para eles, sem a ajuda desta ferramenta os fatos continuariam escondidos e a principal justificativa é de que as pessoas têm o direito de saber o que está acontecendo.

Chama a atenção quando uma das entrevistadas comenta que “Hoje com essa câmera pequeninha que ninguém vê o povo tem que ficar bem esperto. Qualquer hora a gente pode tá lá na televisão e nem saber, dá até medo!”.

É por meio do uso dessa câmera pequeninha, quase imperceptível, que alguns fatos são descobertos, vêm à tona e são colocados, sem pedir licença, na telinha dentro dos lares de milhões de brasileiros.

Conforme a fala da entrevistada acima o que se percebe é que junto com a informação que é apresentada fica também uma sensação de medo de que a mesma câmera que foi utilizada para buscar a notícia, ou que antes era usada pura e simplesmente com o objetivo de captar imagens para entreter o espectador, hoje se tornou um objeto invasivo a ponto de causar medo.

Quando a entrevistada diz: “a gente pode tá lá e nem saber” é como se existisse um efeito de ameaça, como se qualquer um, sem nenhum critério, sem a necessidade de pedir permissão, pudesse a qualquer momento aparecer na TV. E nesse caso qualquer pessoa passa a ser o protagonista do próximo bloco do noticiário da TV.

5.2 O Discurso jornalístico

Depois de discorrer sobre as teorias que, ao longo dos tempos, discutiram e conceituaram o que é notícia pode-se perceber que a construção da notícia não se resume simplesmente a um conjunto de regras ou a técnicas específicas, pois seria superficial tratar a atividade jornalística como um mero aprendizado das normas e do fazer jornalístico.

O que deve ser levado em consideração mediante tais constatações é que o jornalismo ao produzir as notícias produz discursos e estes discursos é que vão produzir os sentidos por meio dos enunciados.

Para Bakhtin (1997) esses enunciados não são adâmicos, isto é, não nasceram sozinhos e estão ali parados, prontos para serem usados, eles fazem parte de uma cadeia interligada, como uma engrenagem, na qual havia algo antes e um imediatamente depois.

Eles se utilizam da língua para se tornarem concretos, mas não de uma língua morta e sim de uma língua viva, isto é, que a cada instante levando em consideração as condições específicas e as finalidades a que se propõem o que faz com que tomem um novo sentido. Não esquecendo de que estas enunciações são um produto social que não podem ser constituídas monologicamente, antes dependem do outro e de uma interação para que possam existir.

Os enunciados são produzidos em um dado momento com um objetivo e, portanto, deve haver um Outro para quem são direcionados. Por isso deve-se levar em conta o contexto em que estão inseridos. Conforme coloca Bakhtin (2000, p. 320)

Os outros, para os quais o meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo o enunciado se elabora como para ir ao encontro dessa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém de estar voltado para o destinatário.

E isso caracteriza o que Bakhtin (2003) chama de dialogismo: o fato de o interlocutor ser colocado em uma posição responsiva e ativa, esta interação que existe entre os dois é que faz com que o falante de quem partiu o enunciado espere uma resposta.

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ela não espera apenas uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.

Voltando para a atividade jornalística este interlocutor para quem está direcionada a enunciação é o leitor e no caso mais específico desta pesquisa o espectador. É para ele que os jornais soltam milhares e milhares de cópias diariamente. É para ele que o repórter vai para rua e busca elementos necessários para compor sua matéria. É para ele que os editores dos telejornais selecionam o que será e o que deixará de ser notícia. Enfim, é para eles que os apresentadores do horário nobre dirigem a saudação boa noite, todas as noites. Conforme constata (Bakhtin, 1997, p.146)

Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmicas científicas, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo

transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sob o modo de apreensão do discurso.

É aí que entra a posição do jornalista quando ele escolhe as palavras que farão parte do seu enunciado ele toma uma posição. E para colocar o seu ponto de vista, que é único e singular, ele se utiliza dos vários discursos produzidos pela sociedade, levando em conta que este discurso será dirigido para um indivíduo, que possui um determinado auditório social composto pelas suas experiências, escolhas, motivações e a partir do qual ele faz suas deduções e tira suas conclusões.

É na enunciação que o jornalista dá conta dos acontecimentos mais recentes, tão recentes que ainda não vieram a público, não se fizeram conhecer, portanto ainda não fazem parte do repertório e da memória coletiva e que poderá gravar-se nela, primeiramente, pelo fato de o jornalista enunciar.

Os acontecimentos que o jornalista enuncia são selecionados a partir de um pré julgamento, que comporta a sua visão de mundo o seu horizonte social, sobre a importância do assunto em questão e do seu interesse para o público que é quem garantirá a audiência.

O maior desafio por parte do jornalista é que seus enunciados sejam aprendidos e entendidos por um grande número de pessoas que são diferentes entre si e que possuem um auditório social também diferenciado.

Ele pode lançar mão de vários artifícios, como por exemplo, figuras de linguagens, contextualizações, imagens, para tentar conseguir este objetivo, mas ele não tem como prever os diferentes sentidos que este enunciado poderá suscitar em cada um.

Desta forma a enunciação jornalística, ao ser lançada para o público que caracteriza a audiência, deixa de ter o sentido tradicional se tornando disponível para a elaboração de novos sentidos. Assim, cada sujeito que compõe a audiência, ao interpelar o discurso jornalístico, tomando como base seu universo cultural, torna-se um sujeito livre para construção de sentido.

É nesta instância da apreensão do sentido que se faz necessário entender como é estabelecida a recepção que não pode ser abarcada apenas por estudos e estratégias de marketing, que se tornam cada vez mais colaboradora das empresas jornalísticas com o objetivo de auxiliá-las na construção do mercado. Entretanto, o que não se pode perder de vista é que a recepção é construída sob a égide dos próprios enunciados.

Segundo, Fausto Neto (1991, p. 37):

[...] tais vínculos são construídos no interior da própria discursividade, bem como daquelas leis que ao nível do discurso tratam de tipificar não só as maneiras pelas quais o suporte constrói as notícias, mas, especialmente a organização mesma da sua noção de leitor

É a partir do Outro que não é uma simples personagem inventada, mas que está do outro lado da ponte, e para quem os enunciados são lançados, e da sua interação, com o olhar que só ele pode promover, Outro que é construído na própria produção imaginária dos organizadores e enunciadores do discurso.

Desta forma não há como pensar o jornalismo apenas como uma reprodução do real, pois existe uma infinidade de discursos que perpassam o campo jornalístico, com suas tensões, as várias vozes presentes, as práticas discursivas que envolvem a atividade. Que restringi-lo a normas, regras e técnicas seria o mesmo que perder sua própria dimensão, seu próprio objeto.

6 A evolução da tecnologia da mídia televisiva

O uso da microcâmera como forma de apreensão da notícia tem sido cada vez mais utilizada pelos jornalistas nos diversos telejornais. Segundo Rezende (2000), uma das razões é tentar atrair telespectadores. O que gera polêmica é como a sociedade enxerga esta questão, se ela deve ser usada em telejornais e principalmente em determinadas situações sem que a pessoa em questão saiba que é o alvo de uma investigação e que posteriormente terá sua imagem na TV.

Esse tipo de método só foi possível pelo tamanho da câmera que com o passar do tempo foi diminuindo, devido ao avanço da tecnologia, permitindo que atualmente seja usada sem que ninguém a veja. Mas nem sempre foi assim. Lage (2005), constata que até se chegar a implementação de fato das descobertas que aconteciam neste segmento no fim do século XX houve fatores que foram preponderantes, como por exemplo, a dificuldade existente na parte operacional em transmitir ao mesmo tempo a imagem e o som, além de guerras, competição tecnológica e dos altos investimentos indispensáveis para se obter apenas um alcance local.

Foi na década de 1920 que as emissoras-laboratório inovaram e desenvolveram um disco que era responsável pela composição da imagem. Ele fazia esse procedimento utilizando de um sistema de uma varredura e a imagem que aparecia era pequena e alaranjada. Porém, somente dez anos mais tarde, na década de 1930, foi que a televisão começou o processo de transmissão nos seguintes países: Alemanha, Inglaterra, União Soviética, Itália, França, Estados Unidos e Holanda. Na época, segundo Lage (2005, p.168) o sinal chegava até o espectador de uma forma primitiva: “o sinal vinha em preto-e-branco e lembrava de fato as sombras que os moradores da caverna de Platão imaginavam ser o mundo real”.

Ele ainda comenta que por ser o país pioneiro a Inglaterra teve que pagar um preço substancial. Quanto à parte técnicas os primeiros aparelhos da época apresentavam a resolução de 405 linhas horizontais, que era o padrão. Este padrão só foi alterado em 1967 com o surgimento da televisão colorida, que concebeu um novo padrão de 625 linhas. Mesmo assim, o antigo formato predominou até 1986, quando houve a redução do número de aparelhos que usavam esse formato. Nos Estados Unidos, até o início da Segunda Guerra Mundial existiam menos de sete mil receptores de TV e só depois da guerra é que novamente os olhos se voltaram para a disputa de mercado.

Ainda sobre a parte operacional, segundo Squirra (1995, p.128), em 1948 foi criado o primeiro equipamento que conseguia reter e conservar a imagem “que uma vez emitida e recebida desaparecia para sempre”. Passou a existir o Kinescópio, um aparelho que possibilitava a gravação ao mesmo tempo da imagem e som. Essa gravação era realizada em filme cinematográfico e na época chegou a transmitir uma regata entre as equipes de Oxford e Cambridge.

Mas, foi apenas em 1956, oito anos mais tarde, é que foi desenvolvido o primeiro gravador de áudio e vídeo, que “[...] tinha duas polegadas de largura, 4 cabeças de gravação e foi batizado de quadruplex”. (SQUIRRA, 1995, p.128)

No Brasil essa tecnologia, de certa forma inovadora, demorou um pouco mais para chegar. A TV juntamente com a aparelhagem disponível em 1950, veio pelas mãos do jornalista Assis Chateaubriand, responsável pela primeira emissora do país, a TV Tupi. Segundo o autor, toda a aparelhagem que existia até então, além de ser grande ainda era de difícil operacionalmente. A câmera usada para filmar e produzir os noticiários era a de 16 milímetros sem som direto.

Naquela época toda a programação visualizada pelo espectador era praticamente gravada ao vivo, desde a novela, que era transmitida duas vezes por semana, ao primeiro telejornal. Segundo Lage (2005, p. 169):

Externas eram transmitidas poucas, colhidas em câmeras que rodavam a corda, sem som, e que passavam em negativo; a conversão para o positivo fazia-se no equipamento eletrônico quando o programa ia ao ar, cabendo ao locutor narrar os fatos.

O que fazia com que a linguagem na época se tornasse bem próxima da utilizada no rádio. Sobre essa fase da TV no Brasil, Furtado (apud REZENDE, 2000, p.106) confirma que “era totalmente baseada em fala com pouca visualização”.

A própria edição de imagens era feita manualmente. Foi somente em 1966, que a empresa eletrônica japonesa, a Sony, lançou o primeiro aparelho de vídeo portátil com fitas de ½ polegada, encaixadas em carretéis preto e branco. Três anos mais tarde, em 1969, a Sony inovou e criou o cassete de vídeo. “eram aparelhos rudimentares, pesados e designados de equipamento de ½ polegada em formato helicoidal”. Este tipo de aparelho se tornou um agente facilitador na operação do equipamento segundo Squirra (1995, p.129).

O quadro acima só começou a mudar com o aparecimento das câmeras CP, que já tinham as tomadas de som magnético acopladas. Elas foram utilizadas na guerra do Vietnã e uma das vantagens é que dispensavam o técnico de gravação que acompanhavam o cinegrafista e permitiam a revelação colorida positiva.

Por outro lado, apresentavam também algumas desvantagens: o filme de 16mm, quando revelado no modo rápido, tinha as imagens apagadas com o tempo, além de ter um custo bem alto. Ainda tinha como agravante o fato de que a montagem da moviola, nome do aparelho de edição cinematográfica, apresentava problema que não possibilitava entrevistas e cabeças do repórter. Lage (2005, p. 170) descreve que:

Como a passagem da película se fazia quadro a quadro, no ritmo de 24 quadros por segundo, e o movimento uniforme do filme só se recuperava após a passagem da película por roldanas corretoras, a tomada de som na banda magnética ficava 18 quadros distante da imagem.

Com isso o que acontecia era que ao cortar a declaração de alguém o som deixava de existir, mas os lábios do entrevistado ainda continuavam a se mover por mais 18 quadros.

A descoberta mais importante para os jornalistas surgiu em 1971, quando a Sony criou o equipamento de $\frac{3}{4}$ de polegada, chamada de U-Matic. Segundo Squirra, (1995, p. 129):

A descoberta desse formato de fita veio resolver um grande problema de captação de imagens exteriores, pois, ou o equipamento era impróprio para uso externo, pelas enormes e difíceis condições de operação, caso da quadplex, ou o equipamento apresentava qualidade de gravação muito elementar e imprópria para a exibição numa rede de televisão, caso do de $\frac{1}{2}$ polegada.

Depois surgiram os aparelhos analógicos no sistema Beta, que eram da Sony e o Super VHS das concorrentes. Sendo que dentre estes dois sistemas, o Beta era o melhor, porém, o mais caro. Já o Super VHS, apresentava um grave problema: a cada cópia apresentava uma perda acentuada da imagem, e isso limitava as reproduções, principalmente as múltiplas.

Apesar de todos os problemas podia-se utilizar o som juntamente com a imagem. Segundo Lage (2005, p.171), “era possível tomar um evento – o pouso de um pássaro preto sobre as traves do gol – para construir uma fábula de um jogo de futebol, ou o deslumbramento de uma jovem para relatar a excursão a uma base na Antártica”.

Com a transmissão direta da imagem e sons, a TV realiza sua obra máxima jornalística. A partir desse momento, o telespectador já podia assistir a um fato como se estivesse presente no local. O que antes era um privilégio apenas do rádio que detinha o poder da instantaneidade. Antes a transmissão de imagens dos fatos sofria um atraso de até 12 horas entre o acontecimento propriamente dito e a sua divulgação. A partir de então a TV segundo Rezende (2000, p. 73):

[...] oferece a “prova da imagem” em movimento como o próprio acontecimento, o enquadramento referencial da palavra e ligação com o espaço e o tempo-transmissão direta. Esses três componentes tornam a televisão o grande documento do cotidiano. A imagem em movimento tem o dinamismo da vida, a perfeita sincronização do acontecimento. As pessoas andam, falam, tropeçam na tela como na realidade. Sendo ao vivo ou um registro imediato de um acontecimento, a TV ganha um altíssimo grau de veracidade, de poder referencial.

Porém, mesmo com todo esse apuro tecnológico, com as câmeras portáteis que facilitam por permitirem maior mobilidade, fazer reportagens jornalísticas ainda continua sendo difícil. Para Rezende (2000), isso acontece em parte pelos comportamentos imprevisíveis que a presença da câmera e a possibilidade de aparecer

na tela podem gerar nas pessoas, que quando focalizadas, deixam de ser elas próprias e passam a interpretar um personagem.

Já para Barcellos (apud REZENDE, 2000, p.72), isso acontece porque a câmera tem o poder de transformar realidades:

A câmera é uma transformadora da realidade, na medida em que desperta um fascínio muito grande. É muito comum, por exemplo, o repórter chegar em um ambiente onde as pessoas estão envolvidas em uma tragédia e ainda assim ter que desviar dos que querem sorrir, abanar para a câmera, mandar um recadinho engraçado para a família.

Fato que pode ser notado até mesmo em protestos ou comemorações. Basta ligar o equipamento para observar as mudanças.

Essas mudanças, provenientes do modo exibicionista de agir frente às câmeras caráter gera uma dificuldade ainda maior ao trabalho do repórter, principalmente ao se tratar de jornalismo investigativo. Um trabalho que exige discrição por ter um caráter de serviço de espionagem.

Esse é um dos fatores pelos quais as matérias de denúncias exibidas pelos telejornais são feitas geralmente com equipamentos como câmeras e gravadores escondidos. Para Rezende (2000, p. 72), isso se torna necessário “para conseguir declarações ou flagrantes de comportamento comprometedores”. Nem sempre as imagens geradas pelos recursos citados contêm aprimoramento técnico, mas eles nem são discutidos, pois o que está em questão é o valor jornalístico da reportagem feita.

No telejornalismo a imagem é o que torna o fato apresentado verídico. Para muitas pessoas o que a tela mostra é o real. Rezende (2000, p.76) acredita que “por isso, a TV ocupa um status tão elevado, o que faz com que os telespectadores, especialmente os pouco dotados de senso crítico, lhe dêem crédito total, considerando-o incapaz de mentir para milhões de pessoas”.

Esse é ponto alto do telejornalismo: a sincronicidade entre texto e imagem, com harmonia e criatividade para atrair o telespectador. Por isso são priorizadas as notícias que contêm imagens. Segundo Mario Marona (apud REZENDE, 2000, p.78):

[...] telejornalismo ideal é o telejornalismo sem palavras. Só com imagens. Imagens que tenham significado próprio, que não dependam de palavra – nem escrita, nem falada. Não existe nada mais desnecessário – nada mais intruso – do que repórter sobrepondo seu texto a imagens emocionantes, fortes reveladoras, mobilizadoras do telespectador.

Ele busca embasamento para seu argumento no cinema e cita os filmes como os do diretor Jacques Tati, da década de 1940 e 50, que na época de ouro do cinema falado, se colocava na contramão, ao fazer filmes nos quais as palavras eram pouco utilizadas ou mesmo como os de Alfred Hitchcock que eram capazes de criar suspenses apenas pelas imagens e sons, sem texto.

Atualmente a televisão cria seus suspenses em telejornais sensacionalistas que utilizam de todo aparato tecnológico para aumentar os índices de audiência. Xico Sá, repórter investigativo, Fortes (2005, p. 95) levanta algumas questões bem pertinentes ao tema: “O interesse público justifica os meios? Qualquer meio é legítimo para se checar uma fraude?”

Quando o assunto é o uso de microcâmera, ou câmera escondida para se conseguir informações as opiniões se divergem. Diego Escosteguy, criador do site “O Perdigueiro” de jornalismo investigativo, acredita que esse tipo de jornalismo “passa por um péssimo momento no Brasil. É uma crise de conteúdo, de parâmetros éticos e do próprio valor mercadológico desse tipo de notícia”. (FORTES, 2005, p.90)

Souza (apud ALMEIDA, 2003, p.48) reconhece que o uso da câmera escondida tem sido bem utilizado por algumas emissoras gerando benefícios à sociedade, mas elas se constituem em armadilhas éticas. Para ele antes de começar uma matéria de caráter investigativo é necessário “estabelecer diferenças sobre interesse público e interesse do público”. Pois muitas emissoras transmitem qualquer tipo de informação em nome do interesse do público.

Contra o uso da ferramenta Kotscho (apud BATISTA, 2003, p.60) acredita que não existe a necessidade de usar esse tipo de artifício, mas, não condena quem utiliza. Ele que nos dias atuais, com tanta tecnologia, ainda usa os bloco de papel para fazer as anotações ao invés de gravador e nunca precisou se passar por outra pessoa, nem usar métodos que não fossem o da própria investigação para conseguir suas reportagens. Diz que “não basta ser honesto ou bem preparado. É preciso mais ter coragem para ir contra os modismos, disposição para remar contra a maré, defender a liberdade e a qualidade de informação como quem protege seus filhos”.

Para Arbex (apud PADILHA, 2003, p.66) o uso desses meios para conseguir a informação estaria totalmente relacionado a uma situação específica. Ele afirma que “cada circunstância tem que ser estudada. Não tenho nenhuma posição sobre isso”. Ele acredita que o interesse social e a consciência devem delimitar o uso dos aparatos. Ele afirma que o tipo de jornalismo que é utilizado atualmente é inimigo da democracia,

uma vez que tem por trás a mídia centrada nas mãos de poucas pessoas que têm interesses econômicos e que procuram muito mais esconder, escamotear, do que mostrar a realidade.

Ganhador de um prêmio Esso de jornalismo, Fernando Rodrigues, é contra os métodos do jornalista que oculta a identidade para conseguir informações e também que se aproximam da investigação policial, que para ele são totalmente diferentes. Quanto ao uso de câmeras escondidas, Rodrigues (apud MOREIRA, 2003, p.106) afirma que “o interesse público, em geral, não justifica o uso do grampo, gravações escondidas, disfarces, câmeras ocultas. A ética da profissão deve estar sempre acima”.

Neste ponto a entrevistada R. S. S. corrobora com a visão do jornalista para ela “Este tipo de atitude não deveria ser aprovada pelos chefes em nenhum canal de TV. Parece que o jornal fica parecendo um filme de suspense! Como que o repórter fazia para conseguir as notícias antes de existir a câmera escondida? O jornal não pode ser um jogo de vale tudo, como em toda profissão tem que ter regras. A gente muda de canal e no outro jornal, do Datena, o cara sai correndo com a câmera na mão para mostrar uma tragédia. É o pai que fez mal para a filha, filho que mata mãe. Só tragédia! Muda pra Globo e vem com esse negócio de câmera escondida, de imagem que alguém conseguiu sabe lá como. Não é certo não. Parece ser a maneira mais fácil. Mas, olha vou te contar... no meu trabalho nada é fácil e tenho que fazer!”

Eugênio Bucci (2000, p.211) coloca a sua visão sobre essa questão:

O dilema ético por excelência não é aquele que opõe o lícito ao ilícito: é aquele que abre uma escolha entre o certo e o certo, isto é, entre dois valores que se apresentam como igualmente justos e bons. Por isso, também, a ética está presente em toda decisão que busque qualidade de informação.

Para ele, essas questões devem ser analisadas e debatidas tomando como ponto de partida episódios reais. Dessa forma esse debate se torna um serviço de utilidade pública que educa o espírito crítico dos cidadãos e conseqüentemente ajuda a melhorar a imprensa.

6.1 A palavra falada na TV

Diferentemente de outros suportes como o livro em que o narrador, por meio de detalhes escritos, faz com que cada leitor diante de seu repertório cultural e suas

experiências vividas recrie o ambiente, os personagens e o contexto histórico em que tal situação acontece. Na televisão o mesmo contexto não se serve apenas das palavras, uma vez que fatos históricos e frases subjetivas precisam de imagens para que possam atrair a atenção do telespectador que diante deste suporte espera algo mais do que simplesmente a fala.

Segundo Távola (1984) isto acontece porque o livro é considerado uma tecnologia tradicional, que trabalha sobre o imaginário e o conceitual. E que por este motivo se torna autossuficiente, isto é, não necessita de nenhum complemento, basta que o leitor domine o código da língua em que está escrito, para que atribua sentido e compreenda o que o autor deseja dizer.

É claro que para se chegar ao livro como temos hoje vários acontecimentos marcantes tiveram que acontecer ao longo da história, como já foi visto anteriormente, desde a invenção da escrita, à prensa de Gutenberg com todos os tipos móveis, além do processo gráfico e da logística para a distribuição.

Já o rádio, tecnologia mais recente que o livro, foi considerado o segundo meio de comunicação de massa. Segundo Ferrareto (2001) a radiofonia teve como ponto positivo levar a informação para um grande número de ouvintes socializando-a desta forma. E um dos fatores que contribuiu para tal acontecimento foi a enorme penetração popular devido ao preço e a situação econômica das pessoas que na grande maioria eram analfabetas. Para Briggs & Burke (2006, p. 230)

[...] o rádio alcançou toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, e de modo diferente de outras mídias como a imprensa e o cinema. Em qualquer lugar, era 'um bom companheiro', consolando e entretendo, informando e educando, além de oferecer, em qualquer lugar, conforto para cegos, doentes, solitários, e os que estavam confinados em suas casas. Na memória, pelo menos, as imagens que evocava substituíam tanto quanto as palavras que oferecia.

Porém, ele possui algumas particularidades como, por exemplo, o fato de impor ao ouvinte que ao sintonizar, além da atenção, goste da programação veiculada e da fala do locutor com suas entonações e escolhas sígnicas.

Távola (Id, *ibid.*) acredita que o rádio além de operar sobre o imaginário e o conceitual como no livro necessite da empatia por parte do ouvinte que sintoniza seu aparelho em um determinado programa ou muda de uma estação para outra até encontrar algo que lhe agrade, ou melhor, agrade aos seus ouvidos. Neste caso também há que se fazer um resgate das relações vividas por este ouvinte, que é quem fará a escolha de um determinado programa em detrimento de outro.

Já a telinha requer do telespectador que este direcione vários sentidos para decifrar as mensagens. Não somente a visão como no livro ou audição como no rádio. E esta imposição dos sentidos feita pela TV, a cada dia que passa, com o desenfreado avanço tecnológico, faz com que o telespectador tenha novas sensações em virtude da tecnologia que não parar de evoluir e que deve ser apreendida por vários sentidos diferentes.

Ao ligar a televisão a imagem aparece instantaneamente, quase num passe de mágica, porém não é tão simples assim. Para que a mensagem seja veiculada na televisão de forma clara e sem ruídos existem vários aspectos operacionais que devem estar em perfeita sincronicidade, isto é, em pleno e perfeito funcionamento.

Para se ter uma idéia desta parte técnica que não é visível aos olhos mas, que torna a imagem, o som, a fala, a palavra visível é necessário a utilização de ferramentas como: câmeras, luzes, mesa de corte de imagens, vídeo-tapes, som, além de pessoas que operem com destreza toda essa parte técnica.

Nas TVs de última geração pode ser conferido o efeito tridimensional da imagem, conhecido como 3D e algumas propostas do outro lado do continente já apontam para as TVs 4D que fazem com que o telespectador use um dos únicos sentidos que até então não havia sido explorado ainda no mundo audiovisual: o olfato.

São estes elementos que quando bem utilizados, conseguem um bom resultado final atraem a atenção do telespectador e fazem com que ele assista a um determinado programa ou então utilize o controle remoto zapeando até encontrar algo que o agrade.

Távola (Id, *ibid.*, p.31) acredita que estes fatores são determinantes e ainda acrescenta que “Quem usar tais elementos ao levar um programa ao ar, estará ‘falando’ a linguagem de TV, ou seja, uma forma própria de transmitir e expressar”.

Porém, deve-se levar em consideração que esta forma própria amplamente utilizada no contexto televisivo não foi constituída aleatoriamente e nem criada instantaneamente.

Existe uma interação entre o sujeito espectador e todo o conteúdo veiculado pela mídia televisiva, assim como em outros meios de comunicação que existem na medida em que o sujeito ouvinte, leitor, espectador os façam existir.

Segundo Bucci (2004 p.29) “[...] aquilo que o telespectador vê na tela emerge não apenas da tela em si, mas também de algo que ele, telespectador, já estava demandando”.

E isto vale para vários processos tecnológicos ao longo da história desde a fotografia que para muitos foi um aprimoramento das técnicas artísticas criadas pelos pintores, passando pelo rádio, a televisão a internet e todas as tecnologias decorrentes desta onda de incessante evolução.

É a partir desta demanda feita pelo sujeito telespectador que são determinados os contornos dos programas televisivos que serão veiculados, antes mesmo deles existirem o público já os constituiu.

A televisão agregou dentro do seu conteúdo todas as outras formas de comunicação sejam elas voltadas para o entretenimento, como no caso do cinema e teatro, por meio de filmes e peças que antes só podiam ser visualizadas em lugares específicos, determinados para este fim. Seja nas telenovelas com seu tom dramático que mobiliza a população no horário nobre ou nos telejornais um *upgrade* dos jornais que antes existiam apenas em sua versão impressa.

E ainda o rádio com a música que na telinha virou o videoclipe, claro que de uma maneira mais elaborada, produzida para atrair o telespectador, assim como, as centenas de opções que formam na tela que nunca para, um fluxo ininterrupto de imagens coloridas captadas pelo olhar do telespectador.

Mas não é apenas o tipo de programa veiculado na televisão que leva de forma invisível a assinatura do telespectador como co-produtor, mas até mesmo nos gestos, entonações e a própria escolha das palavras que levarão a mensagem.

As palavras e imagens utilizadas para compor uma reportagem televisiva não são escolhidas de forma aleatória como propõe o jornalismo dito imparcial, apenas com a única intenção de informar, uma vez que, por trás de cada palavra e de cada imagem escolhida existe um sentido, apresentado de forma velada, ou mesmo camuflada na forma da arte utilizada para ilustrar a matéria e este sentido vem carregado de ideologia.

Fiorin (2006) ao fazer uma análise sobre Bakhtin chega à conclusão de que todo texto é dialógico, uma vez que carrega dentro dele uma série de outros textos, isto acontece pelo fato de estar constituído, formado, pela presença do Outro, por meio das diversas vozes sociais.

E depois de elaborado deixa de pertencer ao autor e passa a ser de propriedade de quem o lê. Portanto está sujeito a várias interpretações. Para ele, (Id, *ibid.*, p.179) “O texto em Bakhtin, é uma unidade de manifestação: manifesta o pensamento, a emoção, o sentido, o significado”. Já Para Barthes (apud FIORIN Id, *ibid.*, p.164) “Todo texto é

um intertexto: outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

Partindo deste ponto de vista, pode-se dizer então, que o discurso jornalístico se torna um espaço privilegiado de luta ideológica, de construção de discursos diversos, que refletem às configurações do campo do poder e de suas próprias regras.

Existe uma alteridade entre a televisão e o telespectador. Bakhtin (1997) afirma que o Outro constitui o sujeito, a sua consciência, a sua fala, a sua linguagem. Este Outro pode ser entendido como aquilo que é externo ao sujeito, tudo o que lhe é social; e se o social constitui o sujeito, é correto dizer que tudo o que é pessoal é social. A sociedade modifica o indivíduo que modifica o mundo, e esse é o princípio do materialismo dialético.

Ao serem escolhidas estas palavras ganham vida nos discursos emitidos, tomam sentidos e ganham força, pois elas não são neutras como tentam afirmar os jornalistas ao transmitirem sua mensagem.

Ao escolher tal frase em detrimento de outra o jornalista impõe seu discurso opinativo. Portanto mesmo com as palavras do outro o discurso do jornalista terá valor e juízo próprios. A palavra nunca é inocente porque pertence à cadeia de significante e significação. É sempre um produzir para criar novas realidades, dando novo sentido ao significado da vida humana, para Bakhtin 1997, p.41, “[...] as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais.”

Esta palavra escolhida para compor um determinado discurso vem carregada de força e reproduz uma determinada ideologia. Partindo deste ponto de vista, pode-se dizer então, que o discurso jornalístico se torna um espaço privilegiado de luta ideológica, de construção de discursos diversos, que refletem às configurações do campo do poder e de suas próprias regras.

O telejornal é constituído pelo uso dos intertextos conforme explicitado acima, através da escolha das palavras que se constituem como discurso indireto. Machado (2000, p. 107) descreve de forma clara a utilização deste recurso:

[...] o apresentador chama o repórter, que por sua vez chama o entrevistado e assim vamos encaixando uma voz dentro da outra, como no recurso lingüístico das citações. Não por acaso neste tipo de estrutura, o apresentador nunca usa a primeira pessoa [...] Mas a verdade é que, nesse modelo de telejornal, tanto o apresentador quanto os repórteres evitam, sempre que possível, dizer o que pensam sobre a notícia.

Isto tenta fazer com que o espectador não evidencie que aquele texto, com aquelas palavras, partiu de alguém. É como se o repórter, juntamente com o apresentador, apenas apresentassem e interpretassem os fatos sem nenhuma intenção. Ocultando a autoria e fazendo com que aconteça um apagamento da memória do espectador em relação ao mascaramento que isso produz.

Perguntado às entrevistadas sobre a neutralidade do repórter frente às reportagens apresentadas todas foram unânimes ao responder que sim, ele apenas mostrou de forma simples para que as pessoas pudessem entender o que estava acontecendo. C. S. C. ainda acrescentou “ele até explicou direitinho pra quem não sabe que aborto é crime! E na outra mostrou até lá pra promotora. Fez certinho.” A. C. R. complementa que “Em nenhum momento você vê os repórteres da Globo falando eu fiz, eu fui, eu descobri... Isso só aparece mais em jornais de outros canais.”

As respostas acima demonstram que os entrevistados não percebem que para compor os discursos dos repórteres e dos apresentadores é necessário que se faça a escolha das palavras e imagens que serão veiculadas, e que elas representam as opiniões do repórter, do apresentador, do editor e da própria empresa.

Esse modelo de telejornalismo que existe atualmente está alicerçado na evolução do aparato tecnológico da mídia televisiva e nas pressões feitas pela hegemonia dos meios de comunicação que Segundo Kehl, (2004, p.92) tem como objetivo:

Atender às expectativas do público e aumentar o seu poder de lucro, a cultura da mídia promove espetáculos cada vez mais sofisticados que, impulsionados pelo poderio econômico, passam a ser o parâmetro da vida em sociedade.

Mas, nem sempre foi assim ele acontece, mas nem sempre foi assim, vale aqui ressaltar a história da TV desde sua criação, antes de toda a evolução pela qual veio passando ao longo dos últimos 50 anos para entender como a tecnologia influencia nos programas desde a confecção dos mesmos até a veiculação.

6.2 Sorria, você está sendo filmado

É comum em virtude das demandas e dificuldades vivenciadas pela sociedade atual ao adentrar em um determinado ambiente seja de uso público ou particular

encontrar a famosa frase: “Sorria, você está sendo filmado” demonstrando que estão sendo gravadas as imagens do que acontece naquele local, das pessoas que transitam por ele, com o objetivo de intimidar as pessoas e mostrar que aquele ambiente é vigiado, portanto, totalmente seguro.

Atualmente o uso de câmeras escondidas tem sido aplicado para os mais diversos fins. Na televisão elas são utilizadas desde programas de entretenimentos, com quadros veiculados pela mídia televisiva como pegadinhas, que flagram a pessoa envolvida em uma situação hilária sem que ela ao menos imagine que está fazendo parte de uma gravação, que será veiculada na televisão.

Nos *realitys shows*, nos quais a pessoa sabe antecipadamente que está exposta, em todas as situações cotidianas, e que estas imagens estão sendo visualizadas pelo espectador. Até nos telejornais, pelos repórteres, como uma ferramenta de trabalho, como mostra esta pesquisa. Tudo isto em função de fazer com que os canais sejam abastecidos com imagens, as mais variadas possíveis, com a finalidade de atrair o espectador.

Não só em programas televisivos mas, até mesmo em casas lotéricas, nas ruas e avenidas de várias cidades, sempre existe uma câmera vigiando e ao mesmo tempo cerceando o cidadão.

Atualmente até mesmo os satélites entraram nesta empreitada pois são capazes de enviar imagens aos computadores, por meio de programas como o *google earth*, que gera a visualização de qualquer lugar em apenas alguns minutos. Tornando a sociedade próxima a de um filme de ficção científica como por exemplo o *Minoroty Report* no qual as pessoas conseguiam até mesmo prever um crime antes que acontecesse e prender o futuro assassino antes que cometesse o crime.

Quem retratou muito bem esta situação foi George Orwell quando em seu livro 1984 descrevia uma sociedade que era vigiada 24 horas por dia pelo grande irmão o olho que via todos os movimentos dos cidadãos, cerceando o direito de ir e vir para o controle do Estado.

O nome do livro e a simbologia foi tão forte que acabou virando nome de *reality show* BBB, transmitido em horários nobres em alguns países, no qual algumas pessoas escolhidas por sorteio, aleatoriamente ou propositadamente se confinam em uma casa cheia de câmeras para viverem durante um determinado período de tempo.

Michel Foucault em seu livro, *Vigiar e Punir*, já descrevia algo semelhante quando relatava sobre o panóptico, uma espécie de dispositivo, criado para exercer o

controle e o poder por meio do jogo de luz e sombra e da própria arquitetura. Para Mattelart (2006, p. 98):

O modelo de organização em panóptico, utopia de uma sociedade, serve nessa perspectiva para caracterizar o modo de controle exercido pelo dispositivo televisual: um modo de organizar o espaço, controlar o tempo, vigiar continuamente o indivíduo e assegurar a produção positiva de comportamento.

Configurado pelo filósofo Jeremy Bentham, uma espécie de cadeia, na qual de uma torre central, se pode visualizar todo o prédio, dividido em uma espécie de câmeras, mais parecidas com labirintos, onde os presos, colocados em células individuais, eram vigiados, vistos sem ver.

Aquele ponto de vista da torre panóptica coincide, em certa medida, com o olhar que observa a imagem em perspectiva e esta imagem, uma vez conhecida, vale mais pelo que mostra e informa.

Fazendo uma analogia à televisão o casal Armand e Michele Mattelart (2006) inverte o panóptico e o coloca como se fosse a própria tela do aparelho, de onde os vigiados agora se encontram em uma posição privilegiada, de poder ver sem serem vistos. Neste caso, não funcionaria apenas como controle disciplinar, mas se utilizaria do fascínio e da sedução para ser uma espécie de máquina organizadora.

A entrevistada R. S. S. em uma de suas respostas disse que sentia constrangida quando entrava em algum lugar que tinha uma câmera e complementou: “Perco até o jeito, não gosto. Você sabe que tem alguém ali te olhando o tempo todo... te vigiando mesmo. É como se todo mundo fosse suspeito.”

Neste sentido e usando o panóptico com a analogia feita acima pode-se perceber que nos dias atuais este modelo disciplinar e organizacional proposto, ainda é bastante utilizado com estes mesmos propósitos, por meio das várias possibilidades de uso das câmeras e das inúmeras telas de visão.

7 Considerações finais

A questão que move esta pesquisa parte de uma curiosidade pessoal que acredito ser compartilhada com dezenas de companheiros da minha profissão: como os

espectadores atribuem significado às reportagens transmitidas pela televisão que têm como ferramenta a câmera escondida? Diariamente os jornalistas que trabalham nas diversas emissoras de TV sofrem com a pressão de colocar no ar notícias cada vez mais interessantes, que atraiam o público e façam com que eles não escapem para a concorrência ou para o próximo canal.

Por meio de uma discussão centrada na visão do filósofo russo Mikhail Bakhtin e de suas reflexões que tem como cerne o dialogismo, ideologia, gêneros do discurso é possível perceber a importância do outro e de suas interações para a construção de sentido que não são produzidos isoladamente, mas que depende dos aspectos histórico-social, das enunciações e do Outro.

Esta pesquisa pretendeu ser um ponto de reflexão e discutir sobre uma importante e difícil questão: o uso da câmera escondida no jornalismo investigativo na TV, fato cada vez mais comum nos telejornais sob a visão dos espectadores.

Tendo como base metodológica um específico referencial bibliográfico sobre, ideologia, gêneros do discurso, dialogismo, jornalismo investigativo e estética e ética, bem como entrevistas com os sujeitos que participaram desta pesquisa foi possível fazer algumas observações, traçar um panorama histórico do jornalismo a fim de um melhor entendimento sobre o fazer jornalístico sob a visão dos participantes e autores.

Seguindo esse raciocínio era importante compreender conceitos e situações que o jornalista enfrenta diariamente no exercício de sua atividade, como por exemplo, saber o que de fato é notícia, como ela é produzida, quais os critérios na seleção das informações que se tornarão públicas. Foi necessário fazer uma análise das teorias que envolvem o assunto para entender questões que estão inter-relacionadas com a notícia e paralelamente com a ética e estética.

Um dos fatores que interfere tanto no microcosmo jornalístico, como na divulgação da informação é que com a globalização da informação houve uma fusão dos canais de veiculação da notícia, o que gerou o monopólio dos meios de comunicação pelos conglomerados oligárquicos das empresas jornalísticas. Para essas empresas a notícia nada mais é do que um produto comercial, uma simples mercadoria e seguindo o próprio interesse econômico essas empresas que dominam o mercado escamoteiam, manipulam e fragmentam a verdade como lhes convém, tendo como meta a lucratividade.

Diante de todas essas questões observou-se que os telejornais oferecem aos seus espectadores uma informação rasa, superficial, de má qualidade, voltada para o

sensacionalismo, ou algo que se torne um espetáculo visual. Isso acontece pelo fato de que a televisão busca como objetivo final os números da audiência e a fórmula sexo, sangue e violência alavanca esses números.

Existe uma deformação no conceito do que seja de interesse público, informação relevante para a sociedade, e o que é de interesse do público, ou seja, apenas curiosidades, fofocas, que, por vezes, leva jornalistas não comprometidos com os ideais da profissão a invadirem a privacidade de pessoas públicas e a revelar fatos pessoais que nada têm a ver com a informação jornalística.

No caso do uso da câmera escondida, essa não é uma decisão apenas do jornalista, em algumas situações é a própria empresa quem determina o direcionamento que o repórter deverá seguir para sua matéria, portanto é importante que se discuta o assunto dentro das redações, para que os dilemas que perpassam as diferentes situações sejam refletidos e equacionados pelos profissionais do jornalismo.

Deve-se lembrar que, em casos nos quais a única opção para que os fatos se tornem públicos seja o uso da câmera escondida, é necessário que haja transparência por parte do repórter que se utiliza desse método para apreensão da notícia, e não fazer disso um show ou uma atividade sensacionalista.

Por isso é importante que o profissional de jornalismo tenha uma boa formação acadêmica, não somente técnica, mas também voltada para a ética e estética, dentro da qual se amplie a capacidade de entendimento e de discernimento do jornalista, para que ele possa perceber as diferentes formas de manipulações existentes e tenha embasamento suficiente para deflagrá-las.

A conclusão que esta pesquisa chegou é que se a responsabilidade do uso da câmera escondida é em parte do jornalista, este precisa ter uma formação melhor, portanto, é imprescindível que sejam discutidos, cada vez mais o assunto, tanto no meio acadêmico, como nas empresas, e principalmente com o público, uma vez que ele é quem vai receber essa informação como produto final.

Como ficou claro, durante o processo desta pesquisa, em nenhum momento teve-se a intenção de que os resultados aqui obtidos pudessem ser generalizados, isto é, que pudessem ser aplicados à sociedade em geral e nem mesmo à todas as pessoas que residissem no respectivo bairro onde foi aplicado o questionário e colhidas as entrevistas.

O foco principal desta pesquisa era saber como as pessoas vêem o uso da câmera escondida em reportagens televisivas, se elas aceitavam como uma ferramenta qualquer

e ética, da qual o jornalista pudesse lançar mão sempre que precisasse, em qualquer situação ou somente em casos específicos ou sendo mais restritivos, isto é, que o profissional não pudesse, em hipótese alguma, usar tal recurso.

O que se percebeu é que cada um tem seu ponto de vista baseado em suas experiências de vida e nos encontros com os vários Outros que fizeram parte de sua constituição. Portanto, não assistem à TV de forma acrítica e que as mensagens que são veiculadas repercutem na vida de cada um conforme suas próprias ideologias.

Mais do que isto a TV não se constitui no único meio de se obter a informação, embora alguns dos entrevistados tenham feito esta observação, eles entram em contatos com os múltiplos discursos em diversas situações referentes ao seu dia a dia.

Em relação aos questionamentos levantados uma das questões era se os espectadores acreditavam que esta fosse a única maneira que o repórter tem de conseguir a matéria neste ponto também não houve um consenso entre os entrevistados, a maioria respondeu que sim e houve quem discordasse e neste ponto o jornalista deve fazer referência ao uso de tal equipamento e os motivos que o levaram a utilizá-lo sem banalizações, mas como último recurso para se prestar um serviço de qualidade ao espectador e não como forma de atrair a audiência.

Diante de tudo o que foi dito, de todas as perguntas e respostas o que ficou evidente é que os espectadores não assimilam o que vêem na TV como se fossem uma massa homogênea, isto é, não são capazes de formular juízos próprios. De certa forma o espectador por sua vez, se torna co-responsável pelo tipo de jornalismo abordado pela TV, uma vez que existe um dialogismo entre ambos.

Ficou evidente também o fato do sensacionalismo atrair a atenção do espectador e se transforma em um grande espetáculo no jornalismo prende a atenção do espectador e a câmera escondida produz esse efeito de espetacularização da notícia.

Diante de todas estas questões diante da audiência e da penetração dos telejornais, principalmente o Jornal Nacional da Rede Globo, mesmo assim o que fica claro é que com tudo isto os espectadores assistem e não concordam cem por cento com o que foi apresentado, existe sempre um mecanismo de defesa que faz com que haja questionamentos e depois nas interações com outros indivíduos no cotidiano reelaboram as informações.

Por tudo que foi explicitado, pelos assuntos levantados durante esta pesquisa o que fica claro é que existe um tripé entre jornalista, empresa e espectador que norteia mas, que está sempre em uma tensão entre informação, índices de audiência ética e

estética. Outros pontos talvez menos visíveis a um primeiro olhar também estão em uma relação dialética como a ideologia oficial e a do cotidiano.

Tudo isso dentro de uma mesma perspectiva é que move e direciona as questões referentes ao fazer jornalístico e ao público espectador. Diante de tantas zonas de tensões e conflitos apontam-se soluções e a primeira delas é que o profissional de jornalismo tenha uma boa formação acadêmica, não somente técnica, mas também voltada principalmente para a condição estética que exige uma ação individual responsável e única, dentro da qual se amplie a capacidade de entendimento e de discernimento do jornalista, para que ele possa perceber as diferentes formas de manipulações existentes e deflagrá-las.

O uso da câmera escondida é em parte responsabilidade do jornalista, sendo assim, ele precisa ter uma formação melhor, portanto, é imprescindível se discutir cada vez mais o assunto tanto no meio acadêmico, como nas empresas, e principalmente com o público espectador, uma vez que ele é quem vai receber essa informação como produto final.

8 Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação da grande imprensa. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. 64 p.

ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 159-204.

ALMEIDA, Edileuson. Um peregrino paciente. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: publisher Brasil, 2003. p. 41-52.

ARISTÓTELES. Ética a nicômaco, Brasília: Editora UNB, 2001. 240 p.

ASSIZ, Rodrigues de; LUCIO, Antônio. Um país rico em histórias. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 141-152.

AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 99-117.

BAKHTIN Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem, (v.n. volochínov) 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 200 p.

_____. Estética da criação verbal. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 512 p.

_____. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, et al. 3 edição. São Paulo: Hucitec, 1993. 440 p.

_____. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. 160 p.

BATISTA, Marcela de Matos. Jornalismo Apaixonado. In LOPES, Dirceu Fernandes. PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 53-60.

BARCELLOS, Caco. Rota 66. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 352 p.

BIAL, Pedro. Roberto Marinho. Coleção memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 400 p.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996. 232 p.

_____. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 144 p.

_____. O poder simbólico. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 322 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 22 ed. São Paulo: Promulgada em 5 de outubro de 1988. 496 p.

BURKE Peter, BRIGGS Asa. Uma história social da mídia – De Gutenberg a internet. Traduzido por Maria Carmelita Padua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 380 p.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 256p.

BUCCI, Eugênio, KEHL, Maria Rita. Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004. 256 p.

CALDAS, Waldenyr. Cultura de massa e política de comunicações. São Paulo: Global, 1991. 93 p.

CAPARELLI, Sérgio. Televisão e capitalismo no Brasil: Com dados da pesquisa da ABEPEC. Porto Alegre: L&PM, 1982. 196 p.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venancio Majer. Col. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 4 ed. Paz e Terra, 2000. 698 p.

_____. Fim de milênio. Lisboa: fundação calouste gulbenkian, 1998. 559 p.

CHEIDA, Marcel. As origens da imprensa e do jornal. *Jornalismo – Revista de estudos do curso de jornalismo*. PUC-Campinas, Campinas, Vol. 3/4, n. 2, p. 57-81, jul/dez 2000 – jan/jul 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 166 p.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 240 p.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo – Redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo, Ática, 1991. 256 p.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Ética e jornalismo*. 2 ed. São Paulo: Escrituras, 2004. 96 p.

FACHIN, Odília. *Fundamentos da metodologia*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 210 p.

FALASCHI, Celso Luiz. **Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro**. 2205. 440f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001. 375 p.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. 144 p.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

FORTES Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005. 128 p.

FAUSTO NETO, A. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991. 161 p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir – história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987. 264 p.

HABERMAS, Jurgen. *Mudanças estrutural na esfera pública*. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984. 398 p.

HAGEN, Sean. Do telejornalismo ao espetáculo: a glamorosa vida privada dos apresentadores do jornal nacional. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 93-112.

_____. *Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrelas*. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Vozes: Petrópolis, 2008. p. 29-46.

HASWANI, Mariângela. Memória e descoberta. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 111-116.

IANNI, Octávio. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 272 p.

KANT, Immanuel. Crítica da razão prática. Lisboa: Edições 70, 1994. 185 p.

KARAM, Francisco José. Jornalismo ética e liberdade. 2 ed. São Paulo: Summus, 1997. 152 p.

_____. A ética no jornalismo e o interesse público. São Paulo: Summus, 2004. 280 p.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004. 80 p.

KREMER-MARIETTI, Angèle. A ética. Campinas: Papyrus, 1989. 136 p.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo na era virtual ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Unesp, 2005. 144 p.

_____. A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. 200 p.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 200 p.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. Jornalismo investigativo. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. 208 p.

LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1975. 346 p.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. 5 ed. São Paulo: Senac. 2000. 244 p.

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. Lisboa: Guimarães Editores, 1999. 182 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo, Ática, 2 edição, 1989. 188 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES Dênis (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MATTOS, Sérgio. Um perfil da tv brasileira. (40 anos de história: 1950-1990). ABAP/A Tarde, Salvador, 1990. 85 p.

MATTELART, Armand e Michèle. História das teorias da comunicação. 9 ed. São Paulo: Loyola, 1999. 224 p.

MELO, José Marques de. Impasses do jornalismo na virada do milênio. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento. Política, ciência, divulgação**. v. 2, Campinas, Editora Pontes, 2003.

_____. Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3 edição. Campos do Jordão, Mantiqueira, 2001. 240 p.

MERKX, Ângela da Costa Cruz. Investigação comprometida com o interesse público. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p.83-91.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucília Maria Sousa (orgs.). **Discurso e texto multiplicidade de sentidos na ciência da informação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2008. p. 91-99.

MOORES, S. Interpreting audiences, the ethnography of media consumption. Londres: SAGE publications, 1993. 154 p.

MORAES, Dênis de (org) A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 33-49.

MORAIS, Fernando. Chatô o rei do Brasil. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 720 p.

MOREIRA, Simone. O olho da sociedade. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 103-109.

MORLEY, D. Family television: cultural power and domestic leisure. London and New York: Routledge, 1986. 178 p.

PADILHA, Sônia. Uma visão além do pragmatismo. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 61-70.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na tv. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 232 p.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no jornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulos, 2006. p. 81-106.

PEREIRA Jr, Alfredo Eurico Vizeu. Decidindo o que é notícia. 4 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 142 p.

PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto. 2008. 336 p.

REZENDE, Guilherme Jorge. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000. 278 p.

RIZZINI, Carlos. O jornalismo antes da tipografia. São Paulo, Editora Nacional, 1977. 204 p.

RODRIGUES, Víctor Amorim. Responsabilidade penal na lei de imprensa: a responsabilidade sucessiva e o direito penal moderno. São Paulo: Apta, 2004. 270 p.

ROVAI, Renato. Além da mesa do bar. In LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. P. 93-101.

SAUSSURE, Ferdinand de [1916]. Curso de lingüística geral. São Paulo, Editora Cultrix, 2000. 280 p.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do jornal nacional da globo entre trabalhadores. 4. ed. São Paulo: Summus, 1985. 164 p.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

SQUIRRA, Sebastião. Aprender telejornalismo. Produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1995. 187 p.

_____. Bóris Casoy. O âncora no telejornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1993. 206 p.

TÁVOLA, Artur da. A liberdade do ver – televisão, indivíduos e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 312 p.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operatória. São Paulo: Polis, 1980. 270 p.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. 5 edição. Petrópolis: Vozes, 1998. 264 p.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. 224 p.

VALLS, Álvaro L. M. O que é ética. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 84 p.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 304 p.

VIZEU, Alfredo. O lado oculto do telejornalismo. Florianópolis: Calandra, 2005. 200 p.

WAINER, Samuel. Minha razão de viver – memórias de um repórter. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. 368 p.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 530 p.

ANEXO 1

Questionário para aplicação pesquisa de mestrado que tem como título:

R. S. S., 28 anos, empregada doméstica.

1 – Com qual frequência você assiste a telejornais?

R.: Quase todos os dias. Bem dizer todos os dias.

2 – Quais os dois telejornais mais assistidos na sua casa? Por quê?

R.: Assistio mais o da Globo, que é a noite eu já to em casa. Eu assistio mais é o Jornal Nacional. Outro jornal...deixa eu ver...Ah! quando chego cedo, e dá tempo vejo o da Band dom o Datena, mas é muita tragédia. Tem dia que não dá.

3- Você gosta de assistir a notícias que tem a chamada como sendo exclusivas?

R.: Eu gosto. Parece que é alguma coisa importante, só se eu tiver com sono, se eu to descansada eu espero. Sou muito curiosa. Quando não assisto chego onde trabalho no outro dia e dou um jeito de saber. É bom saber o que ta acontecendo, tem coisa que afeta a gente.

4 – Quando você vê uma reportagem transmitida pelo telejornal que tem como ferramenta a câmera escondida, te chama a atenção?

R.: Chama sim. É igual eu te falei sou muito curiosa e fico querendo saber. Parece coisa de detetive.

5 – Você acha que é correto o repórter utilizar uma câmera escondida para fazer uma matéria sem que a pessoa que é o alvo saiba que está sendo gravada? Por quê?

R.: Eu acho. Mas, não é pra tudo não. Tem coisa que não precisa. Agora tem coisa que só com a maquininha mesmo pra saber.

Este tipo de atitude não deveria ser aprovada pelos chefes em nenhum canal de TV. Parece que o jornal fica parecendo um filme de suspense! Como que o repórter fazia para conseguir as notícias antes de existir a câmera escondida? O jornal não pode ser um jogo de vale tudo, como em toda profissão tem que ter regras. A gente muda de canal e no outro jornal, do Datena, o cara sai correndo com a câmera na mão para mostrar uma tragédia. É o pai que fez mal para a filha, filho que mata mãe. Só tragédia! Muda pra Globo e vem com esse negócio de câmera escondida, de imagem que alguém conseguiu sabe lá como. Não é certo não. Parece ser a maneira mais fácil. Mas, olha vou te contar... no meu trabalho nada é fácil e tenho que fazer!

6 – Você acha que o repórter deve se valer de todo e qualquer meio disponível para fazer uma reportagem?

R.: Se é a obrigação dele eu acho que sim. Desde que não vai fazer mal assim, mentir ou fazer coisa errada. A gente quando tem de fazer alguma coisa no trabalho as vezes não quebra a cabeça pra achar um jeito que dê certo. É a mesma coisa.

7 – Depois de assistir ao vídeo sobre a clínica de abortos clandestinos, você acha que o repórter agiu corretamente?

R.: Eu acho. A moça lá não ia falar olha vem cá eu faço isso e é errado. Tem coisa que é igual eu falei, tem achar um jeito e ainda bem que existe um monte de jeito de conseguir

o que ele quer e tem mais, só assim pra gente saber um monte de coisa errada que acontece.

8 – Você acha que é correto o repórter se passar por outra pessoa para conseguir as declarações e transmiti-las em rede nacional?

R.: Mentir...Não acho certo não. Porque se ele tá ali pra falar a verdade e já começa mentindo fica muito estranho! Depois eu fico pensando que deve ter outra forma dele conseguir, dele saber as coisas. No jornal tem que falar a verdade. Pra ver uma pessoa fingindo, representando eu assisto filme, novela.

9 – O repórter deveria ou não ter mostrado o rosto da atendente que trabalhava na clínica?

R.: Se ela tava ali, dando as informações, atendendo, acho que ela sabia de tudo e tava no meio também. Tudo bem que não igual a médica lá que fez tudo, mas também não é a mais inocente.

10 – Ele agiu corretamente nesta matéria especificamente? Por quê?

R.: Acho que sim. Tinha uma coisa errada ele foi lá mostrou tudo direitinho, explicou, quem não sabia que era crime ele falou. Acho que a única coisa errada foi ele mentir o nome e tal, mas também não sei se falar qual o outro jeito que ele tinha pra conseguir tudo.

11- Na sua opinião quando o repórter deve utilizar uma câmera escondida?

R.: Acho que quando for algo difícil de conseguir de outro jeito né? Coisas igual corrupção, crime, assim. Tem coisas que eles mostram que pode até correr risco de vida. Aí eu acho que ele deve usar né?

12 – Na sua opinião porque o repórter usa uma câmera escondida?

R.: Porque ele quer mostrar uma notícia, alguma coisa que é perigoso ele mostrar com uma câmera grande e coisas que ninguém vai chegar e falar a verdade pra ele. Igual nas notícias que você colocou aí.

13 – Você acha que utilizando tal ferramenta o repórter tem mais credibilidade? Dá mais audiência para o telejornal? Deixa a matéria mais interessante?

R.: Acho que sim. A pessoa fica mais curiosa, espera pra ver...igual eu mesmo. Aí muita gente pra pra assistir. E não tem como ser mentira as imagens tão lá, ele tá mostrando pra todo mundo.

14 – Você acha que o repórter deve mostrar todas as pessoas envolvidas, ou só quem comete o delito, ou nenhuma delas, apenas relatar o acontecimento?**R.:** Deve mostrar todo mundo que é pra gente ver bem a cara deles.

15 - Quantos aparelhos de TV você tem em casa?

R.: Só um, mas já tô juntando dinheiro pra comprar outra, dessas mais modernas.

16 - Em qual cômodo da casa fica o aparelho?

R.: Fica na sala.

17 - Quem determina a programação a ser assistida?

R.: Na hora da novela eu. Na hora do jornal aí eu deixo ele, porque aproveito pra arrumar a janta. Mas, aumento o volume que é pra escutar as notícias.

ANEXO 2

Questionário para aplicação da pesquisa de mestrado.
A.C.R., de 37 anos, dona de casa.

1 – Com qual frequência você assiste a telejornais?

R.: Bom, aqui em casa assisto todos os dias, porque logo depois tem a novela, então a televisão já fica ligada direto que é pra não perder a hora, aí a gente aproveita e fica sabendo o que ta acontecendo.

2 – Quais os dois telejornais mais assistidos na sua casa? Por quê?

R.: O da Globo: Jornal Nacional e o da Band o do Datena. O da Globo, por causa da novela como já falei e o da Band porque eu sempre acompanho o Datena desde que ele era só do rádio.

3- Você gosta de assistir a notícias que tem a chamada como sendo exclusivas?

R.: Eu gosto sim porque geralmente é alguma coisa que você só vai ficar sabendo se assistir e no outro dia no trabalho todo mundo comenta se não assiste você fica por fora da conversa, não sabe nem do que ta falando. E geralmente é alguma bomba! O problema é que sempre deixam por último aí a gente é obrigado a assistir o jornal inteirinho só pra ver a tal notícia. Isso eu até acho que eles podiam mudar. Ao invés de ficar falando toda hora, passa logo e pronto aí libera a gente pra fazer a janta, arrumar a cozinha e na hora que a novela começa já ta tudo pronto é só assistir e descansar.

4 – Quando você vê uma reportagem transmitida pelo telejornal que tem como ferramenta a câmera escondida, te chama a atenção?

R.: Chama sim. Mas, eu acho que é só manobra, você acha que a pessoa não sabe que ta sendo filmada ali? Ainda mais hoje em dia, acho que isso é montagem só pra chamar a atenção das pessoas. Mas, eu sempre acabo assistindo porque é o que tem de diferente. Parece até filme de suspense.

5 – Você acha que é correto o repórter utilizar uma câmera escondida para fazer uma matéria sem que a pessoa que é o alvo saiba que está sendo gravada? Por quê?

R.: Eu acho certo. Porque tem um monte de coisa errada acontecendo é político roubando, igual nas notícias que você mostrou. O cara paga pra levar a melhor, é desonesto ta passando um monte de gente honesta pra trás, tem que mostrar. Se a pessoa souber que ta sendo filmada e tal não vai confessar nunca. Agora eu fico sempre pensando é como que a câmera tava ali, quem colocou? E ninguém vê.

6 – Você acha que o repórter deve se valer de todo e qualquer meio disponível para fazer uma reportagem?

R.: Acho que deve sim. Apesar de as vezes ver muito repórter se passando por outra pessoa, comprando a droga lá pra mostrar como é que é, pagando a propina pra mostrar que o cara ta recebendo. Ele acaba fazendo igual né? Mas, acho que tem que mostrar mesmo pra todo mundo quem ta fazendo coisa errada que é pra ver se dá um jeito na bagunça.

7 – Depois de assistir ao vídeo sobre a clínica de abortos clandestinos, você acha que o repórter agiu corretamente?

R.: Acho que sim, ele foi mostrar o que tava acontecendo de errado. Na clínica de aborto tinha uma pessoa ali que no caso era médica, que tava fazendo coisa errada, não é porque é médica, advogado, político que pode fazer coisa errada. A lei tem que ser igual pra todos e aborto é crime, né? Então ta cometendo crime tem que mostrar. Tem gente que vai na inocência. Essas meninhas novinhas aí e o pior é igual a moça falou, não tem esclarecimento e depois acontece e volta de novo. A médica tinha que ensinar direitinho e não querer o dinheiro a qualquer custo, mesmo fazendo coisa errada igual ao aborto.

E na outra reportagem também acho que agiu certo. Não é só porque tem dinheiro que pode pagar pra conseguir alguma coisa e no Brasil a gente vê muito isso.

8 – Você acha que é correto o repórter se passar por outra pessoa para conseguir as declarações e transmiti-las em rede nacional?

R.: Não acho certo não, mas se ele não fizer assim como ele vai conseguir saber de tanta maracutaia. A pessoa não vai falar pro repórter: Olha, vem aqui deixa eu te contar, eu sou criminoso fiz um monte de coisa errada. Ninguém faz isso. E acho que tem que mostrar pra todo mundo sim. A gente tem que saber.

9 – O repórter deveria ou não ter mostrado o rosto da atendente que trabalhava na clínica?

R.: Devia sim. Ela não ta ali de inocente, ela sabe onde trabalha e o que acontece lá dentro. Emprego ta difícil eu sei, mas trabalhar com coisa errada é errado também. É igual fala naquele ditado diz com quem andas e te direi quem és. Quem brinca na lama acaba se sujando. É o caso dela.

11- Na sua opinião, quando o repórter deve utilizar uma câmera escondida?

R.: Quando ele tiver que mostrar essas coisas erradas ele tem que usar, acho que faz parte do trabalho dele.

12 – Na sua opinião, porque o repórter usa uma câmera escondida?

R.: Tem repórter que faz certinho. Vai lá mostra a sujeira, usa lá a câmera escondida e tal. Agora tem repórter que é espertinho. Tem coisa que nem precisa e ele vai lá pega a câmera e filma só pra fazer uma cena e chamar a atenção de quem ta assistindo. Acho que ele usa pra mostrar coisa que ele não ia conseguir mostrar de outro jeito.

13 – Você acha que utilizando tal ferramenta o repórter tem mais credibilidade? Dá mais audiência para o telejornal? Deixa a matéria mais interessante?

R.: Ah! Com certeza chama mais a atenção e todo mundo quer assistir e aí mostra mesmo né? Com a câmera filmando escondido a pessoa nem sabe e continua fazendo tudo do jeito que faz. Eu acho que fica mais interessante sim e quando aparece na televisão aí todo mundo fica sabendo. Não tem como mentir.

14 – Você acha que o repórter deve mostrar todas as pessoas envolvidas, ou só quem comete o delito, ou nenhuma delas, apenas relatar o acontecimento?

R.: Acho que se é pra mostrar, tem que mostrar todo mundo. Quem faz e quem ta no meio também. Ta todo mundo no mesmo barco.

15 - Quantos aparelhos de TV você tem em casa?

R.: Tenho um.

16 - Em qual cômodo da casa fica este aparelho?

R.: Na sala e lá no quarto.

17 - Quem determina a programação a ser assistida?

R.: Na hora do jornal até deixo meu marido, mas na hora da novela aí quem manda sou eu.

ANEXO 3

Questionário para aplicação da pesquisa de mestrado.

E. F. Q., de 49 anos, secretária.

1 – Com qual frequência você assiste a telejornais?

R.: Assistio quase todos os dias. Só não assistio quando não estou em casa, quando tenho algum compromisso.

2 – Quais os dois telejornais mais assistidos na sua casa? Por quê?

R.: Assistio mais o Jornal Nacional da Globo, acho que nele já aparece todas as notícias de tudo o que aconteceu no dia. Dá pra ficar informada, aí não preciso ver mais nada. ÀS vezes chego de manhã na empresa e lá tem vários jornais, mas é tudo notícia que já apareceu no Jornal Nacional na noite anterior. Dou uma olhada por cima, mas não perco meu tempo.

3- Você gosta de assistir a notícias que tem a chamada como sendo exclusivas?

R.: Gosto. Geralmente é alguma coisa muito interessante que só aparece no jornal da Globo, então cria até um certo suspense, faz a gente ficar curiosa pra saber o que aconteceu.

4 – Quando você vê uma reportagem transmitida pelo telejornal que tem como ferramenta a câmera escondida, te chama a atenção?

R.: Chama. É um tipo de notícia diferente e dá a impressão de que foi aquilo ali e pronto. O outro que tá sendo filmado não tem tempo nem de preparar uma desculpa.

5 – Você acha que é correto o repórter utilizar uma câmera escondida para fazer uma matéria sem que a pessoa que é o alvo saiba que está sendo gravada? Por quê?

R.: Acho que sim dependendo do caso sim. Porque tem coisa que é perigoso o repórter chegar e começar a filmar lá. Pelo menos na minha opinião. E também tem coisa que ele não vai conseguir se não for dessa maneira. A gente vê isso todos os dias, o criminoso ainda fala que não fez nada.

6 – Você acha que o repórter deve se valer de todo e qualquer meio disponível para fazer uma reportagem?

R.: Dentro daquilo que é disponível pra ele sim. Acho correto ele utilizar dos recursos disponíveis.

7 – Depois de assistir ao vídeo sobre a clínica de abortos clandestinos, você acha que o repórter agiu corretamente?

R.: Acho que sim. Me incomoda ele não falar o nome, se passar por outra pessoa.

8 – Você acha que é correto o repórter se passar por outra pessoa para conseguir as declarações e transmiti-las em rede nacional?

R.: Acho errado, mas se ele tem outra maneira de fazer isso tudo bem. Mas, acho que se lê chegar lá e se apresentar como repórter acabou ali. Tem empresa que é capaz de chamar até a segurança.

9 – O repórter deveria ou não ter mostrado o rosto da atendente que trabalhava na clínica?

R.: Da atendente? Acho que não precisava não, mas aí depende muito da pessoa. Na hora lá ele deve ter achado que era importante. Não sei como funciona na profissão dele.

10 – Ele agiu corretamente nesta matéria especificamente? Por quê?

R.: Acho que sim. Pelo menos pra mim. Eu gostei no geral.

11- Na sua opinião quando o repórter deve utilizar uma câmera escondida?

R.: Quando ele não consegue mostrar alguma coisa importante de outra forma, ou quando ele corre risco de vida. Igual aquele repórter que morreu fazendo uma reportagem, lembra? Pois é, tem coisa que é perigosa. As pessoas não estão nem aí matam mesmo.

12 – Na sua opinião porque o repórter usa uma câmera escondida?

R.: Porque tem alguma coisa que vale a pena ser mostrada ali e que essa é a única maneira dele mostrar. Acho que é isso.

13 – Você acha que utilizando tal ferramenta o repórter tem mais credibilidade? Dá mais audiência para o telejornal? Deixa a matéria mais interessante?

R.: Acho que acaba dando e tem muita gente que gosta mesmo de ver é essas notícias que chamam a atenção...parecendo um circo. Eu acho que tem coisa que ele vai conseguir de uma forma, tem outra situação que não. Cada caso é um caso.

14 – Você acha que o repórter deve mostrar todas as pessoas envolvidas, ou só quem comete o delito, ou nenhuma delas, apenas relatar o acontecimento?

R.: Se fazem parte da história sim. Se não, não.

15 - Quantos aparelhos de TV você tem em casa?

R.: Tenho dois.

16 - Em qual cômodo da casa ficam estes aparelhos?

R.: Um na sala e um no meu quarto.

17 - Quem determina a programação a ser assistida?

R.: O dia que quero assistir alguma coisa mesmo eu falo pro meu marido, o dia que tem futebol eu até já sei principalmente se for o time dele, aí já viu. Mas, a gente acaba entrando num acordo. Quando não tem jeito e os dois querem ver coisas diferentes um fica na sala e o outro no quarto.

ANEXO 4

Questionário para aplicação pesquisa de mestrado que tem como título: C.S.C., de 44 anos, trabalha em cantina escolar.

1 – Com qual frequência você assiste a telejornais?

R.: Quase todo dia, difícil um dia que não assisto.

2 – Quais os dois telejornais mais assistidos na sua casa? Por quê?

R.: O jornal Nacional e deixa eu ver o outro... Acho que é mais o Jn mesmo. O do Datena de vez em quando. Porque eu gosto mais dos apresentadores da Globo e parece mais sério o jornal.

3- Você gosta de assistir a notícias que tem a chamada como sendo exclusivas?

R.: Gosto sim. São notícias que só vê ali naquele jornal, alguma notícia quente, alguma coisa que alguém descobriu e que só vai ser mostrado ali mesmo. A Globo faz muito isso.

4 – Quando você vê uma reportagem transmitida pelo telejornal que tem como ferramenta a câmera escondida, te chama a atenção?

R.: Chama. Hoje com essa câmera pequeninha que ninguém vê o povo tem que ficar bem esperto. Qualquer hora a gente pode ta lá na televisão e nem saber, dá até medo!

5 – Você acha que é correto o repórter utilizar uma câmera escondida para fazer uma matéria sem que a pessoa que é o alvo saiba que está sendo gravada? Por quê?

R.: Não vejo nada de errado e depois só assim mesmo pra conseguir mostrar tanta coisa errada que acontece nesse país. E mesmo assim, eles ainda conseguem se livrar né? No Brasil só vai preso quem não tem dinheiro. O sujeito as vezes rouba um pedaço de pão e apodrece na prisão. Agora vai lá e vê se tem gente rica, paga e ta fora. A não ser quando acontece igual a história lá da menina que o pai e a madrasta mataram a pequeninha a Nardoni aí vira um negócio, passa na televisão toda hora e o país inteiro só falava nisso. Se eles não fossem presos o povo matava aqui fora.

6 – Você acha que o repórter deve se valer de todo e qualquer meio disponível para fazer uma reportagem?

R.: Acho que deve sim, usar essas câmeras ele só ta mostrando a verdade. Gravar os telefonemas igual a gente vê muito. Só assim pra conseguir.

7 – Depois de assistir ao vídeo sobre a clínica de abortos clandestinos, você acha que o repórter agiu corretamente?

R.: Acho que fez certinho. Ta certinho. Ela tava fazendo errado né? Ele foi lá e conseguiu mostrar.

8 – Você acha que é correto o repórter se passar por outra pessoa para conseguir as declarações e transmiti-las em rede nacional?

R.: Tem coisa que ele só vai conseguir assim mesmo. Porque se ele falar que é repórter o povo sai correndo igual eu já vi muitos no jornal correndo do repórter.

9 – O repórter deveria ou não ter mostrado o rosto da atendente que trabalhava na clínica?

R.: A menina nem é culpada né. As vezes só tava querendo trabalhar. Mas, infelizmente escolheu o ligar errado. Acho que dela não precisava não. Mas, da médica lá e da outra que convencia o repórter precisava sim. A psicóloga né? Pois é, ela também ajudou a convencer a fazer o aborto, então metade da culpa se a gente for ver é dela.

11- Na sua opinião quando o repórter deve utilizar uma câmera escondida? Sempre, em qualquer matéria?

R.: Acho que sempre que tiver alguém cometendo crime, fazendo coisa errada, ele tem que usar sim. Que é pra gente ver bem a pessoa e saber quem é ela.

12 – Na sua opinião porque o repórter usa uma câmera escondida?

R.: Porque fica difícil chegar no criminoso e falar que é repórter e conseguir saber a verdade. Só se a pessoa tiver louca. Acho que é por isso.

13 – Você acha que utilizando tal ferramenta o repórter tem mais credibilidade? Dá mais audiência para o telejornal? Deixa a matéria mais interessante?

R.: Dá mais audiência sim, todo mundo quer ver o que aconteceu. Acho que é melhor pro repórter mostrar ele fica parecendo até que fez uma investigação, dá um ar diferente na notícia. Sabe aquela coisa que ele foi lá escondido e conseguiu sem ninguém ver.

14 – Você acha que o repórter deve mostrar todas as pessoas envolvidas, ou só quem comete o delito, ou nenhuma delas, apenas relatar o acontecimento?

R.: Acho que se ta envolvida ele tem que mostrar que é pra até evitar que a pessoa continue. Agora quem fez mesmo esse ele tem que mostrar. Só falar a gente não vê, não sabe quem é só quem conhece. Tem que mostrar.

15 - Quantos aparelhos de TV você tem em casa?

R.: Um

16 - Em qual cômodo da casa ficam estes aparelhos?

R.: Na sala, é essa aqui.

17 - Quem determina a programação a ser assistida?

R.: A maioria eu, mas futebol eu não assisto não, aí deixo por conta dele.